

BIBLIOTHECA

101

POETAS CLASSICOS

BIBLIOTHECA

DOS

POETAS CLASSICOS

DA

LINGUA PORTUGUEZA.



DE O. J. C. DE

TYPOGRAPHIA DE L. J. C.

1851

1851

**BIBLIOTHECA**

DOS

**POETAS CLASSICOS**

DA

**LINGUA PORTUGUEZA.**

**T. II.**



**RIO DE JANEIRO,**  
**TYPOGRAPHIA DE LAEMMERT,**  
**RUA DOS OURIVES.**

**1841.**





OS  
**LUSIADAS,**

Poema Epico

**DE LUIS DE CAMÕES,**

CORRECTO E EMENDADO PELO CUIDADO E DILIGENCIA.

DE

**J. V. BARRETO FEIO E J. G. MONTEIRO.**

**TOMO SEGUNDO.**

COM ESTAMPAS.



**RIO DE JANEIRO,**

**EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT,**

MERCADORES DE LIVROS.

1841.

VENUS APLACA OS VENTOS E A TORMENTA.

Abrandar determina por amores  
Dos ventos a nojosa companhia,  
Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,  
Que mais formosas vinhão que as estrellas.

CANTO VI, EST. LXXVII.





## LUSIADAS.

## CANTO SEXTO.

## I.

**N**ão sabia em que modo festejasse  
 O Rei pagão os fortes navegantes,  
 Para que as amizades alcançasse  
 Do Rei christão, das gentes tão possantes:  
 Peza-lhe que tão longe o aposentasse  
 Das Europeas terras abundantes  
 A ventura, que não no fez visinho  
 Onde Hercules ao mar abriu caminho.

## II.

Com jogos, danças e outras alegrias,  
 A segundo a policia Melindana,  
 Com usadas e ledas pescarias,  
 Com que a Lageia Antonio alegre e engana,  
 Este famoso Rei, todos os dias,  
 Festeja a companhia Lusitana,  
 Com banquetes, manjares desusados,  
 Com fructas, aves, carnes e pescados.

## III.

Mas vendo o Capitão que se detinha  
Ja mais do que devia, e o fresco vento  
O convida que parta, e tome asinha  
Os pilotos da terra e mantimento,  
Não se quer mais deter, que ainda tinha  
Muito para cortar do salso argento:  
Ja do Pagão benigno se despede,  
Que a todos amizade longa pede.

## IV.

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja  
Sempre com suas frotas visitado;  
Que nenhum outro bem maior deseja,  
Que dar a taes Barões seu reino e estado:  
E que em quanto seu corpo o espirito reja,  
Estará de contino aparelhado  
A pôr a vida e reino totalmente,  
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

## V.

Outras palavras taes lhe respondia  
O Capitão, e logo as vélas dando,  
Para as terras da Aurora se partia,  
Que tanto tempo ha ja que vai buscando.  
No piloto que leva não havia  
Falsidade, mas antes vai mostrando  
A navegação certa: e assi caminha  
Ja mais seguro do que d'antes vinha.

## VI.

As ondas navegavão do Oriente  
 Ja nos mares da India, e enxergavão  
 Os thalamos do sol, que nasce ardente;  
 Ja quasi seus desejos se acabavão.  
 Mas o mao de Thyoneo, que na alma sente  
 As venturas que então se aparelhavão  
 Á gente Lusitana, dellas dina,  
 Arde, morre, blasphema, e desatina.

## VII.

Via estar todo o Ceo determinado  
 De fazer de Lisboa nova Roma:  
 Não no póde estorvar, que destinado  
 Está d'outro podêr que tudo doma.  
 Do Olympto desce em fim desesperado,  
 Novo remedio em terra busca e toma;  
 Entra no humido reino, e vai-se á côrte  
 Daquelle a quem o mar cahio em sorte.

## VIII.

No mais interno fundo das profundas  
 Cavernas altas, onde o mar se esconde,  
 Lá donde as ondas sahem furibundas,  
 Quando ás iras do vento o mar responde,  
 Neptuno mora, e morão as jucundas  
 Nereidas, e outros deoses do mar, onde  
 As águas campo deixão ás cidades,  
 Que habitão estas humidas deidades.

## IX.

Descobre o fundo nunca descoberto  
 As areias alli de prata fina ;  
 Torres altas se vem no campo aberto  
 Da transparente massa crystallina.  
 Quanto se chegão mais os olhos perto ,  
 Tanto menos a vista determina  
 Se he crystal o que vê , se diamante ,  
 Que assi se mostra claro e radiante.

## X.

As portas d'ouro fino e marchetadas  
 Do rico aljofar que nas conchas nace ,  
 De esculptura formosa estão lavradas ,  
 Na qual o irado Baccho a vista paze :  
 E vê primeiro em côres variadas  
 Do velho chaos a tão confusa face :  
 Vem-se os quatro elementos trasladados  
 Em diversos officios occupados.

## XI.

Alli sublime o Fogo estava em cima ,  
 Que em nenhuma materia se sustinha ;  
 Daqui as cousas vivas sempre anima ,  
 Depois que Prometheo furtado o tinha.  
 Logo após elle leve se sublima  
 O invisibil Ar , que mais asinha  
 Tomou lugar , e nem por quente , ou frio ,  
 Algum deixa no mundo estar vazio.

## XII.

Estava a Terra em montes, revestida  
De verdes hervas e árvores floridas,  
Dando pasto diverso, e dando vida  
Ás alimarias n'ella produzidas.  
A clara fôrma alli estava esculpida  
Das Águas entre a terra desparzidas,  
De pescados criando vários modos,  
Com seu humor mantendo os corpos todos.

## XIII.

N'outra parte esculpida estava a guerra  
Que tiverão os deoses co'os gigantes :  
Está Typheo debaixo da alta serra  
D'Ethna, que as flammias lança crepitantes :  
Esculpido se vê ferindo a terra  
Neptuno, quando as gentes ignorantes  
Delle o cavallo houverão, e a primeira  
De Minerva pacífica oliveira.

## XIV.

Pouca tardança faz Lyeo irado  
Na vista destas cousas, mas entrando  
Nos paços de Neptuno, que avisado  
Da vinda sua, o estava ja aguardando,  
E ás portas o recebe, acompanhado  
Das nymphas, que se estão maravilhando,  
De ver que commettendo tal caminho,  
Entre no reino d'água o rei do vinho :

## XV.

Ó Neptuno, lhe disse, não te espantes  
 De Baccho nos teus reinos receberes,  
 Porque tambem co'os grandes e possantes  
 Mostra a fortuna injusta seus podêres:  
 Manda chamar os deoses do mar, antes  
 Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;  
 Verão da desventura grandes modos:  
 Oução todos o mal que toca a todos.

## XVI.

Julgando ja Neptuno que seria  
 Estranho caso aquelle, logo manda  
 Tritão que chame os deoses da água fria,  
 Que o mar habitão d'huma e d'outra banda.  
 Tritão, que de ser filho se gloria  
 Do Rei e de Salacia veneranda,  
 Era mancebo grande, negro e feio,  
 Trombeta de seu pae e seu correio.

## XVII.

Os cabellos da barba, e os que decem  
 Da cabeça nos hombros, todos erão  
 Huns limos prenhes d'água, e bem parecem  
 Que nunca brando pentem conhecêrão:  
 Nas pontas pendurados não fallecem  
 Os negros misilhões, que alli se gerão;  
 Na cabeça por gorra tinha posta  
 Huma mui grande casca de lagosta.

## XVIII.

O corpo nu e os membros genitais,  
 Por não ter ao nadar impedimento;  
 Mas porém de pequenos animais  
 Do mar todos cobertos, cento e cento:  
 Camarões e cangrejos, e outros mais  
 Que recebem de Phebe crescimento;  
 Ostras e misilhões de musgo sujos,  
 Às costas com a casca os caramujos.

## XIX.

Na mão a grande concha retorcida  
 Que trazia, com fôrça ja tocava:  
 A voz grande canora foi ouvida  
 Por todo o mar, que longe retumbava:  
 Ja toda a companhia apercebida  
 Dos deoses para os paços caminhava  
 Do deos que fez os muros de Dardania,  
 Destruídos depois da Grega insania.

## XX.

Vinha o padre Oceano acompanhado  
 Dos filhos e das filhas que gerára;  
 Vem Nereo, que com Doris foi casado,  
 Que todo o mar de nymphas povoára:  
 O propheta Proteo, deixando o gado  
 Maritimo pascer pela água amára,  
 Alli veio tambem: mas ja sabia  
 O que o padre Lyeo no mar queria.

## XXI.

Yinha por outra parte a linda esposa  
 De Neptuno, de Celo e Vesta filha,  
 Grave e leda no gesto, e tão formosa,  
 Que se amansava o mar de maravilha.  
 Vestida huma camisa preciosa  
 Trazia de delgada beatilha  
 Que o corpo crystallino deixa ver-se ;  
 Que tanto bem não he para esconder-se.

## XXII.

Amphitrite, formosa como as flores,  
 Neste caso não quiz que fallecesse :  
 O delphim traz consigo, que aos amores  
 Do Rei lhe aconselhou que obedecesse.  
 Co'os olhos, que de tudo são senhores,  
 Qualquer parecerá que o sol vencesse :  
 Ambas vem pela mão ; igual partido,  
 Pois ambas são esposas d'hum marido.

## XXIII.

Aquella, que das furias de Athamante  
 Fugindo, veio a ter divino estado,  
 Comsigo traz o filho, bello infante,  
 No número dos deoses relatado.  
 Pela praia brincando vem diante  
 Com as lindas conchinhas, que o salgado  
 Mar sempre cria ; e ás vezes pela area  
 No collo o toma a bella Panopea.

## XXIV.

E o deos que foi n'hum tempo corpo humano,  
 E por virtude da herva poderosa  
 Foi convertido em peixe, e deste dano  
 Lhe resultou deidade gloriosa;  
 Inda vinha chorando o feio engano  
 Que Circe tinha usado co'a formosa  
 Scylla, que elle ama, desta sendo amado;  
 Que a mais obriga amor mal empregado.

## XXV.

Ja finalmente todos assentados  
 Na grande sala, nobre e divinal,  
 As deosas em riquissimos estrados,  
 Os deoses em cadeiras de crystal;  
 Forão todos do Padre agasalhados,  
 Que co'o Thebano tinha assento igual.  
 De fumos enche a casa a rica massa  
 Que no mar nasce, e a arabia em cheiro passa.

## XXVI.

Estando socegado ja o tumulto  
 Dos deoses e de seus recebimentos,  
 Começa a descobrir do peito occulto  
 A causa o Thyoneo de seus tormentos:  
 Hum pouco carregando-se no vulto  
 Dando mostra de grandes sentimentos,  
 Só por dar aos de Luso triste morte  
 Co'o ferro alheio, falla desta sorte:

## XXVII.

Principe, que de juro senhoreias  
 D'hum pólo ao outro pólo o mar irado,  
 Tu, que as gentes da terra toda enfreias  
 Que não passem o termo limitado;  
 E tu, padre Oceano, que rodeias  
 O mundo universal e o tens cercado,  
 E com justo decreto assi permittes  
 Que dentro vivão só de seus limites:

## XXVIII.

E vós, deoses do mar, que não soffreis  
 Injúria alguma em vosso reino grande;  
 Que com castigo igual vos não vingueis  
 De quemquer que por elle corra e ande;  
 Que descuido foi este em que viveis?  
 Quem pôde ser que tanto vos abrande  
 Os peitos, com razão endurecidos  
 Contra os humanos, fracos e atrevidos?

## XXIX.

Vistes que com grandissima ousadia  
 Forão ja commetter o ceo supremo;  
 Vistes aquella insana phantasia  
 De tentarem o mar com véla e remo.  
 Vistes, e ainda vemos cada dia  
 Soberbas e insolencias taes, que temo  
 Que do mar e do ceo em poucos annos  
 Venhão deoses a ser, e nós humanos:

## XXX.

Vêdes agora a fraca geração,  
Que d'hum vassallo meu o nome toma,  
Com soberbo e altivo coração  
A vós e a mi, e o mundo todo doma.  
Vêdes o vosso mar cortando vão  
Mais do que fez a gente alta de Roma ;  
Vêdes, o vosso reino devassando,  
Os vossos estatutos vão quebrando.

## XXXI.

Eu vi que contra os Minyas, que primeiro  
No vosso reino este caminho abrirão,  
Boreas injuriado e o companheiro  
Aquilo, e os outros todos resistirão.  
Pois se do ajuntamento aventureiro  
Os ventos esta injúria assi sentirão,  
Vós, a quem mais compete esta vingança,  
Que esperais? porque a pondeis em tardança?

## XXXII.

E não consinto, deoses, que cuideis  
Que por amor de vós do ceo desci,  
Nem da mágoa da injúria que soffreis,  
Mas da que se me faz tambem a mi.  
Que aquellas grandes honras, que sabeis  
Que no mundo ganhei, quando venci  
As terras Indianas do Oriente,  
Todas vejo abatidas desta gente.

## XXXIII.

Que o grão Senhor, e Fados que destinão,  
Como lhe bem parece, o baixo mundo,  
Famas mores que nunca determinão  
De dar a estes Barões no mar profundo.  
Aqui vereis, ó deoses, como ensinão  
O mal também a deoses, que a segundo  
Se vê, ninguém ja tem menos valia,  
Que quem com mais razão valer devia.

## XXXIV.

E por isso do Olympo ja fugi,  
Buscando algum remédio a meus pezares,  
Por ver o preço, que no ceo perdi,  
Se por dita acharei nos vossos mares.  
Mais quiz dizer; e não passou daqui,  
Porque as lagrimas ja correndo a pares  
Lhe saltárão dos olhos, com que logo  
Se accendem as deidades d'água em fogo.

## XXXV.

A ira, com que subito alterado  
O coração dos deoses foi n'hum ponto,  
Não soffreo mais conselho bem cuidado,  
Nem dilação, nem outro algum desconto.  
Ao grande Eolo mândão ja recado  
Da parte de Neptuno, que sem conto  
Solte as furias dos ventos repugnantes;  
Que não haja no mar mais navegantes.

## XXXVI.

Bem quizera primeiro alli Proteo  
 Dizer neste negócio o que sentia;  
 E, segundo o que a todos pareceo,  
 Era alguma profunda prophesia:  
 Porém tanto o tumulto se moveo  
 Subito na divina companhia,  
 Que Tethys indignada lhe bradou:  
 Neptuno sabe bem o que mandou.

## XXXVII.

Ja lá o soberbo Hippotades soltava  
 Do carcere fechado os furiosos  
 Ventos, que com palavras animava  
 Contra os Barões audaces e animosos.  
 Subito o ceo sereno se obumbrava;  
 Que os ventos mais que nunca impetuosos  
 Começão novas fôrças a ir tomando,  
 Torres, montes e casas derribando.

## XXXVIII.

Em quanto este conselho se fazia  
 No fundo aquoso, a leda lassa frota  
 Com vento socegado proseguia  
 Pelo tranquillo mar a longa rota.  
 Era no tempo quando a luz do dia  
 Do Eoo hemispherio está remota:  
 Os do quarto da prima se deitavão,  
 Para o segundo os outros despertavão.

## XXXIX.

Vencidos vem do somno e mal despertos,  
 Bocejando a miude se encostavão  
 Pelas antennas, todos mal cobertos  
 Contra os agudos ares que assopravão:  
 Os olhos contra seu querer abertos,  
 Mal esfregando, os membros estiravão:  
 Remedios contra o somno buscar querem,  
 Histórias contão, casos mil referem.

## XL.

Com que melhor podemos, hum dizia,  
 Este tempo passar, que he tão pezado,  
 Senão com algum conto de alegria,  
 Com que nos deixe o somno carregado?  
 Responde Leonardo, que trazia  
 Pensamentos de firme namorado:  
 Que contos poderemos ter melhores  
 Para passar o tempo, que de amores?

## XLI.

Não he, disse Velloso, cousa justa  
 Tratar branduras em tanta aspereza;  
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,  
 Não sofre amores, nem delicadeza:  
 Antes de guerra férvida e robusta  
 A nossa história seja, pois dureza  
 Nossa vida ha de ser, segundo entendo;  
 Que o trabalho por vir mo está dizendo.

## XLII.

Consentem nisto todos, e encommendão  
 A Velloso, que conte isto que approva.  
 Contarei, disse, sem que me reprehão  
 De contar cousa fabulosa ou nova.  
 E porque os que me ouvirem daqui aprendão  
 A fazer feitos grandes de alta prova,  
 Dos nascidos direi na nossa terra;  
 E estes sejam os doze de Inglaterra.

## LXIII.

No tempo que do reino a redea leve  
 João, filho de Pedro, moderava;  
 Depois que socegado e livre o teve  
 Do visinho podêr que o molestava;  
 Lá na grande Inglaterra, que da neve  
 Boreal sempre abunda, semeava  
 A fera Erinnys dura e má cizania,  
 Que lustre fosse á nossa Lusitania.

## XLIV.

Entre as damas gentis da côrte Inglesa,  
 E nobres cortezãos, acaso hum dia  
 Se levantou discordia em ira accesa:  
 Ou foi opinião, ou foi porfia.  
 Os cortezãos, a quem tão pouco pesava  
 Soltar palavras graves de ousadia,  
 Dizem que provarão, que honras e famas  
 Em taes damas não ha, para ser damas.

## XLV.

E que se houver alguém com lança e espada  
 Que queira sustentar a parte sua,  
 Que elles em campo razo, ou estacada,  
 Lhe darão feia infamia, ou morte crua.  
 A feminil fraqueza pouco usada,  
 Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua  
 De fôrças naturaes convenientes,  
 Soccorro pede a amigos e parentes.

## XLVI.

Mas, como fossem grandes e possantes  
 No reino os inimigos, não se atrevem  
 Nem parentes, nem férvidos amantes,  
 A sustentar as damas, como devem.  
 Com lagrimas formosas e bastantes  
 A fazer que em soccorro os deoses levem  
 De todo o Ceo, por rostos de alabastro,  
 Se vão todas ao Duque de Alencastro.

## XLVII.

Era este Inglez potente, e militára  
 Co'os Portuguezes ja contra Castella,  
 Onde as fôrças magnanimas provára  
 Dos companheiros e benigna estrella:  
 Não menos nesta terra exprimentára  
 Namorados affeitos, quando nella  
 A filha vio, que tanto o peito doma  
 Do forte Rei, que por mulher a toma.

## XLVIII.

Este que soccorrer-lhe não queria,  
 Por não causar discordias intestinas,  
 Lhe diz: Quando o direito pretendia  
 Do reino lá das terras Iberinas,  
 Nos Lusitanos vi tanta ousadia,  
 Tanto primor, e partes tão divinas,  
 Que elles sós poderião, se não érro,  
 Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

## XLIX.

E se, aggravadas damas, sois servidas,  
 Por vós lhe mandarei embaixadores,  
 Que por cartas discretas e polidas  
 De vosso agravo os fação sabedores.  
 Tambem por vossa parte encarecidas  
 Com palavras d'affagos e d'amores  
 Lhe sejão vossas lagrimas, que eu creio,  
 Que alli tereis soccorro e forte esteio.

## L.

Desta arte as aconselha o Duque experto,  
 E logo lhe nomeia doze fortes;  
 E porque cada dama hum tenha certo,  
 Lhe manda que sôbre elles lancem sortes;  
 Que ellas só doze são: e descoberto  
 Qual a qual tem cahido das consortes,  
 Cada huma escreve ao seu por vários modos,  
 E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

## LII.

Já chega á Portugal o mensageiro ,  
 Toda a côrte alvoroça a novidade :  
 Quizera o Rei sublime ser primeiro ,  
 Mas não lho soffrê a Regia magestade.  
 Qualquer dos cortezãos aventureiro  
 Deseja ser com fêrvida vontade ;  
 E só fica por bem-aventurado  
 Quem já vem pelo Duque nomeado .

## LIII.

Lá na leal cidade, donde teve  
 Origem (como he fama) o nome eterno  
 De Portugal, armar madeiro leve  
 Manda o que tem o leme do govêrno.  
 Apercebem-se os doze em tempo breve  
 D'armas e roupas d'uso mais moderno ,  
 De elmos, cimeiras, letras e primores ,  
 Cavallos, e concertos de mil côres .

## LIII.

Já do seu Rei tomado tem licença  
 Para partir do Douro celebrado  
 Aquelles, que escolhidos por sentença  
 Forão do Duque Inglez experimentado.  
 Não ha na companhia differença  
 De cavalleiro destro ou esforçado ;  
 Mas hum só, que Magriço se dizia,  
 Dest'arte falla á forte companhia :

## LIV.

Fortíssimos consocios, eu desejo  
 Ha muito ja de andar terras estranhas,  
 Por ver mais águas, que as do Douro e Tejo,  
 Várias gentes e leis, e várias manhas.  
 Agora que aparelho certo vejo,  
 (Pois que do mundo as cousas são tamanhas)  
 Quero se me deixais, ir só por terra,  
 Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

## LV.

E quando caso for, que eu impedido  
 Por quem das cousas he última linha,  
 Não for comvosco ao prazo instituido,  
 Pouca falta vos faz a falta minha.  
 Todos por mi fareis o que he devido;  
 Mas se a verdade o espirito me adivinha,  
 Rios, montes, Fortuna ou sua inveja,  
 Não farão que eu comvosco lá não seja.

## LVI.

Assi diz, e abraçados os amigos,  
 E tomada licença, em fim se parte:  
 Passa Leão, Castella, vendo antigos  
 Lugares, que ganhára o patrio Marte;  
 Navarra, co'os altíssimos perigos  
 Do Pyreneo, que Hespanha e Gallia parte:  
 Vistas em fim de França as cousas grandes,  
 No grande emporio foi parar de Frandes.

## LVII.

Alli chegado, ou fosse caso ou manha,  
 Sem passar se deteve muitos dias;  
 Mas dos onze a illustrissima companhia  
 Cortão do mar do Norte as ondas frias.  
 Chegados de Inglaterra á costa estranha,  
 Para Londres ja fazem todos vias:  
 Do Duque são com festa agasalhados,  
 E das damas servidos e amimados.

## LVIII.

Chega-se o prazo e dia assignalado  
 De entrar em campo ja co'os doze Inglezes,  
 Que pelo Rei ja tinhamo segurado:  
 Armão-se d'elmos, grevas, e de arnezes:  
 Ja as damas tem por si, fulgente e armado,  
 Ó Mavorte feroz dos Portuguezes:  
 Vestem-se ellas de côres e de sedas,  
 De ouro, e de joias mil, ricas e ledas.

## LIX.

Mas aquella, a quem fôra em sorte dado  
 Magriço, que não vinha, com tristeza  
 Se veste, por não ter quem nomeado  
 Seja seu cavalleiro nesta empreza:  
 Bem que os onze apregoão, que acabado  
 Será o negócio assi na côrte Ingleza,  
 Que as damas vencedoras se conheção,  
 Postoque dous e tres dos seus falleção.

## LX.

Ja n'hum sublime e público theatro  
 Se assenta o Rei Inglez com toda a côrte :  
 Estavão tres e tres, e quatro e quatro,  
 Bem como a cada qual coubera em sorte.  
 Não são vistos do sol, do Tejo ao Bactro,  
 De fôrça, esfôrço, e d'ânimo mais forte,  
 Outros doze sahir, como os Inglezes  
 No campo contra os onze Portuguezes.

## LXI.

Mastigão os cavallo, escumando,  
 Os aureos freios com feroz sembrante :  
 Estava o sol nas armas rutilando  
 Como em crystal ou rigido diamante.  
 Mas enxerga-se n'hum e n'outro bando  
 Partido desigual e dissonante,  
 Dos onze contra os doze : quando a gente  
 Começa a alvoroçar-se geralmente.

## LXII.

Virão todos o rosto aonde havia  
 A causa principal do reboliço :  
 Eis entra hum cavalleiro, que trazia  
 Armas, cavallo, ao bellico serviço :  
 Ao Rei, e ás damas falla ; e logo se hia  
 Para os onze, que este era o grão Magriço ;  
 Abraça os companheiros como amigos,  
 A quem não falta, certo nos perigos.

## LXIII.

A dama, como ouvio que este era aquelle  
 Que vinha a defender seu nome e fama,  
 Se alegre, e veste alli do animal de Helle,  
 Que a gente bruta mais que virtude ama.  
 Ja dão signal, e o som da tuba impelle  
 Os bellicosos ânímos que inflamma;  
 Picão d'esporas, largão redeas logo,  
 Abaixão lanças, fere a terra fogo.

## LXIV.

Dos cavallos o estrépito parece  
 Que faz que o chão debaixo todo treme;  
 O coração no peito que estremece  
 De quem os olha, se alvoroça e teme.  
 Qual do cavallo voa, que não dece,  
 Qual co'o cavallo em terra dando, geme,  
 Qual vermelhas as armas faz de brancas,  
 Qual co'os penachos do elmo açouta as ancas.

## LXV.

Algum dalli tomou perpétuo sono,  
 E fez da vida ao fim breve intervallo;  
 Correndo algum cavallo vai sem dono,  
 E n'outra parte o dono sem cavallo.  
 Cahe a soberba Ingleza de seu throno,  
 Que dous, ou tres ja fóra vão do vallo:  
 Os que de espada vem fazer batalha,  
 Mais achão ja que arnez, escudo e malha.

## LXVI.

Gastar palayras em contar extremos  
 De golpes feros, cruas estocadas,  
 He desses gastadores, que sabemos,  
 Maos do tempo com fábulas sonhadas.  
 Basta por fim do caso que entendemos  
 Que, com finezas altas e affamadas,  
 Co'os nossos fica a palma da victória,  
 E as damas vencedoras, e com glória.

## LXVII.

Recolhe o Duque os doze vencedores  
 Nos seus paços com festas e alegria;  
 Cozinheiros occupa e caçadores  
 Das damas a formosa companhia;  
 Que querem dar aos seus libertadores  
 Banquetes mil cada hora e cada dia,  
 Em quanto se detem em Inglaterra,  
 Até tornar á doce e chara terra.

## LXVIII.

Mas dizem que com tudo o grão Magriço,  
 Desejoso de ver as cousas grandes,  
 Lá se deixou ficar, onde hum serviço  
 Notavel á Condessa fez de Frandes:  
 E, como quem não era ja noviço  
 Em todo trance, onde tu, Marte, mandes,  
 Hum Francez mata em campo, que o destino  
 Ja teve de Torquato, e de Corvino.

## LXIX.

Outro tambem dos doze em Allemanha  
 Se lança, e teve hum fero desafio  
 C'hum Germano enganoso, que com manha  
 Não devida o quiz pôr no extremo fio.  
 Contando assi Velloso, ja a companha  
 Lhe pede que não faça tal desvio  
 Do caso de Magriço e vencimento,  
 Nem deixe o de Allemanha em esquecimento.

## LXX.

Mas neste passo assi promptos estando,  
 Eis o mestre, que olhando os ares anda,  
 O apito toca: acordão despertando  
 Os marinheiros d'huma e d'outra banda:  
 E, porque o vento vinha refrescando,  
 Os traquetes das gaveas tomar manda:  
 Álerta, disse, estai, que o vento crece  
 Daquella nuvem negra que apparece.

## LXXI.

Não erão os traquetes bem tomados,  
 Quando dá a grande e subita procella:  
 Amaina, disse o mestre a grandes brados,  
 Amaina, disse, amaina a grande véla.  
 Não esperão os ventos indignados  
 Que amainassem; mas juntos dando nella,  
 Em pedaços a fazem, c'hum ruido  
 Que o mundo pareceo ser destruido.

## LXXII.

O ceo fere com gritos nisto a gente  
Com subito temor e desacôrdo;  
Que no romper da véla a nao pendente  
Toma grão somma d'água pelo bordo.  
Alija, disse o mestre rijamente,  
Alija tudo ao mar: não falte acôrdo:  
Vão outros dar á bômba, não cessando:  
Á bomba, que nos imos alagando.

## LXXIII.

Correm logo os soldados animosos  
A dar á bomba; e tanto que chegarão  
Os balanços que os mares temerosos  
Derão á nao, n'hum bordo os derribarão.  
Tres marinheiros duros e forçosos  
A manear o leme não bastarão:  
Talhas lhe punhão d'huma e d'outra parte,  
Sem aproveitar dos homens fôrça e arte.

## LXXIV.

Os ventos erão taes, que não pudérão  
Mostrar mais fôrça d'impeto cruel,  
Se para derribar então vierão  
A fortissima torre de Babel.  
Nos altissimos mares, que crescerão,  
A pequena grandura d'hum batel  
Mostra a possante nao, que move espanto,  
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

## LXXV.

A nao grande em que vai Paulo da Gama  
 Quebrado leva o mastro pelo meio,  
 Quasi toda alagada: a gente chama  
 Aquelle que a salvar o mundo veio.  
 Não menos gritos vãos ao ar derrama  
 Toda a nao de Coelho, com receio,  
 Com quanto teve o mestre tanto tento,  
 Que primeiro amainou, que dêsse o vento.

## LXXVI.

Agora sobre as nuvens os subião  
 As ondas de Neptuno furibundo:  
 Agora a ver parece que descião  
 As intimas entranhas do profundo.  
 Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião  
 Arruinar a máchina do mundo:  
 A noite negra e feia se allumia  
 Co'os raios em que o pólo todo ardia.

## LXXVII.

As Halcyoneas aves triste canto  
 Junto da costa brava levantarão,  
 Lembrando-se de seu passado pranto,  
 Que as furiosas águas lhe causarão.  
 Os delphins namorados entretanto  
 Lá nas covas maritimas entrárão,  
 Fugindo á tempestade e ventos duros,  
 Que nem no fundo os deixa estar seguros.

## LXXVIII.

Nunca tão vivos raios fabricou  
 Contra a fera soberba dos gigantes  
 O grão ferreiro sordido, que obrou  
 Do enteado as armas radiantes:  
 Nem tanto o grão Tonante arremessou  
 Relampagos ao mundo fulminantes  
 No grão diluvio, donde sós vivêrão  
 Os dous, que em gente as pedras convertêrão.

## LXXIX.

Quantos montes então que derribárão  
 As ondas que batião denodadas!  
 Quantas árvores velhas arrancárão  
 Do vento bravo as furias indignadas!  
 As forçosas raizes não cuidárão  
 Que nunca para o ceo fossem viradas;  
 Nem as fundas areias que podessem  
 Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

## LXXX.

Vendo Vasco da Gama que tão perto  
 Do fim de seu desejo se perdia;  
 Vendo ora o mar até o inferno aberto,  
 Ora com nova furia ao ceo subia;  
 Confuso de temor, da vida incerto,  
 Onde nenhum remédio lhe valia,  
 Chama aquelle remédio sancto e forte,  
 Que o impossibil póde, desta sorte:

## LXXXI.

Divina guarda, angelica, celeste,  
 Que os ceos, e mar e terra senhoreas;  
 Tu, que a todo Israel refúgio déste  
 Por metade das águas Erythreas;  
 Tu, que livraste Paulo e defendeste  
 Das syrtes arenosas e ondas feas,  
 E guardaste co'os filhos o segundo  
 Povoador do alagado e vacuo mundo;

## LXXXII.

Se tenho novos medos perigosos  
 D'outra Scylla e Charybdis já passados,  
 Outras Syrtes e baixos arenosos,  
 Outros Acroceraunios infamados;  
 No fim de tantos casos trabalhosos  
 Porque somos de ti desamparados,  
 Se este nosso trabalho não te offende,  
 Mas antes teu serviço só pretende?

## LXXXIII.

Oh ditosos aquelles que pudérão  
 Entre as agudas lanças Africanas  
 Morrer, em quanto fortes sostiverão  
 A sancta Fé nas terras Mauritanas:  
 De quem feitos illustres se soberão,  
 De quem ficão memórias soberanas,  
 De quem se ganha a vida com perdê-la,  
 Doce fazendo a morte as honras della!

## LXXXIV.

Assi dizendo, os ventos que lutavão  
 Como touros indomitos bramando,  
 Mais e mais a tormenta accrescentavão,  
 Pela miuda enxarcia assoviando.  
 Relampagos medonhos não cessavão,  
 Feros trovões, que vem representando  
 Cahir o ceo dos eixos sôbre a terra,  
 Comsigo os elementos terem guerra.

## LXXXV.

Mas ja a amorosa estrella scintillava  
 Diante do sol claro no horizonte,  
 Mensageira do dia, e visitava  
 A terra e o largo mar com leda fronte.  
 A deosa que nos ceos a governava,  
 De quem foge o ensifero Oriente,  
 Tanto que o mar e a chara armada vira,  
 Tocada junto foi de medo e d'ira.

## LXXXVI.

Estas obras de Baccho são por certo,  
 Disse; mas não será que ávante leve  
 Tão damnada tenção, que descoberto  
 Me será sempre o mal a que se atreve.  
 Isto dizendo, desce ao mar aberto,  
 No caminho gastando espaço breve,  
 Em quanto manda ás nymphas amorosas  
 Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

## LXXXVII.

Grinaldas manda pôr de várias côres  
 Sôbre cabellos louros á porfia.  
 Quem não dirá, que nascem roxas flores  
 Sôbre ouro natural, que amor enfia?  
 Abrandar determina por amores  
 Dos ventos a nojosa companhia,  
 Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,  
 Que mais formosas vinhão que as estrellas.

## LXXXVIII.

Assi foi; porque tanto que chegarão  
 Á vista dellas, logo lhe fallecem  
 As fôrças com que d'antes pelejárão,  
 E ja como rendidos lhe obedecem.  
 Os pés, e mãos parece que lhe atárão  
 Os cabellos que os raios escurecem.  
 A Boreas, que do peito mais queria,  
 Assi disse a bellissima Orithya:

## LXXXIX.

Não creias, fero Boreas, que te creio,  
 Que me tiveste nunca amor constante;  
 Que brandura he de amor mais certo arreio,  
 E não convem furor a firme amante.  
 Se ja não pões a tanta insania freio,  
 Não esperes de mi daqui em diante,  
 Que possa mais amar-te, mas temer-te;  
 Que amor contigo em medo se converte.

## XC.

Assi mesmo a formosa Galatea  
Dizia ao fero Noto; que bem sabe  
Que dias ha que em ve-la se recrea,  
E bem crê que com elle tudo acaba.  
Não sabe o bravo tanto bem se o crea;  
Que o coração no peito lhe não cabe:  
De contente de ver que a dama o manda,  
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

## XCI.

Desta maneira as outras amansavão  
Subitamente os outros amadores;  
E logo á linda Venus se entregavão,  
Amansadas as iras e os furores.  
Ella lhe prometteo, vendo que amavão,  
Sempiterno favor em seus amores,  
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem  
De lhe serem leaes esta viagem.

## XCII.

Ja a manhã clara dava nos outeiros,  
Por onde o Ganges murmurando soa,  
Quando da celsa Gavea os marinheiros  
Enxergárão terra alta pela proa.  
Ja fóra de tormenta, e dos primeiros  
Mares, o temor vão do peito voa.  
Disse alegre o Piloto Melindano:  
Terra he de Calecut, se não me engano.

## XCIII.

Esta he por certo a terra que buscais  
 Da verdadeira India, que apparece ;  
 E se do mundo mais não desejais ,  
 Vosso trabalho longo aqui fenece.  
 Soffrer aqui não pôde o Gama mais,  
 De ledo em ver que a terra se conhece :  
 Os giolhos no chão, as mãos ao ceo,  
 A mercê grande a Deos agradeceo.

## XCIV.

As graças a Deos dava, e razão tinha,  
 Que não somente a terra lhe mostrava,  
 Que com tanto temor buscando vinha,  
 Por quem tanto trabalho exprimentava ;  
 Mas via-se livrado tão asinha  
 Da morte, que no mar lhe aparelhava  
 O vento duro, férvido e medonho,  
 Como quem despertou de horrendo sonho.

## XCV.

Por meio destes horridos perigos,  
 Destes trabalhos graves e temores,  
 Alcanção os que são de fama amigos  
 As honras immortaes, e graos maiores :  
 Não encostados sempre nos antigos  
 Troncos nobres de seus antecessores,  
 Não nos leitos dourados entre os finos  
 Animaes de Moscovia zebellinos :

## XCVI.

Não co'os manjares novos e exquisitos,  
Não co'os passeios molles e ociosos,  
Não co'os vários deleites e infinitos,  
Que affeminão os peitos generosos;  
Não co'os nunca vencidos appetitos,  
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,  
Que não soffre a nenhum que o passo mude  
Para alguma obra heroica de virtude:

## XCVII.

Mas com buscar co'o seu forçoso braço  
As honras, que elle chame proprias suas,  
Vigiando e vestindo o forjado aço,  
Soffrendo tempestades e ondas cruas;  
Vencendo os torpes frios no regaço  
Do Sul e regiões de abrigo nuas;  
Engulindo o corrupto mantimento,  
Temperado c'hum arduo soffrimento.

## XCVIII.

E com forçar o rosto, que se enfia,  
A parecer seguro, ledo, inteiro  
Para o pelouro ardente, que assovia  
E leva a perna ou braço ao companheiro.  
Dest'arte o peito hum callo honroso cria  
Desprezador das honras e dinheiro;  
Das honras e dinheiro, que a ventura  
Forjou, e não virtude justa e dura.

## XCIX.

Desta arte se esclarece o entendimento,  
 Que experiencias fazem repousado;  
 E fica vendo, como de alto assento,  
 O baixo trato humano embaraçado.  
 Este, onde tiver fôrça o regimento  
 Direito, e não de affectos occupado,  
 Subirá (como deve) a illustre mando,  
 Contra vontade sua, e não rogando.



OS

**LUSIADAS.**

---

**CANTO VII.**

## DESEMBARQUE DE GAMA EM CALECUT.

Na praia hum regedor do reino estava,  
Que na sua lingua Catual se chama,  
Rodeado de Naires, que esperava  
Com desusada festa o nobre Gama.

CANTO VII, EST. XLIV.





# LUSIADAS.

## CANTO SEPTIMO.

I.

**J**a se vião chegados junto á terra  
Que desejada ja de tantos fôra,  
Que entre as correntes Indicas se encerra  
E o Ganges, que no ceo terreno mora.  
Ora sus, gente forte, que na guerra  
Quereis levar a palma vencedora,  
Ja sois chegados, ja tendes diante  
A terra de riquezas abundante.

II.

A vós, ó geração de Luso, digo,  
Que tão pequena parte sois no mundo :  
Não digo inda no mundo, mas no amigo  
Curral de quem governa o ceo rotundo ;  
Vós, a quem não somente algum perigo  
Estorva conquistar o povo immundo,  
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia  
Da Madre, que nos Ceos está em essencia.

## III.

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,  
Que o fraco podêr vosso não pezais ;  
Vós, que á custa de vossas várias mortes  
A Lei da vida eterna dilatais :  
Assi do Ceo deitadas são as sortes ,  
Que vós por muito poucos que sejais ,  
Muito façais na sancta Christandade :  
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade !

## IV.

Vede-los Allemães, soberbo gado,  
Que por tão largos campos se apascenta ,  
Do successor de Pedro rebellado ,  
Novo pastor, e nova seita inventa :  
Vede-lo em feias guerras occupado ,  
Que inda co'o cego error se não contenta ;  
Não contra o superbissimo Othomano ,  
Mas por sahir do jugo soberano.

## V.

Vede-lo duro Inglez, que se nomeia  
Rei da velha e sanctissima Cidade ,  
Que o torpe Ismaelita senhoreia :  
Quem vio honra tão longe da verdade ?  
Entre as Boreaes neves se recreia ,  
Nova maneira faz de Christandade :  
Para os de Christo tem a espada nua ,  
Não por tomar a terra que era sua.

## VI.

Guarda-lhe por entanto hum falso Rei  
A cidade Hierosolyma terrestre,  
Em quanto elle não guarda a sancta lei  
Da cidade Hierosolyma celeste.  
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?  
Que o nome Christianissimo quizeste,  
Não para defendê-lo, nem guardá-lo,  
Mas para ser contra elle e derribá-lo.

## VII.

Achas que tens direito em senhorios  
De Christãos, sendo o teu tão largo e tanto;  
E não contra o Cinypho e Nilo, rios  
Inimigos do antiguo nome santo?  
Alli se hão de provar da espada os fios  
Em quem quer reprovar da Igreja o canto.  
De Carlos, de Luis, o nome e a terra  
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

## VIII.

Pois que direi daquelles, que em delicias  
Que o vil ocio no mundo traz consigo,  
Gastão as vidas, logrão as divicias,  
Esquecidos de seu valôr antigo?  
Nascem da tyrannia inimicicias,  
Que o povo forte tem de si inimigo:  
Comtigo, Italia, fallo, ja submersa  
Em vícios mil, e de ti mesma adversa,

## IX.

Oh miseros Christãos! pola ventura,  
 Sois os dentes de Cadmo desparzidos,  
 Que huns aos outros se dão a morte dura,  
 Sendo todos de hum ventre produzidos?  
 Não vêdes a divina sepultura  
 Possuida de Cães, que sempre unidos  
 Vos vem tomar a vossa antigua terra,  
 Fazendo-se famosos pela guerra?

## X.

Vêdes que tem por uso e por decreto,  
 Do qual são tão inteiros observantes,  
 Ajuntarem exército inquieto,  
 Contra os povos que são de Christo amantes;  
 E entre vós nunca deixa a fera Aleto  
 De semear cizanias repugnantes:  
 Olhai se estais seguros de perigos,  
 Que elles e vós sois vossos inimigos.

## XI.

Se cobiça de grandes senhorios  
 Vos faz ir conquistar terras alheias,  
 Não vêdes que Pactolo e Hermo rios,  
 Ambos volvem auríferas areias?  
 Em Lydia, Assyria, lavrão de ouro os fios;  
 Africa esconde em si luzentes veias;  
 Mova-vos ja sequer riqueza tanta,  
 Pois mover-vos não póde a Casa santa.

## XII.

Aquellas invenções feras e novas  
 De instrumentos mortaes da artilheria  
 Ja devem de fazer as duras provas  
 Nos muros de Byzancio e de Turquia.  
 Fazei que torne lá ás sylvestres covas  
 Dos Caspios montes, e da Scythia fria  
 A Turca geração, que multiplica  
 Na polícia da vossa Europa rica.

## XIII.

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,  
 Bradando-vos estão, que o povo bruto  
 Lhe obriga os charos filhos aos profanos  
 Preceitos do Alcorão: (duro tributo!)  
 Em castigar os feitos inhumanos  
 Vos gloriai de peito forte e astuto;  
 E não queirais louvores arrogantes  
 De serdes contra os vossos mui possantes.

## XIV.

Mas em tanto que cegos e sedentos  
 Andais de vosso sangue, ó gente insana,  
 Não faltarão Christãos atrevimentos  
 Nesta pequena casa Lusitana.  
 De Africa tem marítimos assentos;  
 He na Asia mais que todas soberana;  
 Na quarta parte nova os campos ara;  
 E se mais mundo houvera, lá chegára.

## XV.

E vejamos entanto que acontece  
 Áquelles tão famosos navegantes,  
 Depois que a branda Venus enfraquece  
 O furor vão dos ventos repugnantes;  
 Depois que a larga terra lhe apparece,  
 Fim de suas porfias tão constantes,  
 Onde vem semear de Christo a lei,  
 E dar novo costume, e novo Rei.

## XVI.

Tanto que á nova terra se chegarão,  
 Leves embarcações de pescadores  
 Achárão, que o caminho lhe mostrarão  
 De Calecut, onde erão moradores.  
 Para lá logo as proas se inclinárão;  
 Porque esta era a cidade das melhores  
 Do Malabar melhor, onde vivia  
 O Rei, que a terra toda possuia.

## XVII.

Além do Indo jaz, e aquem do Gange,  
 Hum terreno mui grande e assaz famoso,  
 Que pela parte Austral o mar abrange,  
 E para o Norte o Emodio cavernoso.  
 Jugo de Reis diversos o constrange  
 A várias leis: alguns o vicioso  
 Mafoma, alguns os idolos adorão,  
 Alguns os animaes, que entre elles morão.

## XVIII.

Lá bem no grande monte, que cortando  
 Tão larga terra, toda Asia discorre;  
 Que nomes tão diversos vai tomando,  
 Segundo as regiões por onde corre;  
 As fontes sahem, donde vem manando  
 Os rios, cuja grão corrente morre  
 No mar Indico, e cercão todo o pês:  
 Do terreno, fazendo-o Chersoneso.

## XIX.

Entre hum e o outro rio, em grande espaço,  
 Sahe da larga terra hũa longa ponta,  
 Quasi pyramidal, que no regaço  
 Do mar, com Ceilão insula confronta:  
 E junto donde nasce o largo braço  
 Gangetico, o rumor antigo conta,  
 Que os visinhos, da terra moradores,  
 Do cheiro se mantem das finas flores.

## XX.

Mas agora de nomes e de usança  
 Novos e vários são os habitantes;  
 Os Delijs, os Patanes, que em possança  
 De terra e gente, são mais abundantes:  
 Decanis, Oriás, que a esperança  
 Tem de sua salvação nas resonantes  
 Águas do Gange; e a terra de Bengala,  
 Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.

## XXI.

O reino de Cambaia bellicoso  
 (Dizem que foi de Poro, Rei potente),  
 O reino de Narsinga, poderoso  
 Mais de ouro e pedras, que de forte gente:  
 Aqui se enxérga lá do mar undoso  
 Hum monte alto, que corre longamente,  
 Servindo ao Malabar de forte muro,  
 Com que do Canará vive seguro.

## XXII.

Da terra os naturaes lhe chamão Gate:  
 Do pé do qual pequena quantidade  
 Se estende hũa fralda estreita, que combate  
 Do mar a natural ferocidade.  
 Aqui de outras cidades, sem debate,  
 Calecut tem a illustre dignidade  
 De cabeça de imperio rica e bella:  
 Samorim se intitula o senhor della.

## XXIII.

Chegada a frota ao rico senhorio,  
 Hum Portuguez mandado logo parte  
 A fazer sabedor o Rei gentio  
 Da vinda sua a tão remota parte.  
 Entrando o mensageiro pelo rio  
 Que alli nas ondas entra, a não vista arte,  
 A côr, o gesto estranho, o traço novo,  
 Fez concorrer a vê-lo todo o povo.

## XXIV.

Entre a gente que a vê-lo concorria ,  
Se chega hum Mahometa , que nascido  
Fôra na região da Barbaria ,  
Lá onde fôra Antheo obedecido :  
Ou pela visinhança ja teria  
O reino Lusitano conhecido ,  
Ou foi ja assinalado de seu ferro :  
Fortuna o trouxe a tão longo destêrro.

## XXV.

Em vendo o mensageiro , com jucundo  
Rosto , como quem sabe a lingua Hispana ,  
Lhe disse: Quem te trouxe a est'outro mundo,  
Tão longe da tua patria Lusitana ?  
Abrindo , lhe responde , o mar profundo ,  
Por onde nunca veio gente humana ,  
Vimos buscar do Indo a grão corrente ,  
Por onde a Lei divina se accrescente.

## XXVI.

Espantado ficou da grão viagem  
O Mouro , que Monçaide se chamava ,  
Ouvindo as oppressões que na passagem  
Do mar o Lusitano lhe contava.  
Mas vendo em fim , que a fôrça da mensagem  
Só para o Rei da terra relevava ,  
Lhe diz , que estava fóra da cidade ,  
Mas de caminho pouca quantidade.

## XXVII.

E que em tanto que a nova lhe chegasse  
 De sua estranha vinda, se queria,  
 Na sua pobre casa repousasse,  
 E do manjar da terra comeria:  
 E depois que se hum pouco recreasse,  
 Com elle para a armada tornaria;  
 Que alegria não póde ser tamanha,  
 Que achar gente visinha em terra estranha.

## XXVIII.

O Portuguez acceita de vontade  
 O que o ledo Monçaide lhe offerece;  
 Como se longa fôra ja a amizade,  
 Com elle come e bebe, e lhe obedece:  
 Ambos se tornão logo da cidade  
 Para a frota, que o Mouro bem conhece;  
 Sobem á capitaina; e toda a gente  
 Monçaide recebeo benignamente.

## XXIX.

O Capitão o abraça em cabo ledo,  
 Ouvindo clara a lingua de Castella;  
 Junto de si o assenta, e prompto e quedo,  
 Pela terra pergunta e cousas della.  
 Qual se ajuntava em Rhodope o arvoredo,  
 Só por ouvir o amante da donzella  
 Eurydice tocando a lyra de ouro,  
 Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

## XXX.

Elle começa : Ó gente, que a natura  
 Visinha fez de meu paterno ninho,  
 Que destino tão grande, ou que ventura,  
 Vos trouxe a commetterdes tal caminho?  
 Não he sem causa, não, occulta e escura,  
 Vir do longinquo Tejo, e ignoto Minho,  
 Por mares nunca d'outro lenho arados,  
 A reinos tão remotos e apartados.

## XXXI.

Deos por certo vos traz, porque pretende  
 Algum serviço seu, por vós obrado:  
 Por isso só vos guia, e vos defende  
 Dos imigos, do mar, do vento irado.  
 Sabei, que estais na India, onde se estende  
 Diverso povo, rico e prosperado  
 De ouro luzente e fina pedraria,  
 Cheiro suave, ardente especiaria.

## XXXII.

Esta provincia, cujo porto agora  
 Tomado tendes, Malabar se chama:  
 Do culto antiguo os idolos adora,  
 Que cá por estas partes se derrama:  
 De diversos Reis he, mas d'hum só fôra  
 N'outro tempo, segundo a antigua fama:  
 Saramá Perimal foi derradeiro  
 Rei, que este reino teve unido e inteiro.

## XXXIII.

Porém como a esta terra então viessem  
 De lá do seio Arabico outras gentes,  
 Que o culto Mahometico trouxessem  
 (No qual me instituirão meus parentes);  
 Succedeo, que prégando convertessem  
 O Perimal: de sábios e eloquentes,  
 Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,  
 Que presuppoz de nella morrer santo.

## XXXIV.

Naos arma, e nellas mette curioso  
 Mercadoria, que offereça, rica,  
 Para ir nellas a ser religioso  
 Onde o propheta jaz, que a lei publica:  
 Antes que parta, o reino poderoso  
 Co'os seus reparte, porque não lhe fica  
 Herdeiro proprio; faz os mais acceitos  
 Ricos de pobres, livres de sujeitos.

## XXXV.

A hum Cochim, e a outro Cananor,  
 A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,  
 A qual Coulão, a qual dá Cranganor,  
 E os mais, a quem o mais serve e contenta.  
 Hum só moço, a quem tinha muito amor,  
 Depois que tudo deo, se lhe apresenta:  
 Para este Calecut somente fica,  
 Cidade ja por trato nobre e rica.

## XXXVI.

Esta lhe dá co'o titulo excellente  
De Imperador, que sobre os outros mande.  
Isto feito, se parte diligente  
Para onde em sancta vida acabe e ande.  
E daqui fica o nome de potente  
Samorim, mais que todos digno e grande,  
Ao moço e descendentes, donde vem  
Este que agora o imperio manda e tem.

## XXXVII.

A lei da gente toda, rica e pobre,  
De fábulas composta se imagina:  
Andão nus, e somente hum panno cobre  
As partes, que a cobrir natura ensina:  
Dous modos ha de gente; porque a nobre  
Naires chamados são; e a menos dina  
Poleás tem por nome, a quem obriga  
A lei não misturar a casta antiga.

## XXXVIII.

Porque os que usárão sempre hum mesmo officio,  
D'outro não podem receber consorte;  
Nem os filhos terão outro exercicio,  
Senão o de seus passados, até morte.  
Para os Naires he certo grande vicio  
Destes serem tocados, de tal sorte,  
Que quando algum se toca, por ventura,  
Com ceremonias mil se alimpa e apura.

## XXXIX.

Desta sorte o Judaico povo antigo  
 Não tocava na gente de Samária :  
 Mais estranhezas inda das que digo  
 Nesta terra vereis de usança vária :  
 Os Naires sós são dados ao perigo  
 Das armas; sós defendem da contrária  
 Banda o seu Rei, trazendo sempre usada  
 Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

## XL.

Bramenes são os seus religiosos ;  
 Nome antigo e de grande preeminencia :  
 Observão os preceitos tão famosos  
 D'hum, que primeiro poz nome á sciencia.  
 Não matão cousa viva, e temerosos,  
 Das carnes tem grandissima abstinencia :  
 Somente no venereo ajuntamento  
 Tem mais licença, e menos regimento.

## XLI.

Geraes são as mulheres; mas somente  
 Para os da geração de seus maridos.  
 Ditosa condição, ditosa gente  
 Que não são de ciumes offendidos!  
 Estes e outros costumes variamente  
 São pelos Malabares admittidos:  
 A terra he grossa em trato, em tudo aquillo,  
 Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

## XLII.

Assi contava o Mouro. Mas vagando  
Andava a fama ja pela cidade  
Da vinda desta gente estranha, quando  
O Rei saber mandava da verdade.  
Ja vinhão pelas ruas caminhando,  
Rodeados de todo sexo e idade,  
Os principaes, que o Rei buscar mandára  
O Capitão da armada que chegára.

## XLIII.

Mas elle, que do Rei ja tem licença  
Para desembarcar, acompanhado  
Dos nobres Portuguezes, sem detença  
Parte, de ricos pannos adornado.  
Das côres a formosa differença  
A vista alegre ao povo alvoroçado:  
O remò compassado fere frio  
Agora o mar, depois o fresco rio.

## XLIV.

Na praia hum regedor do reino estava,  
Que na sua lingua Catual se chama,  
Rodeado de Naires, que esperava  
Com desusada festa o nobre Gama.  
Ja na terra nos braços o levava,  
E n'hum portatil leito hũa rica cama  
Lhe offerece em que vá, (costume usado)  
Que nos hombros dos homens he levado.

## XLV.

Dest'arte o Malabar, dest'arte o Luso,  
 Caminhão lá para onde o Rei o espera:  
 Os outros Portuguezes vão ao uso  
 Que infantaria segue, esquadra fera:  
 O povo que concorre vai confuso  
 De ver a gente estranha, e bem quizera  
 Perguntar; mas no tempo ja passado,  
 Na torre de Babel lhe foi vedado.

## XLVI.

O Gama e o Catual hião fallando  
 Nas cousas que lhe o tempo offerencia;  
 Monçaide entr'elles vai interpretando  
 As palavras que de ambos entendia.  
 Assi pela cidade caminhando,  
 Onde huma rica fábrica se erguia  
 De hum sumptuoso templo ja chegavão,  
 Pelas portas do qual juntos entravão.

## XLVII.

Alli estão das deidades as figuras  
 Esculpidas em pao, e em pedra fria;  
 Vários de gestos, vários de pinturas,  
 A segundo o demonio lhe fingia:  
 Vem-se as abominaveis esculpturas,  
 Qual a Chimera em membros se varia:  
 Os Christãos olhos, a ver Deos usados  
 Em fórma humana, estão maravilhados.

## XLVIII.

Hum na cabeça cornos esculpidos,  
Qual Jupiter Hammon em Libya estava;  
Outro n'hum corpo rostos tinha unidos,  
Bem como o antigo Jano se pintava;  
Outro com muitos braços divididos,  
A Briareo parece que imitava;  
Outro fronte canina tem de fóra,  
Qual Anubis Memphitico se adora.

## XLIX.

Aqui feita do barbaro Gentio  
A supersticiosa adoração,  
Direitos vão, sem outro algum desvio,  
Para onde estava o Rei do povo vão:  
Engrossando-se vai da gente o fio,  
Co'os que vem ver o estranho Capitão:  
Estão pelos telhados e janellas  
Velhos e moços, donas e donzellas.

## L.

Ja chegão perto, e não com passos lentos,  
Dos jardins odoriferos, formosos,  
Que em si escondem os regios aposentos,  
Altos de torres não, mas sumptuosos.  
Edificação-se os nobres seus assentos  
Por entre os arvoredos deleitosos:  
Assi vivem os Reis daquella gente,  
No campo e na cidade juntamente.

## LII.

Pelos portaes da cêrca a subtileza  
 Se enxerga da Dedalea faculdade,  
 Em figuras mostrando, por nobreza,  
 Da India a mais remota antiguidade:  
 Affiguradas vão com tal viveza  
 As histórias daquella antigua idade,  
 Que quem dellas tiver notícia inteira,  
 Pela sombra conhece a verdadeira.

## LII.

Estava hum grande exército que pisa  
 A terra Oriental, que o Hydaspe lava;  
 Rege-o hum capitão de fronte lisa,  
 Que com frondentes thyrsos pelejava:  
 Por elle edificada estava Nysa  
 Nas ribeiras do rio, que manava:  
 Tão proprio, que se alli estiver Semele,  
 Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

## LIII.

Mais ávante bebendo sécca o rio  
 Mui grande multidão da Assyria gente,  
 Sujeita ao feminino senhorio  
 De huma tão bella, como incontinente:  
 Alli tem junto ao lado nunca frio,  
 Esculpido o feroz ginete ardente,  
 Com quem teria o filho competencia:  
 Amor nefando, bruta incontinencia!

## LIV.

Daqui mais apartadas tremolavão  
As bandeiras de Grecia gloriosas,  
Terceira monarchia; e subjugavão  
Até ás águas Gangeticas undosas;  
D'hum capitão mancebo se guiavão,  
De palmas rodeado valerosas,  
Que ja não de Philippo, mas sem falta,  
De progenie de Jupiter se exalta.

## LV.

Os Portuguezes vendo estas memórias,  
Dizia o Catual ao Capitão:  
Tempo cedo virá, que outras victórias  
Estas, que agora olhais, abaterão:  
Aqui se escreverão novas histórias  
Por gentes estrangeiras que virão;  
Que os nossos sábios magos o alcançarão,  
Quando o tempo futuro especulárão.

## LVI.

E diz-lhe mais a magica sciencia,  
Que para se evitar fôrça tamanha,  
Não valerá dos homens resistencia;  
Que contra o Ceo não val da gente manha:  
Mas tambem diz, que a bellica excellencia,  
Nas armas e na paz, da gente estranha  
Será tal, que será no mundo ouvido  
O vencedor, por glória do vencido.

## LVII.

Assi fallando entravão ja na sala,  
 Onde aquelle potente Imperador  
 N'huma camilha jaz, que não se iguala  
 De outra alguma no preço e no lavor.  
 No recostado gesto se assinala  
 Hum venerando e próspero senhor;  
 Hum panno de ouro cinge, e na cabeça  
 De preciosas gemmas se adereça.

## LVIII.

Bem junto d'elle hum velho reverente,  
 Co'os giolhos no chão, de quando em quando  
 Lhe dava a verde folha da herva ardente,  
 Que a seu costume estava ruminando,  
 Hum Bramene, pessoa preeminente,  
 Para o Gama vem com passo brando,  
 Para que ao grande Principe o apresente,  
 Que diante lhe acena que se assente.

## LIX.

Sentado o Gama junto ao rico leito,  
 Os seus mais affastados, prompto em vista  
 Estava o Samorim no trajo e geito  
 Da gente nunca d'antes d'elle vista.  
 Lançando a grave voz do sábio peito,  
 Que grande autoridade logo aquista  
 Na opinião do Rei, do povo todo,  
 O Capitão lhe falla d'este modo:

## LX.

Hum grande Rei de lá das partes, onde  
 O ceo volubil, com perpétua roda,  
 Da terra a luz solar co'a terra esconde,  
 Tingindo a que deixou de escura nodá;  
 Ouvindo do rumor, que lá responde,  
 O ecco como em ti da India toda  
 O principado está e a magestade,  
 Vínculo quer contigo de amizade.

## LXI.

E por longos rodeios á ti manda  
 Por te fazer saber que tudo aquillo  
 Que sôbre o mar, que sôbre as terras anda  
 De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,  
 E desd'a fria plaga de Zelanda  
 Até bem onde o sol não muda o estylo  
 Nos dias, sôbre a gente de Ethiopia,  
 Tudo tem no seu reino em grande cópia.

## LXII.

E se queres com pactos e lianças  
 De paz e de amizade sacra e nua  
 Commercio consentir das abundanças  
 Das fazendas da terra sua e tua,  
 Porque cresção as rendas e abastanças  
 (Por quem a gente mais trabalha e sua)  
 De vossos reinos; será certamente  
 De ti proveito, e d'elle glória ingente.

## LXIII.

E, sendo assi que o nó desta amizade  
 Entre vós firmemente permaneça,  
 Estará prompto a toda adversidade,  
 Que por guerra a teu reino se offereça,  
 Com gente, armas, e naos; de qualidade  
 Que por irmão te tenha e te conheça:  
 E da vontade em ti sôbre isto posta  
 Me dês a mi certissima resposta.

## LXIV.

Tal embaixada dava o Capitão,  
 A quem o Rei gentio respondia:  
 Que em ver embaixadores de nação  
 Tão remota, grão glória recebia;  
 Mas neste caso a última tenção  
 Com os de seu conselho tomaria,  
 Informando-se certo de quem era  
 O Rei, e a gente e terra que dissera.

## LXV.

E que em tanto podia do trabalho  
 Passado ir repousar; e em tempo breve  
 Daria a seu despacho hum justo talho,  
 Com que a seu Rei resposta alegre leve.  
 Já nisto punha a noite o usado atalho,  
 Ás humanas canseiras, porque ceve  
 De doce somno os membros trabalhados,  
 Os olhos occupando ao ocio dados.

## LXVI.

Agasalhados forão juntamente  
 O Gama e Portuguezes no aposento  
 Do nobre regedor da Indica gente,  
 Com festas e geral contentamento.  
 O Catual, no cargo diligente,  
 De seu Rei tinha ja por regimento  
 Saber da gente estranha donde vinha,  
 Que costumes, que lei, que terra tinha.

## LXVII.

Tanto que os igneos carros do formoso  
 Mancebo Delio vio, que a luz renova,  
 Manda chamar Monçaide, desejoso  
 De poder-se informar da gente nova.  
 Ja lhe pergunta prompto e curioso  
 Se tem noticia inteira e certa prova  
 Dos estranhos quem são; que ouvido tinha  
 Que he gente de-sua patria mui vizinha.

## LXVIII.

Que particularmente alli lhe dêsse  
 Informação mui larga, pois fazia  
 Nisso serviço ao Rei, porque soubesse  
 O que neste negócio se faria.  
 Monçaide torna: Postoque eu quizesse  
 Dizer-te disto mais, não saberia;  
 Somente sei, que he gente lá de Hespanha,  
 Onde o meu ninho e o sol no mar se banha.

## LXIX.

Tem a lei d'hum Propheta, que gerado  
 Foi sem fazer na carne detrimento  
 Da Mãe; tal que por bafo está approvedo  
 Do Deos que tem do mundo o regimento.  
 O que entre meus antigos he vulgado  
 Delles, he que o valôr sanguinolento  
 Das armas no seu braço resplandece;  
 O que em nossos passados se parece.

## LXX.

Porque elles com virtude sobrehumana  
 Os deitárão dos campos abundosos  
 Do rico Tejo e fresca Guadiana,  
 Com feitos memoraveis e famosos:  
 E não contentes inda, na Africana  
 Parte, cortando os mares procellosos,  
 Nos não querem deixar viver seguros,  
 Tomando-nos cidades e altos muros.

## LXXI.

Não menos tem mostrado esforço e manha  
 Em quaesquer outras guerras que aconteção,  
 Ou das gentes belligeras de Hespanha,  
 Ou lá d'alguns que do Pyrene deção.  
 Assi que nunca em fim com lança estranha  
 Se tem, que por vencidos se conheção;  
 Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,  
 Para estes Annibaes nenhum Marcello.

## LXXII.

E se esta informação não for inteira,  
 Tanto quanto convem, delles pretende  
 Informar-te; que he gente verdadeira,  
 A quem mais falsidade enoja e offende.  
 Vai ver-lhe a frota, as armas, e a maneira  
 Do fundido metal, que tudo rende;  
 E folgarás de veres a policia  
 Portuguesa na paz e na milicia.

## LXXIII.

Ja com desejos o Idolátra ardia  
 De ver isto que o Mouro lhe contava:  
 Manda esquipar batéis; que ir ver queria  
 Os lenhos em que o Gama navegava.  
 Ambos partem da praia, a quem seguia  
 A Naira geração, que o mar coalhava;  
 Á capitaina sobem forte e bella,  
 Onde Paulo os recebe a bordo della.

## LXXIV.

Purpureos são os toldos, e as bandeiras  
 Do rico fio são, que o bicho gera;  
 Nellas estão pintadas as guerreiras  
 Obras, que o forte braço ja fizera:  
 Batalhas tem campaes, aventureiras,  
 Desafios crueis; pintura fera,  
 Que tanto que ao Gentio se apresenta,  
 Attento nella os olhos apascenta.

## LXXV.

Pelo que vê pergunta: mas o Gama  
 Lhe pedia primeiro que se assente,  
 E que aquelle deleite, que tanto ama  
 A seita Epicurea, experimente.  
 Dos espumantes vasos se derrama  
 O licor, que Noé mostrára á gente;  
 Mas comer o Gentio não pretende,  
 Que a seita que seguia lho defende.

## LXXVI.

A trombeta, que em paz no pensamento  
 Imagem faz de guerra, rompe os ares;  
 Co' o fogo o diabolico instrumento  
 Se faz ouvir no fundo lá dos mares.  
 Tudo o Gentio nota; mas o intento  
 Mostrava sempre ter nos singulares  
 Feitos dos homens, que em retrato breve  
 A muda poesia alli descreve:

## LXXVII.

Alça-se em pé, (com elle o Gama junto,  
 Coelho de outra parte, e o Mauritano):  
 Os olhos põe no bellico transunto  
 De hum velho branco, aspeito soberano,  
 Cujó nome não póde ser defunto  
 Em quanto houver no mundo trato humano:  
 No trajo a Grega usança está perfeita,  
 Hum ramo por insignia na direita.

## LXXVIII.

Hum ramo na mão tinha... Mas oh cego!  
 Eu que commetto insano e temerario,  
 Sem vós, Nymphas do Tejo e do Mondego,  
 Por caminho tão arduo, longo e vário?  
 Vosso favor invoco, que navego  
 Por alto mar com vento tão contrário,  
 Que se não me ajudais, hei grande medo.  
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

## LXXIX.

Olhai que ha tanto tempo que cantando,  
 O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,  
 A Fortuna me traz peregrinando,  
 Novos trabalhos vendo e novos danos:  
 Agora o mar, agora exprimentando  
 Os perigos Mavorcios inhumanos,  
 Qual Canace, que á morte se condena,  
 N'hũa mão sempre a espada, e n'outra a penna.

## LXXX.

Agora com pobreza aborrecida  
 Por hospícios alheios degradado;  
 Agora da esperança ja adquirida  
 De novo mais que nunca derribado;  
 Agora ás costas escapando a vida  
 Que d'hum fio pendia tão delgado,  
 Que não menos milagre foi salvar-se,  
 Que para o Rei Judaico accrescentar-se.

## LXXXI.

E ainda, nymphas minhas, não bastava  
 Que tamanhas miserias me cercassem ;  
 Senão que aquelles que eu cantando andava,  
 Tal prémio de meus versos me tornassem.  
 A trôco dos descansos que esperava,  
 Das çapellas de louro que me honrassem,  
 Trabalhos nunca usados me inventarão,  
 Com que em tão duro estado me deitirão.

## LXXXII.

Vêde, Nymphas, que engenhos de senhores  
 O vosso Tejo eria valerosos,  
 Que assi sabem prezar com taes favores  
 A quem os faz cantando gloriosos !  
 Que exemplos a futuros escriptores,  
 Para espertar engenhos curiosos,  
 Para pôrem as cousas em memória,  
 Que merecerem ter eterna glória !

## LXXXIII.

Pois logo em tantos males he forçado,  
 Que só vosso favor me não falleça,  
 Principalmente aqui, que sou chegado  
 Onde feitos diversos engrandeça :  
 Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado,  
 Que não no empregue em quem o não mereça,  
 Nem por lisonja louve algum subido,  
 Sob pena de não ser agradecido.

## LXXXIV.

Nem creais, Nymphas, não, que fama dêsse  
 A quem ao bem commum, e do seu Rei,  
 Antepuzer seu próprio interesse,  
 Imigo da divina e humana lei:  
 Nenhum ambicioso, que quizesse  
 Subir a grandes cargos, cantarei,  
 So por podêr com torpes exercicios  
 Usar mais largamente de seus vicios.

## LXXXV.

Nenhum que use de seu podêr bastante,  
 Para servir a seu desejo feio;  
 E que por comprazer ao vulgo errante  
 Se muda em mais figuras que Proteio:  
 Nem, Camenas, tambem cuideis que cante  
 Quem com hábito honesto e grave, veio,  
 Por contentar o Rei no officio novo,  
 A despir e roubar o pobre povo.

## LXXXVI.

Nem quem acha que he justo, e que he direito,  
 Guardar-se a lei do Rei severamente,  
 E não acha que he justo e bom respeito,  
 Que se pague o suor da servil gente:  
 Nem quem sempre com pouco experto peito  
 Razões apprende, e cuida que he prudente,  
 Para taixar, com mão rapace e escassa,  
 Os trabalhos alheios, que não passa.

## LXXXVII.

Aquelles sós direi, que aventurárão  
 Por seu Deos, por seu Rei a amada vida,  
 Onde perdendo-a, em fama a dilatárão,  
 Tão bem de suas obras merecida.  
 Apollo, e as Musas, que me acompanhárão,  
 Me dobrarão a furia concedida,  
 Em quanto eu tomo alento descansado,  
 Por tornar ao trabalho, mais folgado.



OS

**LUSIADAS.**

---

**CANTO VIII.**

SEGUNDA AUDIENCIA DO SAMORIM A GAMA.

O grande Capitão chamar mandava;  
A quem chegado disse: Se quizeres  
Confessar-me a verdade limpa e nua,  
Perdão alcançarás da culpa tua.

CANTO VIII, EST. LX





## LUSIADAS.

## CANTO OITAVO.

## I.

**N**a primeira figura se detinha  
 O Catual, que vira estar pintada,  
 Que por divisa hum ramo na mão tinha,  
 A barba branca, longa e penteada:  
 Quem era, e porque causa lhe convinha  
 A divisa que tem na mão tomada?  
 Paulo responde, cuja voz discreta  
 O Mauritano sábio lhe interpreta.

## II.

Estas figuras todas que apparecem,  
 Bravos em vista e feros nos aspeitos,  
 Mais bravos e mais feros se conhecem,  
 Pela fama, nas obras e nos feitos:  
 Antiguos são, mas inda resplandecem  
 Co' o nome, entre os engenhos mais perfeitos.  
 Este que vês he Luso, donde a fama  
 O nosso reino Lusitania chama.

## III.

Foi filho e companheiro do Thebano,  
Que tão diversas partes conquistou:  
Parece vindo ter ao ninho Hispano,  
Seguindo as armas que contino usou.  
Do Douro, e Guadiana, o campo ufano,  
Ja dito Elysio, tanto o contentou,  
Que alli quiz dar, aos ja cansados ossos  
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

## IV.

O ramo que lhe vês para divisa,  
O verde thyrsos foi de Baccho usado,  
O qual á nossa idade amostra e avisa,  
Que foi seu companheiro e filho amado.  
Vês outro que do Tejo a terra pisa,  
Despois de ter tão longo mar arado,  
Onde muros perpétuos edifica,  
E templo a Pallas, que em memória fica?

## V.

Ulysses he, que faz a sancta casa  
Á deosa, que lhe dá lingua facunda;  
Que se lá na Asia Troia insigne abrasa,  
Cá na Europa Lisboa ingente funda.  
Quem será est'outro cá, que o campo arrasa  
De mortos, com presença furibunda?  
Grandes batalhas tem desbaratadas,  
Que as aguias nas bandeiras tem pintadas.

## VI.

Assi o Gentio diz : responde o Gama :  
Este que vês, pastor ja foi de gado ;  
Viriato sabemos que se chama ,  
Destro na lança mais, que no cajado :  
Injuriada tem de Roma a fama ,  
Vencedor invencibil, affamado :  
Não tem com elle, não, nem ter pudérão  
O primor que com Pyrrho ja tiverão.

## VII.

Com fôrça não, com manha vergonhosa  
A vida lhe tirárão, que os espanta ;  
Que o grande apêrto em gente, inda que honrosa ,  
Ás vezes leis magnanimas quebranta.  
Outro está aqui, que contra a patria irosa ,  
Degradado, comnosco se alevanta :  
Escolheo bem com quem se alevantasse ,  
Para que eternamente se illustrasse.

## VIII.

Vês ? comnosco tambem vence as bandeiras  
Dessas aves de Jupiter validas ;  
Que ja naquelle tempo as mais guerreiras  
Gentes de nós souberão ser vencidas.  
Ólha tão subtis artes e maneiras  
Para adquirir os povos, tão fingidas ;  
A fatidica cerva que o avisa :  
Elle he Sertorio, e ella a sua divisa.

## IX.

Ólha est'outra bandeira, e vê pintado  
 O grão progenitor dos Reis primeiros:  
 Nós Hungaro o fazemos, porém nado  
 Crem ser em Lotharingia os estrangeiros,  
 Depois de ter os Mouros superado,  
 Gallegos e Leonezes cavalleiros,  
 Á Casa sancta passa o sancto Henrique,  
 Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

## X.

Quem he, me dize, est'outro que me espanta,  
 (Pergunta o Malabar maravilhado)  
 Que tantos esquadrões, que gente tanta,  
 Com tão pouca, tem roto e destroçado?  
 Tantos muros asperrimos quebranta,  
 Tantas batalhas dá, nunca cansado,  
 Tantas coroas tem por tantas partes  
 A seus pés derribadas e estandartes!

## XI.

Este he o primeiro Affonso, disse o Gama,  
 Que todo Portugal aos Mouros toma;  
 Por quem no Estygio lago jura a Fama  
 De mais não celebrar nenhum de Roma:  
 Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,  
 Com cujo braço o Mouro imigo doma;  
 Para quem de seu reino abaixa os muros,  
 Nada deixando ja para os futuros.

## XII.

Se Cesar, se Alexandre Rei, tiverão  
Tão pequeno podêr, tão pouca gente,  
Contra tantos inimigos, quantos erão  
Os que desbaratava este excellente;  
Não creas que seus nomes se estendêrão  
Com glórias immortaes tão largamente.  
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,  
Vê que os de seus vassallos são notaveis.

## XIII.

Este que vês olhar, com gesto irado,  
Para o rompido alumno mal soffrido,  
Dizendo-lhe que o exército espalhado  
Recolha, e torne ao campo defendido:  
Torna o moço do velho acompanhado,  
Que vencedor o torna de vencido:  
Egas Moniz se chama o forte velho,  
Para leaes vassallos claro espelho.

## XIV.

Ve-lo cá vai co'os filhos a entregar-se,  
A corda ao collo, nu de seda e panno,  
Porque não quiz o moço sujeitar-se,  
Como elle promettêra ao Castelhana.  
Fez com siso, e promessas levantar-se  
O cêrco, que ja estava soberano:  
Os filhos e mulher obriga á pena;  
Para que o senhor salve, a si condena.

## XV.

Não fez o consul tanto, que cercado  
Foi nas forcas Caudinas de ignorante,  
Quando a passar por baixo foi forçado  
Do Samnitico jugo triumphante.  
Este, pelo seu povo injuriado,  
A si se entrega só, firme e constante;  
Est'outro a si e os filhos naturais,  
E a consorte sem culpa, que doe mais.

## XVI.

Vês este que, sahindo da cilada,  
Dá sôbre o Rei, que cerca a villa forte?  
Ja o Rei tem preso e a villa descercada:  
Illustre feito, digno de Mavorte.  
Ve-lo cá vai pintado nesta armada,  
No mar tambem aos Mouros dando a morte,  
Tomando-lhe as galés, levando a glória  
Da primeira maritima victória:

## XVII.

He Dom Fuas Roupinho, que na terra,  
E no mar resplandece juntamente,  
Co'o fogo que accendeu junto da serra  
De Abyla nas galés da Maura gente.  
Ólha como em tão justa e sancta guerra  
De acabar pelejando está contente:  
Das mãos dos Mouros entra a felice alma  
Triumphando nos Ceos, com justa palma.

## XVIII.

Não vês hũ ajuntamento, de estrangeiro  
Trajo, sahir da grande armada nova,  
Que ajuda a combater o Rei primeiro  
Lisboa, de si dando sancta prova?  
Ólha Henrique, famoso cavalleiro,  
A palma que lhe nasce junto á cova:  
Por elles mostra Deos milagre visto:  
Germanos são os martyres de Christo.

## XIX.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada  
Contra Arronches que toma, por vingança  
De Leiria, que de antes foi tomada  
Por quem por Mafamede enresta a lança:  
He Theotonio, Prior. Mas vê cercada  
Santarem, e verás a segurança  
Da figura nos muros, que primeira  
Subindo, ergueo das Quinas a bandeira:

## XX.

Ve-lo cá donde Sancho desbarata  
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,  
Os imigos rompendo, o alferes mata,  
E o Hispalico pendão derriba em terra.  
Mem Moniz he, que em si o valor retrata,  
Que o sepulchro do pae co'os ossos cerra:  
Digno destas bandeiras, pois sem falta  
A contrária derriba, e a sua exalta.

## XXI.

Ólha aquelle que desce pela lança  
 Com as duas cabeças dos vigias,  
 Onde a cilada esconde, com que alcança  
 A cidade por manhas e ousadias.  
 Ella por armas toma a semelhança  
 Do cavalleiro, que as cabeças frias  
 Na mão levava: feito nunca feito!  
 Giraldo Sem-pavor he o forte peito.

## XXII.

Não vês hum Castelhanao, que aggravado  
 De Affonso nono Rei, pelo odio antigo  
 Dos de Lara, co'os Mouros he deitado,  
 De Portugal fazendo-se inimigo?  
 Abrantes villa toma, acompanhado  
 Dos duros infieis que traz comsigo.  
 Mas vê que hum Portuguez com pouca gente  
 O desbarata e o prende ousadamente.

## XXIII.

Martim Lopes se chama o cavalleiro,  
 Que destes levar pôde a palma e o louro.  
 Mas ólha hum ecclesiastico guerreiro,  
 Que em lança de aço torna o bago de ouro:  
 Ve-lo entre os duvidosos tão inteiro  
 Em não negar batalha ao bravo Mouro:  
 Ólha o signal no ceo que lhe apparece,  
 Com que nos poucos seus o esfôrço crece.

## XXIV.

Vês? vão os Reis de Cordova e Sevilha  
Rotos, co'os outros dous, e não de espaço;  
Rotos? mas antes mortos. Maravilha  
Feita de Deos, que não de humano braço.  
Vês? ja a villa de Alcacere se humilha,  
Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,  
A Dom Mattheus, o Bispo de Lisboa,  
Que a coroa de palma alli coroa.

## XXV.

Ólha hum Mestre que desce de Castella,  
Portuguez de nação, como conquista  
A terra dos Algarves, e ja nella  
Não acha quem por armas lhe resista:  
Com manha, esfôrço e com benigna estrella,  
Villas, castellos toma á escala vista.  
Vês Tavila tomada aos moradores,  
Em vingança dos sete caçadores?

## XXVI.

Vês? com bellica astucia ao Mouro ganha  
Sylves, que elle ganhou com fôrça ingente:  
He Dom Paio Correa, cuja manha  
E grande esfôrço faz inveja á gente.  
Mas não passes os tres que em França e Hespanha  
Se fazem conhecer perpetuamente  
Em desafios, justas e torneos,  
Nellas deixando publicos tropheos.

## XXVII.

Ve-los? co'o nome vem de aventureiros  
 A Castella, onde o preço sós levárão  
 Dos jogos de Bellona verdadeiros,  
 Que com damno de alguns se exercitárão.  
 Vê mortos os soberbos cavalleiros,  
 Que o principal dos tres desafiárão,  
 Que Gonçalo Ribeiro se nomea,  
 Que póde não temer a Lei Lethea.

## XXVIII.

Attenta n'hum que a fama tanto estende,  
 Que de nenhum passado se contenta;  
 Que a patria que de hum fraco fio pende,  
 Sôbre seus duros hombros a sustenta.  
 Não no vês tinto de ira, que reprende  
 A vil desconfiança, inerte e lenta,  
 Do povo; e faz que tome o doce freio  
 De Rei seu natural, e não de alheio?

## XXIX.

Ólha: por seu conselho, e ousadia  
 De Deos guiada só, e de sancta estrella,  
 Só pôde, o que impossibil parecia,  
 Vencer o povo ingente de Castella.  
 Vês por industria, esfôrço e valentia,  
 Outro estrago, e victória clara e bella,  
 Na gente, assi feroz como infinita,  
 Que entre o Tartesso e Guadiana habita:

## XXX.

Mas não vês quasi ja desbaratado  
 O podêr Lusitano, pela ausencia  
 Do capitão devoto, que apartado  
 Orando invoca a summa e trina Essencia?  
 Ve-lo com pressa ja dos seus achado,  
 Que lhe dizem que falta resistencia  
 Contra podêr tamanho; e que viesse,  
 Porque comsigo esfôrço aos fracos dêsse?

## XXXI.

Mas ólha côm que sancta confiança,  
 Que inda não era tempo, respondia;  
 Como quem tinha em Deos a segurança  
 Da victória, que logo lhe daria.  
 Assi Pompilio, ouvindo que a possança  
 Dos imigos a terrâ lhe corria,  
 A quem lhe a dura nova estava dando,  
 Pois eu, responde, estou sacrificando.

## XXXII.

Se quem com tanto esfôrço em Deos se atreve  
 Ouvir quizeres como se nomeia,  
 Portuguez Scipião chamar-se deve,  
 Mas mais de Dom Nuno Alvares se arreia.  
 Ditosa patria que tal filho teve!  
 Mas antes pae; que em quanto o sol rodeia  
 Este globo de Ceres e Neptuno,  
 Sempre suspirará por tal alumno.

## XXXIII.

Na mesma guerra vê que prêzas ganha  
 Est'outro capitão de pouca gente!  
 Commendadores vence, e o gado apanha,  
 Que levavão roubado ousadamente.  
 Outra vez vê que a lança em sangue banha  
 Destes, só por livrar co'amor ardente  
 O preso amigo; preso por leal:  
 Pero Rodrigues he do Landroal.

## XXXIV.

Ólha este desleal o como paga  
 O perjurio que fez e vil engano:  
 Gil Fernandes he de Elvas quem o estraga,  
 E faz vir a passar o último dano:  
 De Xerez rouba o campo e quasi alaga  
 Co'o sangue de seus donos Castelhanos.  
 Mas ólha Rui Pereira, que co'o rosto  
 Faz escudo ás galés, diante pôsto.

## XXXV.

Ólha que dezasete Lusitanos  
 Neste outeiro subidos se defendem  
 Fortes de quatro centos Castelhanos,  
 Que em derredor polos tomar se estendem:  
 Porém logo sentirão com seus danos,  
 Que não só se defendem, mas offendem:  
 Digno feito de ser no mundo eterno;  
 Grande no tempo antiguo e no moderno.

## XXXVI.

Sabe-se antigamente que trezentos  
 Ja contra mil Romanos pelejarão,  
 No tempo que os viris atrevimentos  
 De Viriato tanto se illustrarão.  
 E delles alcançando vencimentos  
 Memoraveis, de herança nos deixarão,  
 Que os muitos, por ser poucos, não temamos;  
 O que depois mil vezes amostrámos.

## XXXVII.

Ólha cá dous Infantes, Pedro e Henrique,  
 Progenie generosa de Joanne:  
 Aquelle faz que fama illustre fique  
 Delle em Germania, com que a morte engane:  
 Este, que ella nos mares o publique  
 Por seu descobridor, e desengane  
 De Ceita a Maura tumida vaidade,  
 Primeiro entrando as portas da cidade.

## XXXVIII.

Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta  
 Dous cêrcos contra toda a Barbaria?  
 Vês? outro Conde está, que representa  
 Em terra Marte, em fôrças e ousadia:  
 De podêr defender se não contenta  
 Alcacere da ingente companhia;  
 Mas do seu Rei defende a chara vida,  
 Pondo por muro a sua, alli perdida.

## XXXIX.

Outros maitos verias, que os pintores  
 Aqui tambem por certo pintarião;  
 Mas falta-lhe pincel, faltão-lhe côres,  
 Honra, prémio, favor, que as artes crião:  
 Culpa dos viciosos successores,  
 Que degenerão certo, e se desvião  
 Do lustre, e do valôr dos seus passados,  
 Em gôstos e vaidades atolados.

## XL.

Aquelles paes illustres que ja derão  
 Principio á geração que delles pende,  
 Pola virtude muito então fizerão,  
 E por deixar a casa que descende.  
 Cegos! que dos trabalhos que tiverão,  
 Se alta fama e rumor delles se estende,  
 Escuros deixão sempre seus menores,  
 Com lhe deixar descansos corruptores.

## XLI.

Outros tambem ha grandes e abastados,  
 Sem nenhum tronco illustre donde venhão;  
 Culpa de Reis, que ás vezes a privados  
 Dão mais que a mil, que esfôrço, e saber tenhão.  
 Estes os seus não querem ver pintados,  
 Crendo que côres vâas lhe não convenhão;  
 E como a seu contrário natural,  
 Á pintura que falla querem mal.

## XLII.

Não nego que ha com tudo descendentes  
 De generoso tronco e casa rica,  
 Que com costumes altos e excellentes  
 Sustentão a nobreza que lhe fica:  
 E se a luz dos antigos seus parentes  
 Nelles mais o valôr não clarifica,  
 Não falta ao menos, nem se faz escura:  
 Mas destes acha poucos a pintura.

## XLIII.

Assi está declarando os grandes feitos  
 O Gama, que alli mostra a vária tinta;  
 Que a douda mão tão claros, tão perfeitos,  
 Do singular artifice alli pinta.  
 Os olhos tinha promptos e direitos  
 O Catual na história bem distinta:  
 Mil vezes perguntava, e mil ouvia  
 As gostosas batalhas que alli via.

## XLIV.

Mas ja a luz se mostrava duvidosa,  
 Porque a alampada grande se escondia  
 Debaixo do horizonte, e luminosa  
 Levava aos antipodas o dia,  
 Quando o Gentio, e a gente generosa  
 Dos Naires, da nao forte se partia  
 A buscar o repouso, que descansa  
 Os lasso animaes, na noite mansa.

## XLV.

Entretanto os haruspices famosos  
 Na falsa opinião, que em sacrificios  
 Antevem sempre os casos duvidosos  
 Por signaes diabolicos e indicios;  
 Mandados do Rei proprio, estudiosos  
 Exercitavão a arte e seus officios,  
 Sôbre esta vinda desta gente estranha,  
 Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

## XLVI.

Signal lhe mostra o Demo verdadeiro  
 De como a nova gente lhe seria  
 Jugo perpétuo, eterno captiveiro,  
 Destruição de gente, e de valia.  
 Vai-se espantado o attonito agoureiro  
 Dizer ao Rei (segundo o que entendia)  
 Os signaes temerosos, que alcançára  
 Nas entranhas das victimas que olhára.

## XLVII.

A isto mais se ajunta, que a hum devoto  
 Sacerdote da lei de Mafamede,  
 Dos odios concebidos não remoto  
 Contra a divina Fé, que tudo excede,  
 Em fórma do propheta falso e noto,  
 Que do filho da escrava Agar procede,  
 Baccho odioso em sonhos lhe apparece,  
 Que de seus odios inda se não dece.

## XLVIII.

E diz-lhe assi: Guardai-vos, gente minha,  
 Do mal que se aparelha pelo imigo,  
 Que pelas águas humidas caminha,  
 Antes que esteis mais perto do perigo.  
 Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,  
 Espantado do sonho: mas comsigo  
 Cuida que não he mais que sonho usado:  
 Torna a dormir quieto e socegado.

## XLIX.

Torna Baccho, dizendo: Não conheces  
 O grão legislador, que a teus passados  
 Tem mostrado o preceito a que obedeces,  
 Sem o qual foreis muitos baptizados?  
 Eu por ti, rudo, velo; e tu adormeces?  
 Pois saberás, que aquelles que chegados  
 De novo são, serão mui grande dano  
 Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

## L.

Em quanto he fraca a fôrça desta gente,  
 Ordena como em tudo se resista;  
 Porque quando o sol sahe, facilmente  
 Se pôde nelle pôr a aguda vista:  
 Porém depois que sobe claro e ardente,  
 Se agudeza dos olhos o conquista,  
 Tão cega fica, quanto ficareis  
 Se raizes criar lhe não tolheis.

## LII.

Isto dito, elle e o somno se despede :  
 Tremendo fica o attonito Agareno :  
 Salta da cama, lume aos servos pede,  
 Lavrando nelle o férvido veneno.  
 Tanto que a nova luz, que ao sol precede,  
 Mostrára rosto angelico e sereno,  
 Convoca os principaes da torpe seita,  
 Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.

## LIII.

Diversos pareceres, e contrários  
 Alli se dão, segundo o que entendião :  
 Astutas traições, enganos vários,  
 Perfidias inventavão e tecião.  
 Mas deixando conselhos temerarios,  
 Destruição da gente pretendião  
 Por manhas mais subtis e ardis melhores,  
 Com peitas adquirindo os regedores.

## LIII.

Com peitas, ouro, e dadas secretas,  
 Concilião da terra os principaes ;  
 E com razões notaveis e discretas  
 Mostrão ser perdição dos naturaes ;  
 Dizendo que são gentes inquietas,  
 Que os mares discorrendo Occidentaes,  
 Vivem só de piraticas rapinas,  
 Sem Rei, sem leis humanas ou divinas.

## LIV.

Oh quanto deve o Rei que bem governa,  
 De olhar que os conselheiros, ou privados,  
 De consciencia e de virtude interna,  
 E de sincero amor sejam dotados!  
 Porque, como estê pôsto na superna  
 Cadeira, pôde mal dos apartados  
 Negócios ter noticia mais inteira,  
 Do que lhe der a lingua conselheira.

## LV.

Nem tão pouco direi que tome tanto  
 Em grosso a consciencia limpa e certa,  
 Que se enleve n'hum pobre e humilde manto,  
 Onde ambição a caso ande encoberta.  
 E quando hum bom em tudo he justo e santo,  
 Em negócios do mundo pouco acerta;  
 Que mal com elles poderá ter conta  
 A quieta innocencia, em só Deos pronta.

## LVI.

Mas aquelles avaros Catuais,  
 Que o Gentilico povo governavão,  
 Induzidos das gentes infernais,  
 O Portuguez despachó dilatavão.  
 Mas o Gama, que não pretende mais  
 De tudo quanto os Mouros ordenavão,  
 Que levar a seu Rei hum signal certo  
 Do mundo, que deixava descoberto;

## LVII.

Nisto trabalha só; que bem sabia,  
 Que depois que levasse esta certeza,  
 Armas, e naos, e gente mandaria  
 Manoel, que exercita a summa alteza,  
 Com que a seu jugo e lei submetteria,  
 Das terras e do mar a redondeza:  
 Que elle não era mais que hum diligente  
 Descubridor das terras do Oriente.

## LVIII.

Fallar ao Rei gentio determina,  
 Porque com seu despacho se tornasse;  
 Que ja sentia em tudo da malina  
 Gente impedir-se quanto desejasse.  
 O Rei, que da noticia falsa e indina  
 Não era d'espantar se s'espantasse;  
 Que tão credulo era em seus agouros,  
 E mais sendo affirmados pelos Mouros;

## LIX.

Este temor lhe esfria o baixo peito:  
 Por outra parte a fôrça da cobiça,  
 A quem por natureza está sujeito,  
 Hum desejo immortal lhe accende e atiça;  
 Que bem vê que grandissimo proveito  
 Fará, se com verdade e com justiça  
 O contrato fizer por longos annos,  
 Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.

## LX.

Sobre isto nos conselhos que tomava,  
 Achava mui contrários pareceres;  
 Que naquelles com quem se aconselhava,  
 Executa o dinheiro seus podêres.  
 O grande Capitão chamar mandava;  
 A quem chegado disse: Se quizeres  
 Confessar-me a verdade limpa e nua,  
 Perdão alcançarás da culpa tua.

## LXI.

Eu sou bem informado, que a embaixada  
 Que de teu Rei me deste, que he fingida;  
 Porque nem tu tens Rei, nem patria amada;  
 Mas vagabundo vás passando a vida:  
 Que quem da Hesperia última alongada,  
 Rei, ou senhor de insania desmedida,  
 Ha de vir commetter com naos e frotas  
 Tão incertas viagens e remotas?

## LXII.

E se de grandes reinos poderosos  
 O teu Rei tem a régia magestade,  
 Que presentes me trazes valerosos,  
 Signaes de tua incognita verdade?  
 Com peças e dons altos sumptuosos  
 Se lia dos Reis altos a amizade:  
 Que signal nem penhor não he bastante  
 As palavras d'hum vago navegante.

## LXIII.

Se por ventura vindes desterrados,  
 Como ja forão homens d'alta sorte,  
 Em meu reino sereis agasalhados;  
 Que toda a terra he patria para o forte:  
 Ou se piratas sois ao mar usados,  
 Dizei-mo sem temor de infamia ou morte;  
 Que por se sustentar em toda idade  
 Tudo faz a vital necessidade.

## LXIV.

Isto assi dito, o Gama que ja tinha  
 Suspeitas das insidias que ordenava  
 O Mahometico odio, donde vinha  
 Aquillo que tão mal o Rei cuidava;  
 C'humã alta confiança, que convinha,  
 Com que seguro credito alcançava,  
 Que Venus Acidalia lhe influia,  
 Taes palavras do sábio peito abria:

## LXV.

Se os antigos delictos, que a malicia  
 Humana commetteo na prisca idade,  
 Não causarão, que o vaso da nequicia,  
 Açoute tão cruel da Christandade,  
 Viera pôr perpétua inimicicia  
 Na geração de Adão co'a falsidade  
 (Ó poderoso Rei) da torpe seita,  
 Não concebêras tu tão má suspeita.

## LXVI.

Mas porque nenhum grande bem se alcança  
 Sem grandes oppressões, e em todo o feito  
 Segue o temor os passos da esperança,  
 Que em suor vive sempre de seu peito;  
 Me mostras tu tão pouca confiança  
 Desta minha verdade, sem respeito  
 Das razões em contrário, que acharias,  
 Se não cresses a quem não crer devias.

## LXVII.

Porque se eu de rapinas só vivesse,  
 Undivago, ou da patria desterrado,  
 Como crês que tão longe me viesse  
 Buscar assento incognito e apartado?  
 Por que esperanças, ou por que interêsse  
 Viria experimentando o mar irado,  
 Os Antarticos frios, e os ardores  
 Que soffrem do Carneiro os moradores?

## LXVIII.

Se com grandes presentes d'alta estima  
 O credito me pedes do que digo,  
 Eu não vim mais que a achar o estranho clima,  
 Onde a natura poz teu reino antigo.  
 Mas se a Fortuna tanto me sublima,  
 Que eu torne á minha patria e reino amigo,  
 Então verás o dom soberbo e rico,  
 Com que minha tornada certifico.

## LXIX.

Se te parece inopinado feito,  
 Que Rei da última Hesperia a ti me mande,  
 O coração sublime, o regio peito,  
 Nenhum caso possibil tem por grande.  
 Bem parece que o nobre e grão conceito  
 Do Lusitano espirito demande  
 Maior credito, e fé de mais alteza,  
 Que crea delle tanta fortaleza.

## LXX.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos  
 Reis nossos firmemente propuzerão  
 De vencer os trabalhos e perigos,  
 Que sempre ás grandes cousas se oppuzerão.  
 E, descobrindo os mares inimigos  
 Do quieto descanso, pretendêrão  
 De saber que fim tinhão, e onde estavão  
 As derradeiras praias que lavavão.

## LXXI.

Conceito digno foi do ramo claro  
 Do venturoso Rei, que arou primeiro  
 O mar, por ir deitar do ninho charo  
 O morador de Abyla derradeiro.  
 Este, por sua indústriã e engenho raro  
 N'hum madeiro ajuntando outro madeiro,  
 Descobrir pôde a parte, que faz clara  
 De Argos, da Hydra a luz, da Lebre e da Ara.

## LXXII.

Crescendo co'os successos bons primeiros  
No peito as ousadias, descobrirão  
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,  
Que huns succedendo aos outros proseguirão.  
De Africa os moradores derradeiros  
Austraes, que nunca as sete flammias virão,  
Forão vistos de nós, atraz deixando  
Quantos estão os Tropicos queimando.

## LXXIII.

Assi com firme peito, e com tamanho  
Proposito vencemos a Fortuna,  
Até que nós no teu terreno estranho  
Viemos pôr a última coluna.  
Rompendo a fôrça do liquido estanho,  
Da tempestade horrifica e importuna,  
A ti chegámos, de quem só queremos  
Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

## LXXIV.

Esta he a verdade, Rei: que não faria  
Por tão incerto bem, tão fraco prémio,  
Qual, não sendo isto assi, sperar podia,  
Tão longo, tão fingido e vão proemio:  
Mas antes descansar me deixaria  
No nunca descansado e fero gremio  
Da madre Tethys, qual pirata inico,  
Dos trabalhos alheios feito rico.

## LXXV.

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade  
 Tens por qual he, sincera e não dobrada,  
 Ajunta-me ao despacho brevidade,  
 Não me impidas o gôsto da tornada.  
 E se inda te parece falsidade,  
 Cuida bem na razão que está provada,  
 Que com claro juizo póde ver-se;  
 Que facil he a verdade d'entender-se.

## LXXVI.

Attento estava o Rei na segurança,  
 Com que provava o Gama o que dizia;  
 Concebe d'elle certa confiança,  
 Credito firme, em quanto proferia:  
 Pondera das palavras a abastança,  
 Julga na autoridade gram valia:  
 Começa de julgar por enganados  
 Os Catuaes corruptos, mal julgados.

## LXXVII.

Juntamente a cobiça do proveito,  
 Que espera do contracto Lusitano,  
 O faz obedecer, e ter respeito  
 Co'o Capitão, e não co'o Mauro engano.  
 Em fim ao Gama manda que direito  
 Ás naos se vá, e seguro d'algun dano  
 Possa a terra mandar qualquer fazenda,  
 Que pela especiaria troque e venda.

## LXXVIII.

Que mande da fazenda em fim lhe manda ,  
 Que nos reinos Gangeticos falleça ;  
 Se alguma traz idonea , lá da banda  
 Donde a terra se acaba e o mar começa.  
 Já da Real presença veneranda  
 Se parte o Capitão para onde peça  
 Ao Catual, que delle tinha cargo ,  
 Embarcação ; que a sua está de largo.

## LXXIX.

Embarcação que o leve ás naos lhe pede :  
 Mas o mao regedor , que novos laços  
 Lhe machinava , nada lhe concede ;  
 Interpondo tardanças e embaraços.  
 Com elle parte ao caes , porque o arrede  
 Longe quanto puder dos regios paços ;  
 Onde , sem que seu Rei tenha noticia ,  
 Faça o que lhe ensinar sua malícia.

## LXXX.

Lá bem longe lhe diz , que lhe daria  
 Embarcação bastante , em que partisse ;  
 Ou que para a luz crastina do dia  
 Futuro , sua partida differisse.  
 Já com tantas tardanças entendia  
 O Gama , que o Gentio consentisse  
 Na má tenção dos Mouros , torpe e fera ,  
 O que delle atelli não entendêra.

## LXXXI.

Era este Catual hum dos que estavam  
 Corruptos pela Maumetana gente,  
 O principal por quem se governavão  
 As cidades do Samorim potente:  
 Delle somente os Mouros esperavão  
 Efeito a seus enganos torpemente.  
 Elle, que no concêrto vil conspira,  
 De suas esperanças não delira.

## LXXXII.

O Gama com instancia lhe requiere  
 Que o mande pôr nas naos, e não lhe val;  
 E que assi lho mandára, lhe refere,  
 O nobre successor de Perimal.  
 Por que razão lhe impede e lhe differe  
 A fazenda trazer de Portugal?  
 Pois aquillo que os Reis ja tem mandado,  
 Não pôde ser por outrem derogado.

## LXXXIII.

Pouco obedece o Catual corruto  
 A taes palavras, antes revolvendo  
 Na phantasia algum subtil e astuto  
 Engano diabolico e estupendo;  
 Ou como banhar possa o ferro bruto  
 No sangue aborrecido estava vendo,  
 Ou como as naos em fogo lhe abrazasse,  
 Porque nenhuma á patria mais tornasse.

## LXXXIV.

Que nenhum torne á patria só pretende  
O conselho infernal dos Maumetanos,  
Porque não saiba nunca onde se estende  
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.  
Não parte o Gama em fim, que lho defende  
O regedor dos barbaros profanos;  
Nem sem licença sua ir-se podia,  
Que as almadias todas lhe tolhia.

## LXXXV.

Aos brados e razões do Capitão  
Responde o Idolátra, que mandasse  
Chegar a terra as naos que longe estão,  
Porque melhor dalli fosse e tornasse.  
Signal he de inimigo e de ladrão,  
Que lá tão longe a frota se alargasse,  
Lhe diz, porque do certo e fido amigo  
He não temer do seu nenhum perigo.

## LXXXVI.

Nestas palavras o discreto Gama  
Enxerga bem que as naos deseja perto  
O Catual, porque com ferro e flamma  
Lhas assalte, por odio descoberto.  
Em vários pensamentos se derrama,  
Phantasiando está remédio certo,  
Que dêsse a quanto mal se lhe ordenava:  
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

## LXXXVII.

Qual o reflexo lume do polido  
 Espelho de aço, ou de crystal formoso,  
 Que de raio solar sendo ferido,  
 Vai ferir n'outra parte luminoso;  
 E, sendo da ociosa mão movido  
 Pela casa do moço curioso,  
 Anda pelas paredes e telhado,  
 Trémulo aqui, alli dessocegado:

## LXXXVIII.

Tal o vago juizo fluctuava  
 Do Gama preso, quando lhe lembrára  
 Coelho, se por caso o esperava  
 Na praia co'os batéis, como ordenára:  
 Logo secretamente lhe mandava,  
 Que se tornasse á frota, que deixára,  
 Não fosse salteado dos enganos,  
 Que esperava dos feros Maumetanos.

## LXXXIX.

Tal ha de ser, quem quer co'o dom de Marte  
 Imitar os illustres, e igualá-los:  
 Voar co'o pensamento a toda parte,  
 Adivinhar perigos e evitá-los:  
 Com militar engenho e subtil arte  
 Entender os imigos, e enganá-los;  
 Crer tudo em fim; que nunca louvarei  
 O capitão que diga: Não cuidei.

## XC.

Insiste o Malabar em te-lo preso,  
 Se não manda chegar a terra a armada;  
 Elle constante, e de ira nobre acceso,  
 Os ameaços seus não teme nada:  
 Que antes quer sôbre si tomar o pêso  
 De quanto mal a vil malícia ousada  
 Lhe andar armando, que pôr em ventura  
 A frota de seu Rei, que tem segura.

## XCI.

Aquella noite esteve alli detido,  
 E parte do outro dia; quando ordena  
 De se tornar ao Rei: mas impedido  
 Foi da guarda que tinha não pequena.  
 Commette-lhe o Gentio outro partido,  
 Temendo de seu Rei castigo ou pena,  
 Se sabe esta malícia; a qual asinha  
 Saberá, se mais tempo alli o detinha.

## XCII.

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda  
 Vendibil, que trazia, para terra,  
 Para que de vagar se troque e venda;  
 Que quem não quer commércio, busca guerra.  
 Postoque os maos propositos entenda  
 O Gama, que o damnado peito encerra,  
 Consente; porque sabe por verdade,  
 Que compra co'a fazenda a liberdade.

## XCIII.

Concertão-se que o negro mande dar  
 Embarcações idoneas em que venha;  
 Que os seus batéis não quer aventurar  
 Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha.  
 Partem as almadias a buscar  
 Mercadoria Hispana, que convenha:  
 Escreve a seu irmão que lhe mandasse  
 A fazenda, com que se resgatasse.

## XCIV.

Vem a fazenda a terra, aonde logo  
 A agasalhou o infame Catual:  
 Com ella ficão Alvaro e Diogo,  
 Que a podessem vender pelo que val.  
 Se mais que obrigação, que mando e rôgo  
 No peito vil o prémio póde e val,  
 Bem o mostra o Gentio a quem o entenda;  
 Pois o Gama soltou pola fazenda.

## XCV.

Por ella o solta, crendo que alli tinha  
 Penhor bastante, donde recebesse  
 Interêsse maior do que lhe vinha,  
 Se o Capitão mais tempo detivesse.  
 Elle, vendo que ja lhe não convinha  
 Tornar a terra; porque não podesse  
 Ser mais retido, sendo ás naos chegado,  
 Nellas estar se deixa descansado.

## XCVI.

Nas naos estar se deixa vagaroso ,  
Até ver o que o tempo lhe descobre ;  
Que não se fia ja do cobiçoso  
Regedor corrompido e pouco nobre.  
Veja agora o juizo curioso  
Quanto no rico , assi como no pobre ,  
Póde o vil interêsse , e sêde imiga  
Do dinheiro , que a tudo nos obriga.

## XCVII.

A Polydoro mata o Rei Threïcio ,  
Só por ficar senhor do grão thesouro :  
Entra pelo fortissimo edificio  
Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro :  
Póde tanto em Tarpeia avaro vício ,  
Que a trôco do metal luzente e louro  
Entrega aos inimigos a alta torre ,  
Do qual quasi affogada em pago morre.

## XCVIII.

Este rende munidas fortalezas ,  
Faz traidores e falsos os amigos :  
Este aos mais nobres faz fazer vilezas ,  
E entrega capitães aos inimigos :  
Este corrompe virginaes purezas ,  
Sem temer de honra ou fama alguns perigos :  
Este deprava ás vezes as sciencias ,  
Os juizos cegando e as consciencias

## XCIX.

Este interpreta mais que subtilmente  
 Os textos : este faz e desfaz leis :  
 Este causa os perjurios entre a gente,  
 E mil vezes tyrannos torna os Reis.  
 Até os que só a Deos Omnipotente  
 Se dedicão, mil vezes ouvireis,  
 Que corrompe este encantador e illude;  
 Mas não sem côr, com tudo, de virtude.



LIBRO DE VENTA

OS

**LUSIADAS.**

---

**CANTO IX.**

## ILHA DE VENUS.

Dest'arte em fim conformes ja as formosas  
Nymphas, co'os seus amados navegantes,  
Os ornão de capellas deleitosas  
De louro, e de ouro, e flores abundantes :

CANTO IX, EST. LXXIV





## LUSIADAS.

## CANTO NONO.

## I.

**T**iverão longamente na cidade  
 Sem vender-se a fazenda os dous feitores ;  
 Que os infieis por manha e falsidade  
 Fazem que não lha comprem mercadores :  
 Que todo seu proposito e vontade  
 Era deter alli os descobridores  
 Da India tanto tempo, que viessem  
 De Meca as naos, que as suas desfizessem.

## II.

Lá no seio Erythreo, onde fundada  
 Arsinoe foi do Egepcio Ptolemeo,  
 Do nome da irmã sua assi chamada,  
 Que depois em Suez se converteo ;  
 Não longe o porto jaz da nomeada  
 Cidade Meca, que se engrandeceo  
 Com a superstição falsa e profana  
 Da religiosa água Maumetana.

## III.

Gidá se chama o porto, aonde o trato  
 De todo o Roxo mar mais florescia,  
 De que tinha proveito grande e grato  
 O Soldão, que esse reino possuia.  
 Daqui aos Malabares, por contrato  
 Dos infieis, formosa companhia  
 De grandes naos, pelo Indico Oceano,  
 Especiaria vem buscar cada anno.

## IV.

Por estas naos os Mouros esperavão ;  
 Que, como fossem grandes e possantes,  
 Aquellas, que o commércio lhe tomavão,  
 Com flammæ abrazassem crepitantes.  
 Neste soccorro tanto confiavão,  
 Que ja não querem mais dos navegantes,  
 Senão que tanto tempo alli tardassem,  
 Que da famosa Meca as naos chegassem.

## V.

Mas o Governador dos ceos e gentes,  
 Que para quanto tem determinado  
 De longe os meios dá convenientes,  
 Por onde vem a effeito o fim fadado ;  
 Influo piedosos accidentes  
 De affeição em Monçaide, que guardado  
 Estava para dar ao Gama aviso,  
 E merecer por isso o Paraiso.

## VI.

Este, de quem se os Mouros não guardavão,  
Por ser Mouro como elles, antes era  
Participante em quanto machinavão,  
A tenção lhe descobre torpe e fera.  
Muitas vezes as naos que longe estavam  
Visita, e com piedade considera  
O damno, sem razão, que se lhe ordena  
Pela maligna gente Sarracena.

## VII.

Informa o cauto Gama das armadas  
Que de Arabica Meca vem cada anno;  
Que agora são dos seus tão desejadas,  
Para ser instrumento deste dano:  
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,  
E dos trovões horrendos de Vulcano;  
E que póde ser dellas opprimido,  
Segundo estava mal apercebido.

## VIII.

O Gama, que tambem considerava  
O tempo, que para a partida o chama;  
E que despacho ja não esperava  
Melhor do Rei, que os Maumetanos ama;  
Aos feitores, que em terra estão, mandava  
Que se tornem ás naos: e porque a fama  
Desta subita vinda os não impida,  
Lhe manda, que a fizessem escondida.

## IX.

Porém não tardou muito, que voando  
 Hum rumor não soasse, com verdade,  
 Que forão presos os feitores, quando  
 Forão sentidos vir-se da cidade.  
 Esta fama as orelhas penetrando  
 Do sábio Capitão, com brevidade  
 Faz represalia n'huns, que ás naos vierão  
 A vender pedraria que trouxerão.

## X.

Erão estes, antiguos mercadores  
 Ricos em Calecut e conhecidos:  
 Da falta delles, logo entre os melhores  
 Sentido foi, que estão no mar retidos.  
 Mas ja nas naos os bons trabalhadores  
 Volvem o cabrestante, e repartidos  
 Pelo trabalho, huns puxão pela amarra,  
 Outros quebrão co'o peito duro a barra:

## XI.

Outros pendem da vêrga, e ja desatão  
 A véla, que com grita se soltava;  
 Quando com maior grita ao Rei relatão  
 A pressa, com que a armada se levava.  
 As mulheres e filhos, que se matão,  
 Daquelles que vão presos, onde estava  
 O Samorim, se aqueixão que perdidos  
 Huns tem os paes, as outras os maridos.

## XII.

Manda logo os feitores Lusitanos  
 Com toda sua fazenda livremente,  
 A pezar dos imigos Maumetanos,  
 Porque lhe torne a sua presa gente:  
 Desculpas manda o Rei de seus enganos.  
 Recebe o Capitão de melhor mente  
 Os presos, que as desculpas; e tornando  
 Alguns negros, se parte, as vélas dando.

## XIII.

Parte-se costa abaixo, porque entende  
 Que em vão co'o Rei gentio trabalhava  
 Em querer d'elle paz; a qual pretende  
 Por firmar o commércio que tratava.  
 Mas como aquella terra, que se estende  
 Pela Aurora, sabida ja deixava,  
 Com estas novas torna á patria chara,  
 Certos signaes levando do que achára.

## XIV.

Leva alguns Malabares, que tomou  
 Por fôrça, dos que ao Samorim mandára,  
 Quando os presos feitores lhe tornou:  
 Leva pimenta ardente, que comprára:  
 A sêcca flor de Banda não ficou,  
 A noz e o negro cravo, que faz clara  
 A nova ilha Maluco, co'a canella,  
 Com que Ceilão he rica, illustre e bella.

## XV.

Isto tudo lhe houvera a diligencia  
 De Monçaide fiel, que tambem leva;  
 Que inspirado de angelica influencia,  
 Quer no livro de Christo que se escreva.  
 Oh ditoso Africano, que a clemencia  
 Divina assi tirou d'escura treva,  
 E-tão longe da patria achou maneira  
 Para subir á patria verdadeira!

## XVI.

Apartadas assi da ardente costa  
 As venturosas naos, levando a proa  
 Para onde a natureza tinha posta  
 A meta Austrina da esperanza boa;  
 Levando alegres novas, e resposta  
 Da parte Oriental para Lisboa;  
 Outra vez commettendo os duros medos  
 Do mar incerto, timidos e ledos;

## XVII.

O prazer de chegar á patria chara,  
 A seus penates charos e parentes,  
 Para contar a peregrina e rara  
 Navegação, os vários ceos e gentes;  
 Vir a lograr o prémio que ganhára  
 Por tão longos trabalhos e accidentes,  
 Cada hum tem por gôsto tão perfeito,  
 Que o coração para elle he vaso estreito,

## XVIII.

Porém a deosa Cypria , que ordenada  
Era para favor dos Lusitanos  
Do Padre eterno, e por bom genio dada,  
Que sempre os guia ja de longos annos ;  
A glória por trabalhos alcançada,  
Satisfação de bem soffridos danos,  
Lhe andava ja ordenando, e pretendia  
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

## XIX.

Depois de ter hum pouco revolvido  
Na mente o largo mar, que navegárão,  
Os trabalhos que pelo Deos nascido  
Nas Amphioneas Thebas se causárão ;  
Ja trazia de longe no sentido,  
Para prémio de quanto mal passárão,  
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso  
No reino de crystal líquido e manso :

## XX.

Algum repouso em fim, com que pudesse  
Refocilar a lassa humanidade  
Dos navegantes seus, como interesse  
Do trabalho, que encurta a breve idade.  
Parece-lhe razão que conta dêsse  
A seu filho, por cuja potestade  
Os deoses faz descer ao vil terreno,  
E os humanos subir ao ceo sereno.

## XXI.

Isto bem revolvido, determina  
 De ter-lhe aparelhada lá no meio  
 Das águas alguma insula divina,  
 Ornada d'esmaltado e verde arreo:  
 Que muitas tem no reino que confina  
 Da mãe primeira co'o terreno seio,  
 Afora as que possue soberanas  
 Para dentro das portas Herculanias.

## XXII.

Alli quer que as aquaticas donzellas  
 Esperem os fortissimos Barões,  
 Todas as que tem titulo de bellas,  
 Glória dos olhos, dor dos corações,  
 Com danças e choreas, porque nellas  
 Influirá secretas affeições,  
 Para com mais vontade trabalharem  
 De contentar a quem se affeioarem.

## XXIII.

Tal manha buscou ja, para que aquelle  
 Que de Anchises pario, bem recebido  
 Fosse no campo, que a bovina pelle  
 Tomou de espaço, por subtil partido.  
 Seu filho vai buscar, porque só nelle  
 Tem todo seu podêr, fero Cupido;  
 Que assi como naquella empresa antiga  
 A ajudou ja, nest'outra a ajude e siga.

## XXIV.

No carro ajunta as aves, que na vida  
 Vão da morte as exequias celebrando,  
 E aquellas em que ja foi convertida,  
 Peristera, as boninas apanhando.  
 Em derredor da deosa ja partida,  
 No ar lascivos beijos se vão dando:  
 Ella por ondè passa, o ar e o vento  
 Sereno faz, com brando movimento.

## XXV.

Ja sôbre os Idalios montes pende,  
 Onde o filho frecheiro estava então  
 Ajuntando outros muitos; que pretende  
 Fazer huma famosa expedição  
 Contra o mundo rebelde, porque emende  
 Erros grandes, que ha dias nelle estão,  
 Amiando cousas, que nos forão dadas,  
 Não para ser amadas, mas usadas.

## XXVI.

Via Acteon na caça tão austero,  
 De cego na alegria bruta, insana,  
 Que por seguir hum feio animal fero,  
 Foge da gente e bella fórma humana:  
 E por castigo quer, doce e severo,  
 Mostrar-lhe a formosura de Diana:  
 E guarde-se não seja inda comido  
 Desses cães, que agora ama, e consumido.

## XXVII.

E vê do mundo todo os principais,  
 Que nenhum no bem público imagina;  
 Vê nelles, que não tem amor a mais,  
 Que a si somente, e a quem Philaucia ensina.  
 Vê que esses que frequentão os reais  
 Paços, por verdadeira e sã doutrina  
 Vendem adulação, que mal consente  
 Mondar-se o novo trigo florecente.

## XXVIII.

Vê que aquelles que devem á pobreza  
 Amor divino e ao povo charidade,  
 Amão somente mandos e riqueza,  
 Simulando justiça e integridade.  
 Da feia tyrannia e da aspereza,  
 Fazem direito e vã severidade:  
 Leis em favor do Rei se estabelecem;  
 As em favor do povo só perecem.

## XXIX.

Vê em fim, que ninguem ama o que deve,  
 Senão o que somente mal deseja:  
 Não quer que tanto tempo se releve  
 O castigo que duro e justo seja.  
 Seus ministros ajunta, porque leve  
 Exércitos conformes á peleja  
 Que espera ter co'a mal regida gente,  
 Que lhe não for agora obediente.

## XXX.

Muitos destes meninos voadores  
 Estão em várias obras trabalhando,  
 Huns amolando ferros passadores,  
 Outros hasteas de settas delgaçando :  
 Trabalhando, cantando estão de amores,  
 Vários casos em verso modulando ;  
 Melodia sonora e concertada,  
 Suave a letra, angelica a soada.

## XXXI.

Nas frágoas immortaes, onde forjavão  
 Para as settas as pontas penetrantes,  
 Por lenha, corações ardendo estavam,  
 Vivas entranhas inda palpitantes.  
 As águas onde os ferros temperavão,  
 Lagrimas são de miseros amantes :  
 A viva flamma, o nunca morto lume,  
 Desejo he só que queima, e não consume.

## XXXII.

Alguns exercitando a mão andavão  
 Nos duros corações da plebe ruda :  
 Crebros sùspiros pelo ar soavão  
 Dos que feridos vão da setta aguda.  
 Formosas nymphas são as que curavão  
 As chagas recebidas, cuja ajuda  
 Não somente dá vida aos mal feridos ;  
 Mas põe em vida os inda não nascidos.

## XXXIII.

Formosas são algumas , e outras feias,  
 Segundo a qualidade for das chagas ;  
 Que o veneno espalhado pelas veias  
 Curão-no ás vezes asperas triagas.  
 Alguns ficão ligados em cadeias ,  
 Por palavras subtis de sábias magas :  
 Isto acontece ás vezes, quando as settas  
 Acertão de levar hervas secretas.

## XXXIV.

Destes tiros assi desordenados,  
 Que estes moços mal destros vão tirando,  
 Nascem amores mil desconcertados  
 Entre o povo ferido, miserando:  
 E tambem nos heroes de altos estados  
 Exemplos mil se vem de amor nefando;  
 Qual o das moças, Bibli e Cinyrea;  
 Hum mancebo de Assyria; hum de Judea.

## XXXV.

E vós, ó poderosos, por pastoras  
 Muitas vezes ferido o peito vêdes;  
 E por baixos e rudos, vós senhoras,  
 Tambem vos tomão nas Vulcaneas redes.  
 Huns esperando andais nocturnas horas,  
 Outros subis telhados e paredes:  
 Mas eu creio que deste amor indino  
 He mais culpa a da mãe, que a do menino.

## XXXVI.

Mas ja no verde prado o carro leve  
Punhão os brancos cisnes mansamente;  
E Dione, que as rosas entre a neve  
No rosto traz, descia diligente.  
O frecheiro, que contra o ceo se atreve,  
A recebê-la vem, ledô e contente;  
Vem todos os Cupidos servidores  
Beijar a mão á deosa dos amores

## XXXVII.

Ella, porque não gaste o tempo em vão,  
Nos braços tendo o filho, confiada  
Lhe diz: Amado filho, em cuja mão  
Toda minha potencia está fundada;  
Filho, em quem minhas fôrças sempre estão;  
Tu que as armas Typheas tens em nada,  
A socorrer-me á tua potestade  
Me traz especial necessidade.

## XXXVIII.

Bem vês as Lusitanicas fadigas,  
Que eu ja de muito longe favoreço,  
Porque das Parcas sei minhas amigas,  
Que me hão de venerar, e ter em preço.  
E porque tanto imitão as antigas  
Obras de meus Romanos, me offereço  
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,  
A quanto se estender o podêr nosso.

## XXXIX.

E porque das insídias do odioso  
 Baccho forão na India molestados,  
 E das injúrias sós do mar undoso,  
 Pudérão mais ser mortos, que cansados;  
 No mesmo mar, que sempre temeroso  
 Lhe foi, quero que sejam repousados;  
 Tomando aquelle prémio e doce glória  
 Do trabalho, que faz clara a memória.

## XL.

E para isso queria que feridas  
 As filhas de Nereo no Ponto fundo,  
 D'amor dos Lusitanos incendidas,  
 Que vem de descobrir o novo mundo;  
 Todas n'huma ilha juntas e subidas,  
 Ilha, que nas entranhas do profundo  
 Oceano terei aparelhada,  
 De dons de Flora e Zephyro adornada:

## XLI.

Alli com mil refrescos e manjares,  
 Com vinhos odoriferos e rosas,  
 Em crystallinos paços singulares  
 Formosos leitos, e ellas mais formosas:  
 Em fim, com mil deleites não vulgares,  
 Os esperem as nymphas amorosas,  
 D'amor feridas, para lhe entregarem  
 Quanto dellas os olhos cobiçarem.

## XLII.

Quero que haja no reino Neptunino,  
Onde eu nasci, progenie forte e bella:  
E tome exemplo o mundo vil, malino,  
Que contra tua potencia se rebella;  
Porque entendão que muro adamantino,  
Nem triste hypocrisia val contra ella:  
Mal haverá na terra quem se guarde,  
Se teu fogo immortal nas águas arde.

## XLIII.

Assi Venus propoz; e o filho inico  
Para lhe obedecer ja se apercebe;  
Manda trazer o arco eburneo, rico,  
Onde as settas de ponta de ouro embebe.  
Com gesto ledo a Cypria e impudico  
Dentro no carro o filho seu recebe;  
A redea larga ás aves, cujo canto  
A Phaetontea morte chorou tanto.

## XLIV.

Mas diz Cupido, que era necessaria  
Huma famosa e celebre terceira,  
Que postoque mil vezes lhe he contrária,  
Outras muitas a tem por companheira:  
A deosa gigantea, temeraria,  
Jactante, mentirosa, e verdadeira,  
Que com cem olhos vê, e por onde voa,  
O que vê, com mil bocas apregoa.

## XLV.

Vão-na buscar e mandão-na diante,  
 Que celebrando vá com tuba clara  
 Os louvores da gente navegante,  
 Mais do que nunca os d'outrem celebrára.  
 Já murmurando a Fama penetrante  
 Pelas fundas cavernas se espalhára:  
 Falla verdade, havida por verdade;  
 Que junto a deosa traz Credulidade.

## XLVI.

O louvor grande, o rumor excellente  
 O coração dos deoses, que indignados  
 Forão por Baccho contra a illustre gente,  
 Mudando, os fez hum pouco affeiçoados.  
 O peito feminil, que levemente  
 Muda quaesquer propositos tomados,  
 Já julga por mau zêlo e por crueza  
 Desejar mal a tanta fortaleza.

## XLVII.

Despede nisto o fero moço as settas  
 Huma após outra; geme o mar co'os tiros:  
 Direitas pelas ondas inquietas  
 Algumas vão, e algumas fazem giros:  
 Cahem as nymphas, lanção das secretas  
 Entranhas ardentissimos suspiros:  
 Cahe qualquer, sem ver o vulto que ama;  
 Que tanto como a vista póde a fama.

## XLVIII.

Os cornos ajuntou da eburnea lãa,  
 Com fôrça o moço indomito excessiva,  
 Que Tethys quer ferir mais que nenhũa,  
 Porque mais que nenhuma lhe era esquiva.  
 Ja não fica na aljava setta algũa,  
 Nem nos equoreos campos nympha viva;  
 E se feridas inda estão vivendo,  
 Será para sentir que vão morrendo.

## XLIX.

Dai lugar, altas e ceruleas ondas,  
 Que, vêdes, Venus traz a medicina,  
 Mostrando as brancas vélas e redondas,  
 Que vem por cima da água Neptunina.  
 Para que tu reciproco respondas,  
 Ardente Amor, á flamma feminina,  
 He forçado que a pudicicia honesta  
 Faça quanto lhe Venus admoesta.

## L.

Ja todo o bello côro se aparelha  
 Das Nereídas; e junto caminhava  
 Em choreas gentis, usança velha,  
 Para a ilha, a que Venus as guiava.  
 Alli a formosa deosa lhe aconselha  
 O que ella fez mil vezes, quando amava:  
 Ellas, que vão do doce amor vencidas,  
 Estão a seu conselho offerecidas.

## LII.

Cortando vão as naos a larga via  
 Do mar ingente para a patria amada,  
 Desejando prover-se de água fria  
 Para a grande viagem prolongada:  
 Quando juntas, com subita alegria,  
 Houverão vista da ilha namorada;  
 Rompendo pelo ceo a mãe formosa  
 De Memnonio, suave e deleitosa.

## LIII.

De longe a ilha vírão fresca e bella;  
 Que Venus pelas ondas lha levava,  
 Bem como o vento leva branca véla,  
 Para onde a forte armada se enxergava:  
 Que porque não passassem, sem que nella  
 Tomassem porto, como desejava,  
 Para onde as naos navegão a movia  
 A Acidalia, que tudo em fim podia.

## LIII.

Mas firme a fez e immobil, como vio  
 Que era dos nautas vista e demandada;  
 Qual ficou Delos, tanto que pario  
 Latona Phebo, e a deosa á caça usada.  
 Para lá logo a proa o mar abriu,  
 Onde a costa fazia huma enseada  
 Curva e quieta, cuja branca area  
 Pintou de ruiyas conchas Cytherea.

## LIV.

Tres formosos outeiros se mostravão  
 Erguidos com soberba graciosa,  
 Que de gramineo esmalte se adornavão,  
 Na formosa ilha alegre e delectosa:  
 Claras fontes, e limpidas manavão  
 Do cume, que a verdura tem viçosa:  
 Por entre pedras alvas se deriva  
 A sonora lympha fugitiva.

## LV.

N'hum valle ameno, que os outeiros fende,  
 Vinhão as claras águas ajuntar-se,  
 Onde hũa mesa fazem, que se estende  
 Tão bella, quanto póde imaginar-se:  
 Arvoredo gentil sôbre ella pende,  
 Como que prompto está para afeitar-se,  
 Vendo-se no crystal resplandecente,  
 Que em si o está pintando propriamente.

## LVI.

Mil árvores estão ao ceo subindo,  
 Com pomos odoriferos e bellos:  
 A lorangeira tem no fructo lindo  
 A côr, que tinha Daphne nos cabellos:  
 Encosta-se no chão, que está cahindo  
 A cidreira co'os pezos amarellos:  
 Os formosos limões, alli cheirando  
 Estão virgineas tetas imitando.

## LVII.

As árvores agrestes, que os outeiros  
 Tem com frondente coma ennobrecidos,  
 Aemos são de Alcides, e os loureiros  
 Do louro deos amados e queridos;  
 Myrtos de Cytherea, co'os pinheiros  
 De Cybele, por outro amor vencidos:  
 Está apontando o agudo cypariso  
 Para onde he pôsto o ethereo paraíso.

## LVIII.

Os dons que dá Pomona, alli natura  
 Produze differentes nos sabores,  
 Sem ter necessidade de cultura;  
 Que sem ella se dão muito melhores:  
 As cerejas purpureas na pintura;  
 As amoras, que o nome tem de amores;  
 O pomo, que da patria Persia veio,  
 Melhor tornado no terreno alheio.

## LIX.

Abre a romã, mostrando a rubicunda  
 Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes:  
 Entre os braços do ulmeiro está a jucunda  
 Vide, c'huns cachos roxos e outros verdes.  
 E vós, se na vossa árvore fecunda,  
 Peras pyramidaes, viver quizerdes,  
 Entregai-vos ao damno que co'os bicos  
 Em vós fazem os passaros inicos.

## LX.

Pois a tapeçaria bella e fina,  
Com que se cobre o rustico terreno,  
Faz ser a de Achemenia menos dina,  
Mas o sombrio valle mais ameno.  
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina  
Sobolo tanque lucido e sereno:  
Florece o filho e neto de Cinyras,  
Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

## LXI.

Para julgar difficil cousa fôra,  
No ceo vendo e na terra as mesmas côres,  
Se dava ás flores côr a bella Aurora,  
Ou se lha dão a ella as bellas flores.  
Pintando estava alli Zephyro, e Flora,  
As violas, da côr dos amadores;  
O lirio roxo, a fresca rosa bella,  
Qual reluze nas faces da donzella:

## LXII.

A candida cecem, das matutinas  
Lagrimas rociada, e a mangerona:  
Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas,  
Tão queridas do filho de Latona:  
Bem se enxerga nos pomos e boninas,  
Que competia Chloris com Pomona.  
Pois se as aves no ar cantando voão,  
Alegres animaes o chão povoão.

## LXIII.

Ao longo da água o niveo cisne canta,  
 Responde-lhe do ramo philomela:  
 Da sombra de seus cornos não se espanta  
 Acteon n'água crystallina e bella.  
 Aqui a fugace lebre se levanta  
 Da espêssa mata, ou timida gazella:  
 Alli no bico traz ao charo ninho  
 O mantimento o leve passarinho.

## LXIV.

Nesta frescura tal desembarcavão  
 Ja das naos os segundos Argonautas,  
 Onde pela floresta se deixavão  
 Andar as bellas deosas, como incautas.  
 Algumas doces citharas tocavão,  
 Algumas arpas e sonoras frautas,  
 Outras co'os arcos de ouro se fingião  
 Seguir os animaes, que não seguião.

## LXV.

Assi lho aconselhára a mestra experta,  
 Que andassem pelos campos espalhadas;  
 Que vista dos Barões a prêza incerta,  
 Se fizessem primeiro desejadas.  
 Algumas, que na fôrma descoberta  
 Do bello corpo estavão confiadas,  
 Deposta a artificiosa formosura,  
 Nuas lavar se deixão na água pura.

## LXVI.

Mas os fortes mancebos, que na praia  
Punhão os pés, de terra cobiosos ;  
Que não ha nenhum delles, que não saia,  
De acharem caça agreste desejosos ;  
Não cuidão que sem laço ou redes caia  
Caça naquelles montes deleitosos  
Tão suave, doméstica e benina,  
Qual ferida lha tinha ja Erycina.

## LXVII.

Alguns que em espingardas e nas béstas  
Para ferir os cervos se fiavão,  
Pelos sombrios matos e florestas,  
Determinadamente se lançavão :  
Outros nas sombras, que das altas sestas  
Defendem a verdura, passeavão  
Ao longo d'água, que suave e queda  
Por alvas pedras corre á praia leda.

## LXVIII.

Começão de enxergar subitamente  
Por entre verdes ramos várias côres ;  
Côres de quem a vista julga e sente,  
Que não crão das rosas ou das flores ;  
Mas da lã fina e seda differente,  
Que mais incita a fôrça dos amores,  
De que se vestem as humanas rosas,  
Fazendo-se por arte mais formosas.

## LXIX.

Dá Velloso espantado hum grande grito :  
 Senhores, caça estranha, disse, he esta:  
 Se inda dura o Gentio antigo rito,  
 A deosas he sagrada esta floresta.  
 Mais descobrimos do que humano espirito  
 Desejou nunca; e bem se manifesta,  
 Que são grandes as cousas e excellentes,  
 Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

## LXX.

Sigamos estas deosas, e vejamos  
 Se phantasticas são, se verdadeiras.  
 Isto dito, veloces mais que gamos,  
 Se lanção a correr pelas ribeiras.  
 Fugindo as nymphas vão por entre os ramos;  
 Mas mais industriosas, que ligeiras,  
 Pouco e pouco, sorrindo e gritos dando,  
 Se deixão ir dos galgos alcançando.

## LXXI.

De huma os cabellos de ouro o vento leva  
 Correndo, e d'outra as fraldas delicadas:  
 Accende-se o desejo, que se ceva  
 Nas alvas carnes subito mostradas:  
 Huma de indústria cahe, e ja releva  
 Com mostras mais macias, que indignadas,  
 Que sôbre ella, empecendo, tambem caia  
 Quem a seguio pela arenosa praia.

## LXXII.

Outros por outra parte vão topar  
 Com as deosas despidas, que se lavão:  
 Ellas começam subito a gritar,  
 Como que assalto tal não esperavão.  
 Humas fingindo menos estimar  
 A vergonha que a fôrça, se lançavão  
 Nuas por entre o mato, aos olhos dando  
 O que ás mãos cobiçosas vão negando.

## LXXIII.

Outra, como acudindo mais depressa  
 Á vergonha da deosa caçadora,  
 Esconde o corpo n'água; outra se apressa  
 Por tomar os vestidos, que tem fóra.  
 Tal dos mancebos ha, que se arremessa  
 Vestido assi e calçado (que co'a mora  
 De se despir ha medo que inda tarde)  
 A matar na água o fogo que nelle arde.

## LXXIV.

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,  
 Usado a tomar n'água a ave ferida,  
 Vendo no rosto o ferreo cano erguido,  
 Para a garcenha ou pata conhecida,  
 Antes que sòe o estouro, mal soffrido  
 Salta n'água, e da prêza não duvida;  
 Nadando vai e latindo: assi o mancebo  
 Remette á que não era irmã de Phebo.

## LXXV.

Leonardo, soldado bem disposto,  
 Manhoso, cavalleiro, e namorado,  
 A quem amor não dera hum só desgosto,  
 Mas sempre fôra delle maltratado;  
 E tinha ja por firme presuppuesto  
 Ser com amores mal affortunado;  
 Porém não que perdesse a esperança  
 De inda podêr seu fado ter mudança;

## LXXVI.

Quiz aqui sua ventura, que corria  
 Após Ephyre, exemplo de belleza,  
 Que mais caro que as outras dar queria  
 O que deo para dar-se a natureza.  
 Ja cansado correndo lhe dizia:  
 Ó formosura indigna de aspereza,  
 Pois desta vida te concedo a palma,  
 Espera hum corpo de quem levas a alma.

## LXXVII.

Todas de correr cansão, nympha pura,  
 Rendendo-se á vontade do inimigo:  
 Tu só de mi só foges na espessura?  
 Quem te disse, que eu era o que te sigo?  
 Se to tem dito ja aquella ventura,  
 Que em toda a parte sempre anda comigo,  
 Oh não na creas, porque eu quando a cria,  
 Mil vezes cada hora me mentia.

## LXXVIII.

Não cansas; que me cansas: e se queres  
 Fugir-me, porque não possa tocar-te,  
 Minha ventura he tal, que inda que esperes,  
 Ella fará que não possa alcançar-te.  
 Espera: quero ver, se tu quizeres,  
 Que subtil modo busca de escapar-te:  
 E notarás no fim deste successo,  
 Tra la spiga e la man qual muro é messo.

## LXXIX.

Oh não me fujas! assi nunca o breve  
 Tempo fuja de tua formosura!  
 Que só com refrear o passo leve  
 Vencerás da fortuna a fôrça dura.  
 Que Imperador, que exército se atreve  
 A quebrantar a furia da ventura,  
 Que em quanto desejei me vai seguindo?  
 O que tu só farás não me fugindo.

## LXXX.

Pões-te dá parte da desdita minha?  
 Fraqueza he dar ajuda ao mais potente.  
 Levas-me hum coração, que livre tinha?  
 Solta-mo, e correrás mais levemente.  
 Não te carrega essa alma tão mesquinha,  
 Que nesses fios de ouro reluzente  
 Atada levas? Ou depois de presa,  
 Lhe mudaste a ventura, e menos peza?

## LXXXI.

Nesta esperança só te vou seguindo,  
 Que ou tu não soffrerás o pêzo della,  
 Ou na virtude de teu gesto lindo,  
 Se lhe mudará a triste e dura estrella:  
 E se se lhe mudar, não vás fugindo,  
 Que amor te ferirá, gentil donzella;  
 E tu me esperarás, se amor te fere;  
 E se me esperas, não ha mais que espere.

## LXXXII.

Ja não fugia a bella nympha, tanto  
 Por se dar cara ao triste que a seguia,  
 Como por ir ouvindo o doce canto,  
 As namoradas mágoas que dizia.  
 Voltendo o rosto ja sereno e santo,  
 Toda banhada em riso e alegria,  
 Cahir se deixa aos pés do vencedor,  
 Que todo se desfaz em puro amor.

## LXXXIII.

Oh que famintos beijos na floresta!  
 E que mimoso chôro que soava!  
 Que affagos tão suaves! que ira honesta,  
 Que em risinhos alegres se tornava!  
 O que mais paixão na manhã e na sesta,  
 Que Venus com prazeres inflammava,  
 Melhor he experimentá-lo que julgá-lo,  
 Mas julgue-o quem não pôde experimentá-lo.

## LXXXIV.

Dest'arte em fim conformes ja as formosas  
 Nymphas, co'os seus amados navegantes,  
 Os ornão de capellas deleitosas  
 De louro, e de ouro, e flores abundantes:  
 As mãos alvas lhe davão como esposas:  
 Com palavras formaes e estipulantes  
 Se promettem eterna companhia,  
 Em vida e morte, de honra e alegria.

## LXXXV.

Huma dellas maior, a quem se humilha  
 Todo o côro das nymphas e obedece,  
 Que dizem ser de Celo e Vesta filha,  
 O que no gesto bello se parece;  
 Enchendo a terra e o mar de maravilha,  
 O Capitão illustre, que o merece,  
 Recebe alli com pompa honesta e régia,  
 Mostrando-se senhora grande e egregia.

## LXXXVI.

Que depois de lhe ter dito quem era,  
 C'hum alto exordio de alta graça ornado,  
 Dando-lhe a entender, que alli viera  
 Por alta influição do immobil fado,  
 Para lhe descobrir da unida esphera  
 Da terra immensa e mar não navegado  
 Os segredos, por alta prophecia,  
 O que esta sua nação só merecia:

## LXXXVII.

Tomando-o pela mão, o leva e guia  
 Para o cume d'hum monte alto e divino,  
 No qual hũa rica fábbrica se erguia  
 De crystal toda, e de ouro puro e fino.  
 A maior parte aqui passão do dia  
 Em doces jogos e em prazer contino:  
 Ella nos paços logra seus amores,  
 As outras pelas sombras entre as flores.

## LXXXVIII.

Assi a formosa, e a forte companhia,  
 O dia quasi todo estão passando  
 N'hum alma, doce, incognita alegria,  
 Os trabalhos tão longos compensando  
 Porque dos feitos grandes, da ousadia  
 Forte e famosa o mundo está guardando  
 O prémio lá no fim bem merecido,  
 Com fama grande, e nome alto e subido.

## LXXXIX.

Que as nymphas do Oceano tão formosas,  
 Tethys, e a ilha angelica pintada,  
 Outra cousa não he, que as deleitosas  
 Honras, que a vida fazem sublimada.  
 Aquellas preeminencias gloriosas,  
 Os triumphos, a fronte coroada  
 De palma e louro, a glória e maravilha,  
 Estes são os deleites desta illia.

## XC.

Que as immortalidades que fingia  
 A antiguidade, que os illustres ama,  
 Lá no estellante Olympo, a quem subia  
 Sôbre as azas inclytas da fama  
 Por obras valerosas que fazia,  
 Pelo trabalho immenso, que se chama  
 Caminho da virtude alto e fragoso,  
 Mas no fim doce, alegre e deleitoso ;

## XCI.

Não erão senão prémios, que reparte  
 Por feitos immortaes e soberanos  
 O mundo co'os barões, que esforço e arte  
 Divinos os fizerão, sendo humanos :  
 Que Jupiter, Mercurio, Phebo, e Marte,  
 Eneas, e Quirino, e os dous Thebanos,  
 Ceres, Pallas, e Juno, com Diana,  
 Todos forão de fraca carne humana.

## XCII.

Mas a fama, trombeta de obras tais,  
 Lhe deo no mundo nomes tão estranhos  
 De Deoses, Semideoses immortais,  
 Indigetes, Heroicos, e de Magnos.  
 Por isso, ó vós que as famas estimais,  
 Se quizerdes no mundo ser tamanhos,  
 Despertai ja do somno do ocio ignayo,  
 Que o ânimo de livre faz escravo.

## XCIII.

E ponde na cobiça hum freio duro,  
 E na ambição tambem, que indignamente  
 Tomais mil vezes, e no torpe e escuro  
 Vício da tyrannia infame e urgente:  
 Porque essas honras vâas, esse ouro puro,  
 Verdadeiro valôr não dão á gente:  
 Melhor he merecê-los sem os ter,  
 Que possui-los sem os merecer.

## XCIV.

Ou dae na paz as leis iguaes, constantes,  
 Que aos grandes não dem o dos pequenos;  
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,  
 Contra a lei dos imigos Sarracenos:  
 Fareis os reinos grandes e possantes,  
 E todos tereis mais e nenhum menos:  
 Possuireis riquezas merecidas,  
 Com as honras, que illustrão tanto as vidas.

## XCV.

E fareis claro o Rei que tanto amais,  
 Agora co'os conselhos bem cuidados;  
 Agora co'as espadas, que immortais  
 Vos farão, como os vossos ja passados:  
 Impossibilidades não façais;  
 Que quem quiz sempre pôde: e numerados  
 Sereis entre os Heroes esclarecidos,  
 E nesta ilha de Venus recebidos.

OS

**LUSIADAS.**

Os Lusíadas de Luís de Camões  
O primeiro e último livro, por que se chama  
O Livro Primeiro, e o Livro Segundo.

—  
LIVRO PRIMEIRO.

**CANTO X.**







## LUSIADAS.

## CANTO DECIMO.

## I.

**M**as ja o claro amator da Larissea  
 Adúltera inclinava os animaes  
 Lá para o grande lago, que rodea  
 Temistitão, nos fins Occidentaes :  
 O grande ardor do sol Favonio enfrea  
 Co'o sopro, que nos tanques naturaes  
 Encrespa a água serena, e despertava  
 Os lirios e jasmims que a calma aggrava :

## II.

Quando as formosas nymphas co'os amantes  
 Pela mão, ja conformes e contentes,  
 Subião para os paços radiantes,  
 E de metaes ornados reluzentes ;  
 Mandados da Rainha, que abundantes  
 Mesas d'altos manjares, excellentes,  
 Lhe tinha aparelhadas, que a fraqueza  
 Restaurem da cansada natureza.

## III.

Alli em cadeiras ricas crystallinas  
 Se assentão dous e dous, amante e dama;  
 N'outras, á cabeceira, d'ouro finas,  
 Está co'a bella deosa o claro Gama.  
 De iguarias suaves e divinas,  
 A que não chega a Egypcia antigua fama,  
 Se accumulão os pratos de fulvo ouro,  
 Trazidos lá do Atlantico thesouro.

## IV.

Os vinhos odoriferos, que acima  
 Estão não só do Italico Falerno,  
 Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima  
 Com todo o ajuntamento sempiterno;  
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,  
 Crespas escumas erguem, que no interno  
 Coração movem subita alegria,  
 Saltando co'a mistura d'água fria.

## V.

Mil práticas alegres se tocavão,  
 Risos doces, subtis e argutos ditos,  
 Que entre hum e outro manjar se alevantavão,  
 Despertando os alegres appetitos.  
 Musicos instrumentos não faltavão,  
 Quaes no profundo reino os nus espiritos  
 Fizerão descansar da eterna pena,  
 Com a voz d'huma angelica Sirena.

## VI.

Cantava a bella Nympha, e co'os accentos  
 Que pelos altos paços vão soando,  
 Em consonancia igual os instrumentos  
 Suaves vem a hum tempo conformando.  
 Hum subito silencio enfreia os ventos,  
 E faz ir docemente murmurando  
 As águas e nas casas naturaes  
 Adormecer os brutos animaes.

## VII.

Com doce voz está subindo ao ceo  
 Altos barões, que estão por vir ao mundo,  
 Cujas claras ideas vio Proteo:  
 N'hum globo vão, diaphano; rotundo;  
 Que Jupiter em dom lho concedeo  
 Em sonhos, e depois no reino fundo  
 Vaticinando o disse; e na memoria  
 Recolheo logo a nympha a clara historia.

## VIII.

Materia he de cothurno, e não de sócco,  
 A que a nympha aprendeo no immenso lago,  
 Qual Iopas não soube, ou Demodoco,  
 Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.  
 Aqui, minha Calliope, te invoco  
 Neste trabalho extremo, porque em pago  
 Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,  
 O gôsto de escrever, que vou perdendo.

## IX.

Vão os annos descendo , e ja do estio  
 Ha pouco que passar até o outono ;  
 A fortuna me faz o engenho frio ,  
 Do qual ja não me jacto , nem me abono.  
 Os desgostos me vão levando ao rio  
 Do negro esquecimento e eterno sono :  
 Mas tu me dá que cumpra , ó grão Rainha  
 Das Musas , co'o que quero á nação minha !

## X.

Cantava a bella deosa , que virião  
 Do Tejo pelo mar que o Gama abrira ,  
 Armadas que as ribeiras vencerião ,  
 Por onde o Oceano Indico suspira.  
 E que os gentios Reis , que não darião  
 A cerviz sua ao jugo , o ferro e ira  
 Provarião do braço duro e forte ,  
 Até render-se a elle , ou logo á morte.

## XI.

Cantava d'hum , que tem nos Malabares  
 Do summo sacerdocio a dignidade ,  
 Que só por não quebrar co'os singulares  
 Barões os nós que dera d'amizade ,  
 Soffrerá suas cidades e lugares  
 Com ferro , incendios , ira e crueldade  
 Ver destruir do Samorim potente ,  
 Que taes odios terá co'a nova gente.

## XII.

E canta como lá se embarcaria  
Em Belem o remédio deste dano,  
Sem saber o que em si o mar traria  
O grão Pacheco, Achilles Lusitano.  
O pêso sentirão, quando entraria,  
O curvo lenho e o férvido Oceano,  
Quando mais n'água os troncos, que gemerem,  
Contra sua natureza se metterem.

## XIII.

Mas ja chegado aos fins Orientaes,  
E deixado em ajuda do gentio  
Rei de Cochim com poucos naturaes  
Nos braços do salgado e curvo rio;  
Desbaratará os Naires infernaes  
No passo Cambalão, tornando frio  
De espanto o ardor immenso do Oriente,  
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

## XIV.

Chamará o Samorim mais gente nova;  
Virão Reis de Bipur e de Tanor,  
Das serras de Narsinga, que alta prova  
Estarão promettendo a seu senhor:  
Fará que todo o Naire em fim se mova,  
Que entre Calecut jaz e Cananor  
D'ambas as leis imigas para a guerra,  
Mouros por mar, Gentios pela terra.

## XV.

E todos outra vez desbaratando,  
 Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,  
 A grande multidão, que irá matando,  
 A todo o Malabar terá admirado.  
 Commetterá outra vez, não dilatando,  
 O Gentio os combates apressado,  
 Injuriando os seus, fazendo votos  
 Em vão aos deoses vãos, surdos e immotos.

## XVI.

Ja não defenderá somente os passos,  
 Mas queimar-lhe-ha lugares, templos, casas:  
 Acceso de ira o cão, não vendo lassos  
 Aquelles que as cidades fazem razas,  
 Fará que os seus, da vida pouco escassos,  
 Commettão o Pacheco, que tem azas,  
 Por dous passos n'hum tempo: mas voando  
 D'hum n'outro, tudo irá desbaratando.

## XVII.

Virá alli o Samorim, porque em pessoa  
 Veja a batalha, e os seus esforce e anime;  
 Mas hum tiro, que com zunido voa,  
 De sangue o tingirá no andor sublime.  
 Ja não verá remédio, ou manha boa,  
 Nem fôrça, que o Pacheco muito estime:  
 Inventará traições e vãos venenos;  
 Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.

## XVIII.

Que tornará a vez septima, cantava,  
 Pelejar com o invicto e forte Luso,  
 A quem nenhum trabalho peza e agrava;  
 Mas com tudo este só o fará confuso:  
 Trará para a batalha horrenda e brava  
 Máquinas de madeiros fóra de uso,  
 Para lhe abalroar as caravelas;  
 Que atelli vão lhe fôra commettê-las.

## XIX.

Pela água levará serras de fogo  
 Para abraçar-lhe quanta armada tenha:  
 Mas a militar arte e engenho logo  
 Fará ser vã a braveza com que venha.  
 Nenhum claro barão no Marcio jôgo,  
 Que nas azas da fama se sustenha,  
 Chega a este, que a palma a todos toma:  
 E perdoe-me a illustre Grecia ou Roma.

## XX.

Porque tantas batalhas sustentadas  
 Com muito pouco mais de cem soldados,  
 Com tantas manhas e artes inventadas,  
 Tantos cães não imbelles profligados;  
 Ou parecerão fábulas sonhadas,  
 Ou que os celestes coros invocados  
 Descerão a ajudá-lo, e lhe darão  
 Esfôrço, fôrça, ardil e coração.

## XXI.

Aquelle que nos campos Marathonios  
 O grão podêr de Dário estrue e rende;  
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios  
 O passo de Thermopylas defende;  
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,  
 Que com todo o podêr Tusco contende  
 Em defesa da ponte, ou Quinto Fabio,  
 Foi como este na guerra forte e sábio.

## XXII.

Mas neste passo a nympha o som canoro  
 Abaixando, fez ronco e entristecido,  
 Cantando em baixa voz, envolta em chôro,  
 O grande esforço mal agradecido.  
 Ó Belizario, disse, que no côro  
 Das Musas serás sempre engrandecido;  
 Se em ti viste abatido o bravo Marte,  
 Aqui tens com quem podes consolar-te!

## XXIII.

Aqui tens companheiro, assi nos feitos,  
 Como no galardão injusto e duro:  
 Em ti, e nelle veremos altos peitos  
 A baixo estado vir, humilde e escuro:  
 Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,  
 Os que ao Rei, e á lei servem de muro.  
 Isto fazem os Reis, cuja vontade  
 Manda mais que a justiça, e que a verdade.

## XXIV.

Isto fazem os Reis, quando embebidos  
 N'humã apparencia branda que os contenta,  
 Dão os prémios de Aiace merecidos,  
 Á lingua vã de Ulysses fraudulenta.  
 Mas vingó-me, que os bens mal repartidos  
 Por quem só doces sombras apresenta,  
 Se não os dão a sábios cavalleiros,  
 Dão-nos logo a avarentos lisongeiros.

## XXV.

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado,  
 Hum tal vassallo, ó Rei só nisto inico,  
 Se não es para dar-lhe honroso estado,  
 He elle para dar-te hum reino rico.  
 Em quanto for o mundo rodeado  
 Dos Apollineos raios, eu te fico,  
 Que elle seja entre a gente illustre e claro,  
 E tu nisto culpado por avaro.

## XXVI.

Mas eis outro, cantava, intitulado  
 Vem com nome Real, e traz consigo  
 O filho, que no mar será illustrado,  
 Tanto como qualquer Romano antigo.  
 Ambos darão com braço forte, armado,  
 A Quiloa fertil aspero castigo,  
 Fazendo nella Rei leal e humano,  
 Deitado fóra o perfido Tyranno.

## XXVII.

Tambem farão Mombaça, que se arreia  
 De casas sumptuosas e edificios,  
 Co'o ferro e fogo seu queimada e feia  
 Em pago dos passados maleficios.  
 Depois na costa da India, andando cheia  
 De lenhos inimigos e artificios  
 Contra os Lusos, com vélas e com remos  
 O mancebo Lourenço fará extremos.

## XXVIII.

Das grandes naos do Samorim potente  
 Que encherão todo o mar, co'a ferrea pella,  
 Que sahe com trovão do cobre ardente,  
 Fará pedaços leme, mastro, véla.  
 Depois, lançando arpeos ousadamente  
 Na capitaina imiga, dentro nella  
 Saltando, a fará só com lança e espada  
 De quatro centos Mouros despejada.

## XXIX.

Mas de Deos a escondida providencia,  
 (Que ella só sabe o bem de que se serve)  
 O porá onde esfôrço nem prudência  
 Poderá haver, que a vida lhe reserve.  
 Em Chaul, onde em sangue e resistencia  
 O mar todo com fogo e ferro ferve,  
 Lhe farão que com vida se não saia  
 As armadas d'Egypto e de Cambaia.

## XXX.

Alli o podêr de muitos inimigos,  
 Que o grande esfôrço só com fôrça rende,  
 Os ventos, que faltárão, e os perigos  
 Do mar, que sobejárão, tudo o offende.  
 Aqui resurjão todos os antigos  
 A ver o nobre ardor, que aqui se aprende:  
 Outro Sceva verão, que espedaçado  
 Não sabe ser rendido, nem domado.

## XXXI.

Com toda hũa coxa fóra, que em pedaços  
 Lhe leva hum cego tiro que passára,  
 Se serve inda dos animosos braços,  
 E do grão coração que lhe ficára:  
 Até que outro pelouro quebra os laços  
 Com que co'a alma o corpo se liára.  
 Ella sôlta voou da prisão fóra,  
 Onde subito se acha vencedora.

## XXXII.

Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,  
 Na qual tu mereceste paz serena!  
 Que o corpo, que em pedaços se apresenta,  
 Quem o gerou vingança ja lhe ordena;  
 Que eu ouço retumbar a grão tormenta,  
 Que vem ja dar a dura e eterna pena,  
 De esperas, basiliscos e trabucos,  
 A Cambaicos crueis e a Mamelucos.

## XXXIII.

Eis vem o pae com ânimo estupendo,  
 Trazendo furia e mágoa por antolhos,  
 Com que o paterno amor lhe está movendo  
 Fogo no coração, água nos olhos.  
 A nobre ira lhe vinha promettendo  
 Que o sangue fará dar pelos giolhos  
 Nas inimigas naos; senti-lo-ha o Nilo,  
 Pode-lo-ha o Indo ver, e o Gange ouvi-lo.

## XXXIV.

Qual o touro cioso, que se ensaia  
 Para a crua peleja, os cornos tenta  
 No tronco d'hum carvalho ou alta faia,  
 E o ar ferindo, as fôrças exprimenta:  
 Tal, antes que no seio de Cambaia  
 Entre Francisco irado, na opulenta  
 Cidade de Dabul a espada affia,  
 Abaixando-lhe a tumida ousadia.

## XXXV.

E logo entrando fero na enseada  
 De Dio, illustre em cêrcos e batalhas,  
 Fará 'spalhar a fraca e grande armada  
 De Calecut, que remos tem por malhas.  
 Á de Melique Yaz acautelada  
 Co'os pelouros, que tu Vulcano espalhas,  
 Fará ir ver o frio e fundo assento,  
 Secreto leito do humido elemento.

## XXXVI.

Mas a de Mir-Hocem, que abalroando  
 A furia esperará dos vingadores,  
 Verá braços e pernas ir nadando  
 Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.  
 Raios de fogo irão representando  
 No cego ardor os bravos domadores:  
 Quanto alli sentirão olhos e ouvidos,  
 He fumo, ferro, flammæ e alaridos.

## XXXVII.

Mas ah! que desta próspera victória  
 Com que depois virá ao patrio Tejo,  
 Quasi lhe roubará a famosa glória  
 Hum successo que triste e negro vejo.  
 O cabo Tormentorio, que a memória  
 Co'os ossos guardará, não terá pejo  
 De tirar deste mundo aquelle espirito,  
 Que não tirarão toda a India e Egyto.

## XXXVIII.

Alli Cafres selvagens poderão  
 O que destros imigos não puderão;  
 E rudos paos tostados sós farão  
 O que arcos e pelouros não fizerão.  
 Occultos os juizos de Deos são:  
 As gentes vãs, que não os entendêrão,  
 Chamão-lhe fado mao, fortuna escura,  
 Sendo só providencia de Deos pura.

## XXXIX.

Mas oh, que luz tamanha que abrir sinto  
 (Dizia a nympha, e a voz alevantava)  
 Lá no mar de Melinde em sangue tinto  
 Das cidades de Lamo, de Oja, e Brava,  
 Pelo Cunha tambem, que nunca extinto  
 Será seu nome em todo o mar que lava  
 As ilhas do Áustro, e praias, que se chamão  
 De São-Lourenço, e em todo o Sul se affamão!

## XL.

Esta luz he do fogo, e das luzentes  
 Armas, com que Albuquerque irá amansando  
 De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,  
 Que refusão o jugo honroso e brando.  
 Alli verão as settas estridentes  
 Reciprocarse, a ponta no ar virando  
 Contra quem as tirou; que Deos peleja  
 Por quem estende a fé da madre Igreja.

## XLI.

Alli de sal os montes não defendem  
 De corrupção os corpos no combate,  
 Que mortos pela praia e mar se estendem  
 De Gerum, de Mascate, e Calayate:  
 Até que á fôrça só de braço apprendem  
 A abaixar a cerviz, onde se lhe ate  
 Obrigação de dar o reino inico  
 Das perlas de Barem tributo rico.

## XLII.

Que gloriosas palmas tecer vejo ,  
Com que Victória a fronte lhe coroa ,  
Quando, sem sombra vã de medo ou pejo ,  
Toma a ilha illustrissima de Goa !  
Despois , obedecendo ao duro ensejo  
A deixa , e occasião espera boa ,  
Em que a torne a tomar ; que esfôrço e arte  
Vencerão a fortuna e o proprio Marte.

## XLIII.

Eis ja sôbre ella torna , e vai rompendo  
Por muros, fogo, lanças e pelouros,  
Abrindo com a espada o espesso e horrendo  
Esquadrão de Gentios e de Mouros.  
Irão soldados inclytos fazendo  
Mais que leões famelicos e touros  
Na luz que sempre celebrada e dina  
Será da EGYPCIA Sancta Catharina.

## XLIV.

Nem tu menos fugir poderás deste ,  
Postoque rica , e postoque assentada  
Lá no gremio da Aurora onde naceste ,  
Opulenta Malaca nomeada.  
As settas venenosas que fizeste ,  
Os crises com que ja te vejo armada ,  
Malaios namorados , Jaos valentes ,  
Todos farás ao Luso obedientes.

## XLV.

Mais estanças cantára esta Sirena  
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,  
Mas alembrou-lhe huma ira que o condena,  
Postoque a fama sua o mundo cerque.  
O grande capitão, que o fado ordena  
Que com trabalhos glória eterna merque,  
Mais ha de ser hum brando companheiro  
Para os seus, que juiz cruel e inteiro.

## XLVI.

Mas em tempo que fomes e asperezas,  
Doenças, frechas e trovões ardentes,  
A sazão e o lugar fazem cruezas  
Nos soldados a tudo obedientes;  
Parece de selvaticas brutezas,  
De peitos inhumanos e insolentes  
Dar extremo supplicio pela culpa  
Que a fraca humanidade e amor desculpa.

## XLVII.

Não será a culpa abominoso incesto,  
Nem violento estupro em virgem pura;  
Nem menos adulterio deshonesto,  
Mas c'huma escrava vil, lasciva e escura.  
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,  
Ou de usado a crueza fera e dura,  
Co'os seus huma ira insana não refreia;  
Põe na fama alva noda negra e feia.

## XLVIII.

Vio Alexandre a Apelles namorado  
 Da sua Campaspe, e deo-lha alegremente,  
 Não sendo seu soldado experimentado,  
 Nem vendo-se n'hum cêrco duro e urgente.  
 Sentio Cyro, que andava ja abrazado  
 Araspas de Panthea em fogo ardente,  
 Que elle tomára em guarda, e promettia  
 Que nenhum mao desejo o venceria.

## XLIX.

Mas vendo o illustre Persa que vencido  
 Fôra de Amor, que em fim não tem defesa,  
 Levemente o perdoa; e foi servido  
 Delle n'hum caso grande em recompensa.  
 Por fôrça, de Juditha foi marido  
 O ferreo Balduino; mas dispensa  
 Carlos pae della, posto em cousas grandes,  
 Que viva e povoador seja de Frandes.

## L.

Mas, proseguindo a nympha o longo canto,  
 De Soares cantava, que as bandeiras  
 Faria tremolar, e pôr espanto  
 Pelas roxas Arabicas ribeiras.  
 Medina abominabil teme tanto,  
 Quanto Meca e Giddá, co'as derradeiras  
 Praias de Abassia: Barborá se teme  
 Do mal, de que o emporio Zeila geme.

## LI.

A nobre ilha tambem de Taprobana,  
 Ja pelo nome antigo tão famosa,  
 Quanto agora soberba e soberana  
 Pela cortiça calida, cheirosa;  
 Della dará tributo á Lusitana  
 Bandeira, quando excelsa e gloriosa,  
 Vencendo, se erguerá na tôrre erguida  
 Em Columbo, dos proprios tão temida.

## LII.

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas  
 Dividindo, abrirá novo caminho  
 Para ti, grande imperio, que te arreas  
 De seres de Candace e Sabá ninho.  
 Maçuá, com cisternas de água cheas,  
 Verá, e o porto Arquico alli visinho;  
 E fará descobrir remotas ilhas,  
 Que dão ao mundo novas maravilhas.

## LIII.

Virá depois Meneses, cujo ferro  
 Mais na Africa, que cá terá provado:  
 Castigará de Ormuz soberba o êrro  
 Com lhe fazer tributo dar dobrado.  
 Tambem, tu Gama, em pago do destêrro  
 Em que estás, e serás inda tornado,  
 Co'os titulos de Conde e honras nobres  
 Virás mandar a terra que descobres.

## LIV.

Mas aquella fatal necessidade,  
De que ninguem se exime dos humanos,  
Illustrado co'a Regia dignidade,  
Te tirará do mundo e seus enganos.  
Outro Meneses logo, cuja idade  
He maior na prudência que nos annos,  
Governará, e fará o ditoso Henrique  
Que perpétua memória delle fique.

## LV.

Não vencerá somente os Malabares,  
Destruindo Panane, com Coulete,  
Committendo as bombardas, que nos ares  
Se vingão só do peito que as commette;  
Mas com virtudes certo singulares,  
Vence os imigos d'alma todos sete,  
De cobiça triumphá e incontinencia;  
Que em tal idade he summa de excellencia.

## LVI.

Mas depois que as estrellas o chamarem,  
Succederás, ó forte Mascarenhas;  
E se injustos o mando te tomarem,  
Prometto-te que fama eterna tenhas.  
Para teus inimigos confessarem  
Teu valor alto, o fado quer que venhas  
A mandar, mais de palmas coroadó,  
Que de fortuna justa acompanhado.

## LVII.

No reino de Bintão , que tantos danos  
Terá a Malaca muito tempo feitos ,  
N'hum só dia as injúrias de mil annos  
Vingarás co'o valor de illustres peitos.  
Trabalhos e perigos inhumanos ,  
Abrolhos ferreos mil , passos estreitos ,  
Tranqueiras , baluartes , lanças , settas ,  
Tudo fico que rompas e sobmettas.

## LVIII.

Mas na India cobiça e ambição ,  
Que claramente põe aberto o rosto  
Contra Deos e justiça , te farão  
Vituperio nenhum , mas só desgosto.  
Quem faz injúria vil e semrazão ,  
Com fôrças e podêr em que está posto ,  
Não vence ; que a victória verdadeira  
He saber ter justiça nua e inteira.

## LIX.

Mas com tudo não nego que Sampaio  
Será no esfôrço illustre e assinalado ,  
Mostrando-se no mar hum fero raio ,  
Que de inimigos mil verá coalhado.  
Em Bacanor fará cruel ensaio  
No Malabar , para que amedrontado  
Despois a ser vencido d'elle venha  
Cuitale , com quanta armada tenha.

## LX.

E não menos de Dio a fera frota,  
Que Chaul temerá de grande e ousada,  
Fará co'a vista só perdida e rota  
Por Heitor da Sylveira, e destroçada:  
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,  
Que na costa Cambaica sempre armada  
Será aos Guzarates tanto dano,  
Quanto ja foi aos Gregos o Troiano.

## LXI.

A Sampaio feroz succederá  
Cunha, que longo tempo tem o leme  
De Chale as tôrres altas erguerá,  
Em quanto Dio illustre delle treme.  
O forte Baçaim se lhe dará,  
Não sem sangue porém; que nelle geme  
Melique, porque á fôrça só de espada  
A tranqueira soberba vê tomada.

## LXII.

Traz este vem Noronha, cujo auspicio  
De Dio os Rumes feros affugenta;  
Dio, que o peito e bellico exercicio  
De Antonio da Sylveira bem sustenta.  
Fará em Noronha a morte o usado officio,  
Quando hum teu ramo, ó Gama, se exprimenta  
No govêrno do imperio; cujo zêlo  
Com medo o Roxo mar fará amarello.

## LXIII.

Das mãos do teu Estevão vem tomar  
As redeas hum, que ja será illustrado  
No Brasil com vencer e castigar  
O pirata Francez, ao mar usado.  
Depois, Capitão mor do Indico mar,  
O muro de Damão soberbo e armado  
Escala, e primeiro entra a porta aberta,  
Que fogo e frechas mil terão coberta.

## LXIV.

A este o Rei Cambaico soberbissimo  
Fortaleza dará na rica Dio,  
Porque contra o Mogor poderosissimo  
Lhe ajude a defender o senhorio.  
Depois irá com peito esforçadissimo  
A tolher que não passe o Rei gentio  
De Calecut; que a si com quantos veio  
O fará retirar de sangue cheio.

## LXV.

Destruirá a cidade Repelim,  
Pondo o seu Rei com muitos em fugida;  
E depois junto ao cabo Comorim  
Huma façanha faz esclarecida:  
A frota principal do Samorim,  
Que destruir o mundo não duvida,  
Vencerá co'o furor do ferro e fogo:  
Em si verá Beadala o Marcio jôgo.

## LXVI.

Tendo assi limpa a India dos imigos,  
Virá depois com sceptro a governá-la,  
Sem que ache resistencia nem perigos ;  
Que todos tremem delle, e nenhum falla.  
Só quiz provar os asperos castigos  
Baticalá, que vira ja Beadala :  
De sangue e corpos mortos ficou cheia,  
E de fogo e trovões desfeita e feia.

## LXVII.

Este será Martinho, que de Marte  
O nome tem co'as obras derivado ;  
Tanto em armas illustre em toda parte,  
Quanto em conselho sábio e bem cuidado.  
Succeder-lhe-ha alli Castro, que o estandarte  
Portuguez terá sempre levantado :  
Conforme successor ao succedido ;  
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.

## LXVIII.

Persas feroces, Abassis, e Rumes  
Que trazido de Roma o nome tem,  
Vários de gestos, vários de costumes ;  
Que mil nações ao cêrco feras vem ;  
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes  
Porque huns poucos a terra lhe detem :  
Em sangue Portuguez jurão descridos  
De banhar os bigodes retorcidos.

## LXIX.

Basiliscos medonhos e leões,  
 Trabucos feros, minas encobertas  
 Sustenta Mascarenhas co'os barões,  
 Que tão ledos as mortes tem por certas:  
 Até que nas maiores oppressões  
 Castro libertador, fazendo offertas  
 Das vidas de seus filhos, quer que fiquem  
 Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem.

## LXX.

Fernando hum delles, ramo da alta planta,  
 Onde o violento fogo com ruido  
 Em pedaços os muros no ar levanta,  
 Será alli arrebatado e ao ceo subido.  
 Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,  
 E tem o caminho humido impedido,  
 Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,  
 Os ventos, e depois os inimigos.

## LXXI.

Eis vem depois o pae, que as ondas corta  
 Co' o restante da gente Lusitana;  
 E com fôrça, e saber, que mais importa,  
 Batalha dá felice e soberana:  
 Huns, paredes subindo, escusão porta,  
 Outros a abrem na fera esquadra insana:  
 Feitos farão tão dignos de memória,  
 Que não caibão em verso ou larga história.

## LXXII.

Este depois em campo se apresenta  
Vencedor forte e intrepido ao possante  
Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta  
Da fera multidão quadrupedante.  
Não menos suas terras mal sustenta  
O Hydalcão do braço triumphante  
Que castigando vai Dabul na costa :  
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

## LXXIII.

Estes e outros barões, por várias partes  
Dignos todos de fama e maravilha,  
Fazendo-se na terra bravos Martes,  
Virão lograr os gostos desta ilha,  
Varrendo triumphantes estandartes,  
Pelas ondas que corta a aguda quilha ;  
E acharão estas nymphas e estas mesas,  
Que glórias e honras são de arduas empresas.

## LXXIV.

Assi cantava a nympha ; e as outras todas  
Com sonoro applauso vozes davão,  
Com que festejão as alegres vodas,  
Que com tanto prazer se celebravão.  
Por mais que da fortuna andem as rodas,  
(N'huma consona voz todas soavão)  
Não vos hão de faltar, gente famosa,  
Honra, valor, e fama gloriosa.

## LXXV.

Depois que a corporal necessidade  
 Se satisfez do mantimento nobre,  
 E na harmonia e doce suavidade  
 Virão os altos feitos, que descobre;  
 Tethys, de graça ornada e gravidade,  
 Para que com mais alta glória dobre  
 As festas deste alegre e claro dia,  
 Para o felice Gama assi dizia:

## LXXVI.

Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia  
 Suprema de co'os olhos corporais  
 Veres o que não pôde a vã sciencia  
 Dos errados e miseros mortais.  
 Sigue-me firme e forte, com prudência,  
 Por este monte espesso, tu co'os mais.  
 Assi lhe diz: e o guia por hum mato  
 Arduo, difficil, duro a humano trato.

## LXXVII.

Não andão muito, que no erguido cume  
 Se achárão, onde hum campo se esmaltava  
 De esmeraldas, rubis taes, que presume  
 A vista, que divino chão pizava.  
 Aquí hum globo vem no ar, que o lume  
 Clarissimo por elle penetrava,  
 De modo que o seu centro está evidente,  
 Como a sua superficie, claramente.

## LXXVIII.

Qual a materia seja não se enxerga,  
Mas enxerga-se bem que está composto  
De vários orbes, que a divina verga  
Compoz, e hum centro a todos só tem posto.  
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,  
Nunca s'ergue, ou se abaixa; e hum mesmo rosto  
Por toda a parte tem, e em toda a parte  
Começa e acaba em fim por divina arte:

## LXXIX.

Uniforme, perfeito, em si sostido,  
Qual em fim o Archetypo, que o creou.  
Vendo o Gama este globo, commovido  
De espanto e de desejo alli ficou.  
Diz-lhe a deosa: O transumpto reduzido  
Em pequeno volume aqui te dou  
Do mundo aos olhos teus, para que vejas  
Por onde vás e irás, e o que desejas.

## LXXX.

Vês aqui a grande máchina do mundo,  
Etherea, e elemental, que fabricada  
Assi foi do saber alto e profundo,  
Que he sem principio e meta limitada.  
Quem cêrca em derredor este rotundo  
Globo e sua superficie tão limada,  
He Deos: mas o que he Deos ninguem o entende;  
Que a tanto o engenho humano não se estende.

## LXXXI.

Este orbe, que primeiro vai cercando  
 Os outros mais pequenos que em si tem ;  
 Que está com luz tão clara radiando,  
 Que a vista cega, e a mente vil tambem,  
 Empyreo se nomeia ; onde logrando  
 Puras almas estão d'aquelle bem  
 Tamanho, que elle só se entende e alcança ;  
 De quem não ha no mundo semelhança.

## LXXXII.

Aqui só verdadeiros gloriosos  
 Divos estão : porque eu, Saturno, e Jano,  
 Jupiter, Juno, fomos fabulosos,  
 Fingidos de mortal e cego engano :  
 Só para fazer versos deleitosos  
 Servimos ; e se mais o trato humano  
 Nos póde dar, he só que o nome nosso  
 Nestas estrellas poz o ingenho vosso.

## LXXXIII.

E tambem porque a sancta Providencia,  
 Que em Jupiter aqui se representa,  
 Por espiritos mil, que tem prudência,  
 Governa o mundo todo que sustenta.  
 Ensina-o a prophetica sciencia  
 Em muitos dos exemplos, que apresenta :  
 Os que são bons, guiando favorecem,  
 Os maos, em quanto podem, nos empecem.

## LXXXIV.

Quer logo aqui pintura que varia,  
 Agora deleitando, ora ensinando,  
 Dar-lhe nomes, que a antiga poesia  
 A seus deoses ja dera, fabulando:  
 Que os Anjos da celeste companhia  
 Deoses o sacro verso está chamando;  
 Nem nego que esse nome preeminente  
 Tambem aos maos se dá, mas falsamente.

## LXXXV.

Em fim que o summo Deos, que por segundas  
 Causas obra no mundo, tudo manda:  
 E tornando, a contar-te das profundas  
 Obras da mão divina veneranda,  
 Debaixo deste círculo, onde as mundas  
 Almas divinas gozão, que não anda,  
 Outro corre tão leve e tão ligeiro,  
 Que não se enxerga: he o Mobile primeiro.

## LXXXVI.

Com este rapto e grande movimento  
 Vão todos os que dentro tem no seio:  
 Por obra deste, o sol, andando a tento,  
 O dia e noite faz, com curso alheio.  
 Debaixo deste leve anda outro lento,  
 Tão lento e subjogado a duro freio,  
 Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,  
 Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.

## LXXXVII.

Ólha est'outro debaixo, que esmaltado  
 De corpos lisos anda e radiantes,  
 Que tambem nelle tem curso ordenado,  
 E nos seus axes correm scintillantes.  
 Bem vês como se veste e faz ornado  
 Co'o largo cinto d'ouro, que estellantes  
 Animaes doze traz affigurados,  
 Aposentos de Phebo limitados.

## LXXXVIII.

Ólha por outras partes a pintura  
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo;  
 Ólha a Carreta, attenta a Cynosura,  
 Andromeda e seu pae, e o Drago horrendo;  
 Vê de Cassiopea a formosura,  
 E do Oriente o gesto vê tremendo;  
 Ólha o Cysne morrendo, que suspira,  
 A Lebre e os Cães, a Nao e a doce Lyra.

## LXXXIX.

Debaixo deste grande firmamento  
 Vês o ceo de Saturno, deos antigo;  
 Jupiter logo faz o movimento,  
 E Marte abaixo, bellico inimigo;  
 O claro ôlho do ceo no quarto assento,  
 E Venus, que os Amores traz comsigo,  
 Mercurio de eloquencia soberana:  
 Com tres rostos abaixo vai Diana.

## XC.

Em todos estes orbes differente  
Curso verás, n'huns grave e n'outros leve;  
Ora fogem do centro longamente,  
Ora da terra estão caminho breve;  
Bem como quiz o Padre Omnipotente,  
Que o fogo fez, o ar, o vento e neve:  
Os quaes verás que jazem mais a dentro,  
E tem, co'o mar, a terra por seu centro.

## XCI.

Neste centro, pousada dos humanos,  
Que não somente ousados se contentão  
De soffrerem da terra firme os danos,  
Mas inda o mar instabil experimentão;  
Verás as várias partes, que os insanos  
Mares dividem, onde se aposentão  
Várias nações, que mandão vários Reis,  
Vários costumes seus e várias leis.

## XCII.

Vês Europa christãa, mais alta e clara  
Que as outras em policia e fortaleza;  
Vês Africa, dos bens do mundo avara,  
Inculca, e toda cheia de bruteza,  
Co'o cabo, que atéqui se vos negára,  
Que assentou para o Austro a natureza:  
Olha essa terra toda, que se habita  
Dessa gente sem lei, quasi infinita.

## XCIII.

Vê do Benomotapa o grande imperio,  
 De selvatica gente, negra e nua;  
 Onde Gonçalo morte e vituperio  
 Padecerá pela Fé sancta sua.  
 Nasce por este incognito hemispherio  
 O metal por que mais a gente sua.  
 Vê que do lago, donde se derrama  
 O Nilo, tambem vindo está Cuama.

## XCIV.

Ólha as casas dos negros; como estão  
 Sem portas, confiados em seus ninhos,  
 Na justiça Real e defensão,  
 E na fidelidade dos visinhos.  
 Ólha: delles a bruta multidão,  
 Qual bando espesso e negro de estorninhos,  
 Combaterá em Sofala a fortaleza,  
 Que defenderá Nhaia com destreza.

## XCV.

Ólha lá as alagoas, donde o Nilo  
 Nasce, que não souberão os antigos;  
 Ve-lo rega, gerando o crocodilo,  
 Os povos Abassís, de Christo amigos:  
 Ólha como sem muros (novo estilo)  
 Se defendem melhor dos inimigos.  
 Vê Meroe, que ilha foi de antiga fama,  
 Que ora dos naturaes Nobá se chama.

## XCVI.

Nesta remota terra, hum filho teu  
 Nas armas contra os Turcos será claro;  
 Ha de ser Dom Christovão o nome seu:  
 Mas contra o fim fatal não ha reparo.  
 Vê cá a costa do mar, onde te deu  
 Melinde hospicio gazaloso e charo:  
 O Rapto rio, nota, que o romance  
 Da terra chama Oby, entra em Quilmance.

## XCVII.

O cabo vê ja Arómata chamado,  
 E agora Guardafú, dos moradores,  
 Onde começa a boca do affamado  
 Mar Roxo, que do fundo toma as côres.  
 Este como limite está lançado,  
 Que divide Asia de Africa; e as melhores  
 Povoações, que a parte Africa tem,  
 Maçua são, Arquico, e Suanquem!

## XCVIII.

Vês o extremo Suez, que antiguamente  
 Dizem que foi dos Héroas a cidade;  
 Outros dizem que Arsinoe; e ao presente  
 Tem das frotas do Egypto a potestade.  
 Ólha as águas, nas quaes abrio patente  
 Estrada o grão Moysés na antigua idade.  
 Asia começa aqui, que se apresenta  
 Em terras grande, em reinos opulenta.

## XCIX.

Ólha o monte Sinai, que se ennobrece  
 Co'o sepulchro de Sancta Catharina :  
 Ólha Toro, e Giddá, que lhe fallece  
 Água das fontes doce e crystallina.  
 Ólha as portas do estreito, que fenece  
 No reino da sêcca Ádem, que confina  
 Com a serra d'Arzira, pedra viva,  
 Onde chuva dos ceos se não deriva.

## C.

Ólha as Arabias tres, que tanta terra  
 Tomão, todas da gente vaga e baça ;  
 Donde vem os cavallo para a guerra,  
 Ligeiros e feroces, de alta raça.  
 Ólha a costa, que corre até que cerra  
 Outro estreito de Persia, e faz a traça  
 O cabo, que co'o nome se appellida  
 Da cidade Fartaque alli sabida.

## CI.

Ólha Dofar insigne, porque manda  
 O mais cheiroso incenso para as aras.  
 Mas attenta: ja cá dest'outra banda  
 De Roçalgate e praias sempre avaras  
 Começa o reino Ormuz, que todo se anda  
 Pelas ribeiras, que inda serão claras  
 Quando as galés do Turco e fera armada  
 Virem de Castel-Branco nua a espada.

## CII.

Ólha o cabo Asabóro, que chamado  
Agora he Moçandão dos navegantes :  
Por aqui entra o lago, que he fechado  
De Arabia, e Persias terras abundantes.  
Attenta a ilha Barém, que o fundo ornado  
Tem das suas perlas ricas e imitantes  
Á côr da Aurora; e vê na água salgada  
Ter o Tygris e Euphrates huma entrada.

## CIII.

Ólha da grande Persia o imperio nobre,  
Sempre posto no campo e nos cavallos,  
Que se injuria de usar fúndido cobre,  
E de não ter das armas sempre os callos.  
Mas vê a ilha Gerúm, como descobre  
O que fazem do tempo os intervallos;  
Que da cidade Armuza, que alli esteve,  
Ella o nome despois, e a glória teve.

## CIV.

Aqui de Dom Philippe de Menezes  
Se mostrará a virtude em armas clara,  
Quando com muito poucos Portuguezes  
Os muitos Párseos vencerá de Lara:  
Virão provar os golpes e revezes  
De Dom Pedro de Sousa, que provára  
Ja seu braço em Ampaza, que deixada  
Terá por terra a fôrça só de espada.

## CV.

Mas deixemos o estreito, e o conhecido  
 Cabo de Jasque, dito ja Carpella,  
 Com todo o seu terreno mal querido  
 Da natura, e dos dons usados della:  
 Carmania teve ja por appellido.  
 Mas vês o formoso Indo, que daquella  
 Altura nasce, junto á qual tambem  
 D'outra altura correndo o Gange vem.

## CVI.

Ólha a terra de Ulcinde fertilissima,  
 E de Jaquete a íntima enseada;  
 Do mar a enchente súbita grandissima,  
 E a vasante que foge apressurada.  
 A terra de Cambaia vê riquissima,  
 Onde do mar o seio faz entrada.  
 Cidades outras mil, que vou passando,  
 A vós outros aqui se estão guardando.

## CVII.

Vês corre a costa célebre Indiana  
 Para o Sul, até o cabo Comori,  
 Ja chamado Corí, que Taprobana  
 (Que ora he Ceilão) defronte tem de si.  
 Por este mar a gente Lusitana,  
 Que com armas virá depois de ti,  
 Terá victórias, terras, e cidades:  
 Nas quaes hão de viver muitas idades.

## CVIII.

As provincias, que entre hum e o outro rio  
 Vês com várias nações, são infinitas;  
 Hum reino Mahometa, outro Gentio,  
 A quem tem o Demonio leis escritas.  
 Ólha que de Narsinga o senhorio  
 Tem as reliquias sanctas e bemditas  
 Do corpo de Thomé, varão sagrado,  
 Que a Jesu Christo teve a mão no lado.

## CIX.

Aqui a cidade foi, que se chamava  
 Meliapor, formosa, grande e rica:  
 Os idolos antiguos adorava,  
 Como inda agora faz a gente inica.  
 Longe do mar naquelle tempo estava,  
 Quando a Fé que no mundo se publica,  
 Thomé vinha prégando, e ja passára  
 Provincias mil do mundo, que ensinára.

## CX.

Chegado aqui prégando, e junto dando  
 A doentes saude, a mortos vida,  
 A caso traz hum dia o mar vagando  
 Hum lenho de grandeza desmedida:  
 Deseja o Rei, que andava edificando,  
 Fazer d'elle madeira, e não duvida  
 Podêr tira-lo a terra com possantes  
 Fôrças d'homens, de engenhos, de elephantes.

## CXI.

Era tão grande o pêzo do madeiro,  
 Que só para abalar-se nada abasta;  
 Mas o nuncio de Christo verdadeiro  
 Menos trabalho em tal negócio gasta:  
 Ata o cordão, que traz, por derradeiro  
 No tronco, e facilmente o leva e arrasta  
 Para onde faça hum sumptuoso templo,  
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

## CXII.

Sabía bem que se com fé formada  
 Mandar a hum monte surdo que se mova,  
 Que obedecerá logo á voz sagrada;  
 Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova.  
 A gente ficou disto alvoroçada,  
 Os Bramenes o tem por cousa nova:  
 Vendo os milagres, vendo a sanctidade,  
 Hão medo de perder autoridade.

## CXIII.

São estes sacerdotes dos Gentios,  
 Em quem mais penetrado tinha a inveja;  
 Buscão maneiras mil, buscão desvios  
 Com que Thomé não se ouça, ou morto seja.  
 O principal, que ao peito traz os fios,  
 Hum caso horrendo faz; que o mundo veja,  
 Que inimiga não ha tão dura e fera,  
 Como a virtude falsa da sincera.

## CXIV.

Hum filho proprio mata: logo accusa  
De homicidio Thomé, que era innocente:  
Dá falsas testemunhas, como se usa:  
Condemnárão-no á morte brevemente.  
O Sancto, que não vê melhor escusa,  
Que appellar para o Padre Omnipotente,  
Quer diante do Rei e dos senhores,  
Que se faça hum milagre dos maiores.

## CXV.

O corpo morto manda ser trazido,  
Que resuscite, e seja perguntado  
Quem foi seu matador; e será crido  
Por testemunho o seu mais approvedo.  
Virão todos o moço vivo erguido  
Em nome de Jesu crucificado:  
Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,  
E descobre seu pae ser homicida.

## CXVI.

Este milagre fez tamanho espanto,  
Que o Rei se banha logo na água santa,  
E muitos após elle: hum beija o manto,  
Outro louvor do Deos de Thomé canta.  
Os Bramenes se enchêrão de odio tanto,  
Com seu veneno os morde inveja tanta,  
Que, persuadindo a isso o povo rudo,  
Determinão matá-lo em fim de tudo.

## CXVII.

Hum dia que prégando ao povo estava,  
 Fingirão entre a gente hum arruido:  
 Ja Christo neste tempo lhe ordenava  
 Que, padecendo, fosse ao ceo subido.  
 A multidão das pedras, que voava,  
 No Sancto dá, ja a tudo offerecido:  
 Hum dos maos, por fartar-se mais depressa,  
 Com crua lança o peito lhe atravessa.

## CXVIII.

Chorarão-te Thomé, o Gange e o Indo;  
 Chorou-te toda a terra que pizaste;  
 Mais te chorão as almas, que vestindo  
 Se hião da sancta Fé que lhe ensinaste.  
 Mas os Anjos do Ceo, cantando e rindo,  
 Te recebem na glória que ganhaste.  
 Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,  
 Com que os teus Lusitanos favoreças.

## CXIX.

E vós outros que os nomes usurpais  
 De mandados de Deos, como Thomé,  
 Dizei, se sois mandados, como estais  
 Sem irdes a prégar a sancta Fé?  
 Olhai que se sois sal, e vos damnais  
 Na patria, onde propheta ninguem he,  
 Com que se salgarão em nossos dias  
 (Infieis deixo) tantas heresias?

## CXX.

Mas passo esta materia perigosa,  
 E tornemos á costa debuxada.  
 Ja com esta cidade tão famosa,  
 Se faz curva a Gangetica enseada.  
 Corre Narsinga rica e poderosa,  
 Corre Orixá, de roupas abastada:  
 No fundo da enseada o illustre rio  
 Ganges vem ao salgado senhorio;

## CXXI.

Ganges, no qual os seus habitadores  
 Morrem banhados, tendo por certeza,  
 Que inda que sejam grandes peccadores,  
 Esta água sancta os lava e dá pureza.  
 Vê Cathigão, cidade das melhores  
 De Bengala, provincia que se preza  
 De abundante; mas ólha que está posta  
 Para o Austro, daqui virada a costa.

## CXXII.

Ólha o reino Arracão, ólha o assento  
 De Pegu, que ja monstros povoárão;  
 Monstros filhos do feio ajuntamento  
 D'hũa mulher e hum cão, que sós se achárão.  
 Aqui soante arame no instrumento  
 Da geração costumão; o que usárão  
 Por manha da Rainha, que inventando  
 Tal uso, deitou fóra o error nefando.

## CXXIII.

Ólha Tavai cidade, onde começa  
 De Sião largo o imperio tão comprido;  
 Tenassarí, Quedá, que he só cabeça  
 Das que pimenta alli tem produzido.  
 Mais avante fareis que se conheça  
 Malaca por emporio ennobrecido,  
 Onde toda a provincia do mar grande,  
 Suas mercadorias ricas mande.

## CXXIV.

Dizem que desta terra, co'as possantes  
 Ondas o mar entrando, dividio  
 A nobre ilha Samatra, que já d'antes  
 Juntas ambas a gente antiga vio.  
 Chersoneso foi dita; e das prestantes  
 Veias d'ouro, que a terra produzio,  
 Aurea por epithéto lhe ajuntárão:  
 Alguns que fosse Ophir imaginárão.

## CXXV.

Mas na ponta da terra Cingapura  
 Verás, onde o caminho ás naos se estreita:  
 Daqui tornando a costa á Cynosura,  
 Se encurva, e para a Aurora se endireita.  
 Vês Pam, Patane, reinos, e a longura  
 De Sião que estes e outros mais sujeita.  
 Ólha o rio Menão, que se derrama  
 Do grande lago, que Chiamai se chama.

## CXXVI.

Vês neste grão terreno os diferentes  
Nomes de mil nações nunca sabidas;  
Os Laos em terra e numero potentes,  
Avás, Bramás, por serras tão compridas.  
Vê nos remotos montes outras gentes,  
Que Gueos se chamão, de selvages vidas:  
Humana carne comem, mas a sua  
Pintão com ferro ardente; usança crua.

## CXXVII.

Vês passa por Camboja Mecom rio,  
Que capitão das águas se interpreta;  
Tantas recebe d'outro só no estio,  
Que alaga os campos largos e inquieta:  
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio:  
A gente delle crê, como indiscreta,  
Que pena, e glória tem depois da morte.  
Os brutos animaes de toda sorte.

## CXXVIII.

Este receberá placido e brando,  
No seu regáço o Canto, que molhado  
Vem do naufragio triste e miserando,  
Dos procellosos baixos escapado,  
Das fomes, dos perigos grandes, quando  
Será o injusto mando executado  
Naquelle, cuja lyra sonora  
Será mais affamada que ditosa.

## CXXIX.

Vês corre a costa que Champá se chama,  
 Cuja mata he do pao cheiroso ornada;  
 Vês Cauchichina está de escura fama;  
 E de Ainão vê a incognita enseada.  
 Aqui o soberbo imperio, que se affama  
 Com terras, e riqueza não cuidada,  
 Da China corre, e occupa o senhorio  
 Desd'o Tropico ardente ao Cinto frio.

## CXXX.

Ólha o muro e edificio nunca crido,  
 Que entre hum imperio e o outro se edifica;  
 Certissimo signal, e conhecido,  
 Da potencia Real, soberba e rica.  
 Estes, o Rei que tem, não foi nascido  
 Principe, nem dos paes aos filhos fica;  
 Mas elegem aquelle que he famoso  
 Por cavalleiro sábio e virtuoso.

## CXXXI.

Inda outra muita terra se te esconde,  
 Até que venha o tempo de mostrar-se.  
 Mas não deixes no mar as ilhas, onde  
 A natureza quiz mais affamar-se.  
 Esta, meia escondida, que responde  
 De longe á China, donde vem buscar-se,  
 He Japão, onde nasce a prata fina;  
 Que illustrada será co'a Lei divina.

## CXXXII.

Ólha cá pelos mares do Oriente  
 As infinitas ilhas espalhadas :  
 Vê Tidore e Ternate, co'o fervente  
 Cume, que lança as flammas ondeadas :  
 As árvores verás do cravo ardente,  
 Co'o sangue Portuguez inda compradas.  
 Aqui ha as aureas aves, que não decem  
 Nunca a terra, e só mortas apparecem.

## CXXXIII.

Ólha de Banda as ilhas, que se esmaltão  
 Da vária côr que pinta o roxo fruto ;  
 As aves variadas, que alli saltão,  
 Da verde noz tomando seu tributo.  
 Ólha tambem Borneo, onde não faltão  
 Lagrimas, no licor coalhado e enxuto  
 Das árvores, que camphora he chamado ;  
 Com que da ilha o nome he celebrado.

## CXXXIV.

Alli tambem Timor, que o lenho manda  
 Sandalo salutifero e cheiroso :  
 Ólha a Sunda tão larga, que huma banda  
 Esconde para o Sul difficultoso :  
 A gente, do sertão que as terras anda,  
 Hum rio diz que tem miraculoso,  
 Que por onde elle só sem outro vae,  
 Converte em pedra o pao que nelle cahe.

## CXXXV.

Vê naquella que o tempo tornou ilha,  
 Que tambem flammâs trémulas vapora,  
 A fonte que oleo mana, e a maravilha  
 Do cheiroso licor que o tronco chora;  
 Cheiroso mais que quanto estilla a filha  
 De Cinyras na Arabia, onde ella mora;  
 E vê que tendo quanto as outras tem,  
 Branda seda, e fino ouro dá tambem.

## CXXXVI.

Ólha em Ceilão que o monte se alevanta  
 Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana:  
 Os naturaes o tem por cousa santa,  
 Pola pedra onde está a pégada humana.  
 Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,  
 No profundo das águas, soberana,  
 Cujô pomo contra o veneno urgente  
 He tido por antidoto excellentê.

## CXXXVII.

Verás defronte estar do Roxo estreito  
 Socotorá, co'ô amaro Aloe famosa;  
 Outras ilhas no mar tambem sujeito  
 A vós na costa de Africa arenosa;  
 Onde sahe do cheiro mais perfeito  
 A massa, ao mundo occulta, e preciosa:  
 De São-Lourenço vê a ilha affamada,  
 Que Madagascar he d'alguns chamada.

## CXXXVIII.

Eis-aqui as novas partes do Oriente,  
Que vós outros agora ao mundo dais,  
Abrindo a porta ao vasto mar patente,  
Que com tão forte peito navegais.  
Mas he tambem razão, que no Ponente  
D'hum Lusitano hum feito inda vejais,  
Que de seu Rei mostrando-se aggravado,  
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

## CXXXIX.

Vêdes a grande terra que contina  
Vai de Callisto ao seu contrário pólo,  
Que soberba a fará a luzente mina  
Do metal, que a côr tem do louro Apollo.  
Castella, vossa amiga, será dina  
De lançar-lhe o collar ao rudo collo :  
Várias provincias tem de várias gentes,  
Em ritos e costumes diferentes.

## CXL.

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis  
Parte tambem co'o pao vermelho nota :  
De Sancta-Cruz o nome lhe poreis :  
Descobri-la-ha a primeira vossa frota.  
Ao longo desta costa que tereis,  
Irá buscando a parte mais remota  
O Magalhães, no feito com verdade  
Portuguez, porém não na lealdade.

## CXLI.

Desque passar a via mais que mea,  
 Que ao Antartico pólo vai da Linha,  
 D'huma estatura quasi gigantea  
 Homens verá, da terra alli visinha;  
 E mais avante o Estreito que se arrea  
 Co'o nome delle agora, o qual caminha  
 Para outro mar e terra, que fica onde  
 Com suas frias azas o Austro a esconde.

## CXLII.

Atéqui, Portuguezes, concedido  
 Vos he saberdes os futuros feitos,  
 Que pelo mar, que ja deixais sabido,  
 Virão fazer barões de fortes peitos.  
 Agora, pois que tendes apprendido  
 Trabalhos que vos fação ser acceitos  
 Às eternas esposas e formosas,  
 Que coroas vos tecem gloriosas:

## CXLIH.

Podeis-vos embarcar, que tendes vento  
 E mar tranquillo, para a patria amada.  
 Assi lhe disse: e logo movimento  
 Fazem da ilha alegre e namorada.  
 Levão refrêsko e nobre mantimento,  
 Levão a companhia desejada  
 Das nymphas, que hão de ter eternamente,  
 Por mais tempo que o sol o mundo aquente.

## CXLIV.

Assi forão cortando o mar sereno  
Com vento sempre manso e nunca irado,  
Até que houverão vista do terreno  
Em que nascêrão, sempre desejado.  
Entrárão pela foz do Tejo ameno;  
E á sua patria e Rei temido e amado  
O prémio e glória dão, por que mandou;  
E com titulos novos se illustrou.

## CXLV.

Nó mais, Musa, nó mais; que a lyra tenho  
Destemperada, e a voz enrouquecida;  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar a gente surda e endurecida.  
O favor com que mais se accende o engenho,  
Não no dá a Patria, não; que está mettida  
No gosto da cobiça, e na rudeza  
D'huma austera, apagada e vil tristeza.

## CXLVI.

E não sei por que influxo do destino  
Não tem hum ledo orgulho e geral gosto,  
Que os ânímos levanta de contino  
A ter para trabalhos ledo o rosto.  
Por isso vós, ó Rei, que por divino  
Conselho estais no regio solio posto,  
Olhai que sois (e vêde as outras gentes)  
Senhor só de vassallos excellentes!

## CXLVII.

Olhai que ledos vão por várias vias,  
 Quaes rompentes leões e bravos touros,  
 Dando os corpos a fomes e vigias,  
 A ferro, a fogo, a settas e pelouros;  
 A quentes regiões, a plagas frias,  
 A golpes de Idolátras e de Mouros,  
 A perigos incognitos do mundo,  
 A naufragios, a peixes, ao profundo:

## CXLVIII.

Por vos servir a tudo aparelhados,  
 De vós tão longe, sempre obedientes  
 A quaesquer vossos asperos mandados,  
 Sem dar resposta, promptos e contentes.  
 Só com saber que são de vós olhados,  
 Demonios infernaes, negros e ardentes  
 Commetterão comvosco; e não duvido  
 Que vencedor vos fação não vencido.

## CXLIX.

Favorecei-os logo e alegrai-os  
 Com a presença e leda humanidade;  
 De rigorosas leis desaliv'ai-os;  
 Que assi se abre o caminho á sanctidade:  
 Os mais experimentados levantai-os,  
 Se com a experiencia tem bondade  
 Para vosso conselho; pois que sabem  
 O como, o quando e onde as cousas cabem.

## CL.

Todos favorecei em seus officios ,  
 Segundo tem das vidas o talento :  
 Tenhão Religiosos , exercicios  
 De rogarem por vosso regimento ,  
 Com jejuns , disciplina , pelos vicios  
 Communs : toda ambição terão por vento ;  
 Que o bom Religioso verdadeiro  
 Glória vã não pretende , nem dinheiro.

## CLI.

Os Cavalleiros tende em muita estima ,  
 Pois com seu sangue intrepido e fervente  
 Estendem não somente a Lei de Cima ,  
 Mas inda vosso imperio preeminente :  
 Pois aquelles que a tão remoto clima  
 Vos vão servir com passo diligente ,  
 Dous inimigos vencem ; huns os vivos ,  
 E , o que he mais , os trabalhos excessivos.

## CLII.

Fazei , Senhor , que nunca os admirados  
 Allemães , Gallos , Italos e Inglezes  
 Possão dizer que são para mandados ,  
 Mais que para mandar , os Portuguezes.  
 Tomai conselhos só d'exprimentados  
 Que virão largos annos , largos mezes ;  
 Que postoque em scientes muito cabe ,  
 Mais em particular o experto sabe.

## CLIII.

De Phormião philosopho elegante  
 Vereis como Annibal escarneia,  
 Quando das artes bellicas diante  
 Delle com larga voz tratava e lia.  
 A disciplina militar prestante  
 Não se apprende, Senhor, na phantasia,  
 Sonhando, imaginando, ou estudando,  
 Senão vendo, tratando e pelejando.

## CLIV.

Mas eu que fallo, humilde, baixo e rudo,  
 De vós não conhecido nem sonhado?  
 Da boca dos pequenos sei com tudo,  
 Que o louvor sahe ás vezes acabado.  
 Nem me falta na vida honesto estudo,  
 Com longa experiencia misturado,  
 Nem engenho; que aqui vereis presente  
 Cousas que juntas se achão raramente.

## CLV.

Para servir-vos, braço ás armas feito;  
 Para cantar-vos, mente ás Musas dada:  
 Só me fallece ser a vós acceito,  
 De quem virtude deve ser prezada.  
 Se me isto o Ceo concede, e o vosso peito  
 Digna empresa tomar de ser cantada,  
 Como a presaga mente vaticina,  
 Olhando a vossa inclinação divina:

## CLVI.

Ou fazendo que, mais que a de Medusa,  
A vista vossa tema o monte Atlante,  
Ou rompendo nos campos de Ampelusa  
Os muros de Marrocos e Trudante;  
A minha ja estimada e leda Musa,  
Fico que em todo o mundo de vós cante,  
De sorte que Alexandro em vós se veja,  
Sem á dita de Achilles ter inveja.





## CLVI.

Ou fazendo que, mais que a de Medusa,  
A vista vossa tema o monte Atlante,  
Ou rompendo nos campos de Ampelusa  
Os Mouros de Marrocos e Trudante;  
A minha ja estimada e leda Musa,  
Fico que em todo o mundo de vós cante,  
De sorte que Alexandro em vós se veja,  
Sem á dita de Achilles ter inveja.

NOTAS.





# NOTAS.

## NOTAS.

Par. 13. V. 3. *de porta cruce*. Tal era a edição.  
Mas aqui se encontra a mesma coisa que no Livro I.  
Est. 4. V. 3. ; isto he a supressão da conjunção E,  
absolutamente necessaria para ligar o sentido. E as-  
sim a substituição de la mesma razão quealli e breves.  
Além disso ha d'outra natureza, que he a supressão do  
fim de 2.<sup>a</sup> parte, quando o sentido do texto he  
uma e sua clausula ha regular; e aqui talvez se  
deveria pôr o pontuação correspondente.

Par. 14. V. 7. *Quem e Comprehensivus*. 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> edição.  
Neste par. he de se notar a falta de um ponto depois  
de *reprehensivus* e de se notar tambem a falta de um  
ponto depois de *reprehensivus* e de se notar tambem a  
falta de um ponto depois de *reprehensivus* e de se notar  
tambem a falta de um ponto depois de *reprehensivus*.  
A palavra *reprehensivus* he de se notar tambem a  
falta de um ponto depois de *reprehensivus* e de se notar  
tambem a falta de um ponto depois de *reprehensivus*.

NOTAS.

## NOTAS.



### CANTO VI.

Est. 14. V. 5. *As portas o recebe.*] Todas as edições. Mas aqui se encontra o mesmo vicio que no Canto I. Est. 4. V. 5. ; isto he a suppressão da conjuncção *E*, absolutamente necessaria para ligar o sentido. E assim a restituimos pela mesma razão que alli o fizemos. Além deste ha inda outro, que he ter ponto final no fim do 8.º verso, quando o sentido desta Estancia tem a sua clausula na seguinte; o qual tambem corrigimos pondo a pontuação competente.

Est. 18. V. 7. *Ostras e Camarões.*] 1.ª e 2.ª edição. N'outras se lê: *Ostras e breguigões*. Huma e outra lição he viciosa: porque nem he verosimil que o poeta repetisse a mesma palavra n'hum Estancia, nem o epitheto — *de musgo sujos* convem a Camarões nem a breguigões. Pelo que as desprezamos, restituindo a palavra *misilhões*, assim porque esta se acha no 1.º manuscripto descoberto por Faria, como porque a

circunstancia — *de musgo sujos*, perfeitamente convem a esta especie de marisco, porque tem certo musgo com que se apega aos rochedos.

Est. 39. V. 6. *Estregando.*] 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> edição. Mas he visivelmente êrro de impressão, porque em nenhum autor classico, nem no mesmo Camões, fóra deste lugar, se encontra semelhante verbo; e quando o poeta o trouxesse do Latim *extergere* ou do Castelhano *estergar*, por isso mesmo que o introduzia de novo, escreveria *estergar*, e não *estregar*, a fim de ser entendido. Emendamos portanto *esfregando*, como se lê na edição de Faria e Sousa.

### CANTO VII.

Est. 10. V. 5. *Entre vós.*] Todas as ediç. Mas aqui, da mesma sorte que no Canto I. Est. 1. V. 5., e no mesmo verso da Est. 14. Canto VI. falta a conjuncção *E*, que, sendo necessaria ao sentido, e não lesando a harmonia do verso, não podia ser supprimida, senão por descuido do impressor. E portanto a restituimos.

Est. 77. V. 1. *Com elle os Gamas junto.*] Todas as ed. Mas não póde ser. Dous Gamas forão nesta expedição; Vasco, heroe do poema, e Paulo, seu irmão. Quando o Catual veio a bórdo da capitaina, achava-se Vasco retido em terra: por essa razão Paulo, que na ausencia do Almirante enchia as suas vezes, fez áquelle magistrado as honras do recebimento. E como só hum era presente, só hum se podia levantar. Este he hum daquelles lugares, que mostram claramente o quanto este poema foi viciado nas primeiras edições. Corrigimos

Alça-se em pé, com elle o Gama junto.

Est. 73. V. 8. *Se aproveitar dos homens.*] 1.ª e 2.ª ed. Na de Vicente Alvares, impressa em Lisboa em 1612, se lê: *Se aproveitar de homens*: e esta lição mais se achega á verdadeira, porque, para ser perfeita, lhe não falta senão hum *m* depois do *se*, que os antigos supprião muitas vezes com hum til sobre o *e*, o qual facilmente podia escapar na composição. Por isso adoptamos a lição vulgar:

Sem aproveitar de homens força e arte,  
que he evidentemente a do poeta.

## CANTO VIII.

Est. 15. V. 6 e 7. *Assi por a si.* Erro das primeiras edições, emendadas nas seguintes, e por Dom J. M. de Sousa ultimamente reproduzido, sem dar a razão porque.

Est. 47. V. 1. *Hum devoto*]. Ambas as ed. orig. Corrigio Faria e Sousa: *a hum devoto*. Adoptamos a emenda, porque a preposição he aqui necessaria para aclarar o sentido.

Est. 87. V. 8. *Trémulo aqui e alli, e desassocegado*]. Ambas as ediç. Mas he impossivel que o poeta assim escrevesse este verso. Supprimimos as duas conjuncções, porque não servem ao sentido, e destroem toda a belleza do verso.

Est. 93. V. 2. *Com que venha*]. Todas as ed. Mas he erro manifesto. Corrigimos: *em que venha*.

## CANTO IX.

Est. 16. V. 8. *Temidos e ledos*]. Erro solemne de ambas as ed. orig., porque o sentido he este: *Levando*

*alegres novas e resposta da parte oriental para Lisboa, tímidos e ledos outra vez commettendo os duros medos do mar incerto.* Deste, e de muitos outros lugares se vê que o poeta não assistio á impressão da sua obra, nem corrigio as provas. Emendamos: *tímidos e ledos*, como se lê na edição de Faria e Sousa.

EST. 21. V. 6. *Da primeira c'o o terreno seio*]. Ambas as ed. Mas não ha vicio mais manifesto; ou se olhe ao sentido, ou ao material do verso. Em primeiro lugar, se destas sós palavras o poeta quizesse formar hum mau verso, seguramente escrevêra:

#### Da primeira com o terreno seio.

Mas a elisão do *m* na preposição *com*, prova com toda a evidencia que este verso, da maneira que o poeta o havia organizado, se achava tão perfeitamente cheio até á 6.<sup>a</sup> syllaba, que havia necessidade de synalepha; e como se lê nas primeiras edições, além de não ter os accentos nos seus devidos lugares, vem-lhe a faltar huma syllaba. E, não se podendo esta juntar ás palavras que o compõe, segue-se que houve suppressão de huma palavra, e que esta era monosyllaba.

Diz o commentador Manoel Correa que na palavra — *primeira* — se deve dividir o diphtongo, e pronunciar *prime-ira*; e affirma que assim o ouvira ao poeta: mas o mesmo poeta o desmente com fazer a synalepha que dissemos. Porque grandissimo disparate seria unir em huma só duas vogaes distinctas e separadas, para desunir violentamente duas tão inseparaveis por sua natureza huma da outra, que ambas não devem formar mais que huma. Isto quanto ao material do verso. Vamos agora ao sentido.

Diz o texto: *Que Venus, para refocilar os navegan-*

tes, lhes tinha aparelhada no meio das águas huma ilha deliciosa; que muitas tem no reino que confina da primeira cõ o terreno seio, a fóra as que possue para dentro das portas Herculanas. Mas que reino he esse que confina com o terreno seio da primeira? e que se entende aqui por primeira? O reino, claro está que he o de Neptuno, o mar, por onde vinhão os navegantes. Por primeira, segundo o que está escripto, não se póde entender, senão ilha. Mas qual será a primeira ilha? Será a primeira em que a deosa teve culto? Paphos, Cithere, Cypro, Gnido, ou Amathunta? Não; que essas estão para dentro das portas Herculanas, e portanto exceptuadas pelo poeta. Então será a primeira, indo ou vindo do sul para o norte, ou do norte para o sul? Não; que não era possível que hum poeta como Camões se exprimisse de huma maneira tão vaga. Logo he evidente que este terreno seio não he o da primeira ilha, mas sim o da mãe primeira, da terra; porque na linguagem dos Oraculos e dos poetas por mãe se entende a terra, que o he de todos; e por mãe primeira se entende a Asia, onde dizem ter sido o paraíso terreal. E tanto he esta a verdadeira lição deste lugar, que restituída a palavra mãe, que he o monosylabo que faltava nas primeiras edições, temos verso e temos sentido; supprimida, nem verso nem sentido temos.

Sustentou portanto Manoel Correa a maior das falsidades, e commetteo o Morgado de Matheus o mais indesculpavel dos êrros em desprezar a emenda feita e approvada por homens incomparavelmente mais doutos, só por seguir ás cegas a autoridade dessas edições originaes, em tantos lugares convencidas de infieis.

Est. 46. V. 2. *No coração dos deoses*]. Todas as ed. Mas que he erro, não ha dúvida, porque o *louvor grande* não mudou nos corações; mudou os corações dos deoses, tornando propicios os que atélli erão contrários.

Est. 50. V. 4. *Os guiava*]. Erro da 1.ª ed., emendado na 2.ª Dom J. M. de Sousa reproduzio o erro: nós tornamos a emendar *as guiava*; porque o poeta está fallando das Nymphas.

Est. 59. V. 7. *Entregai-vos ao damno*]. Estranha cousa parece á primeira vista, que o poeta aconselhe ás peras que, para se conservarem na sua árvore, se deixem picar dos passaros; mas quem reflectir bem no que o poeta diz antes e depois, atinará facilmente com a razão deste conselho.

Está o poeta encarecendo a fertilidade e as delicias desta ilha imaginaria, aqui maravilhosamente introduzida para significar o quanto he diverso de todos os mais prazeres aquelle prazer divino, que sentem as almas grandes em ter feito acções heroicas e sublimes. Os ares são alli mais puros, mais fertil o terreno, mais limpidas as águas, a relva mais viçosa, as flores mais bellas e mais fragrantas, mais suave o cantar dos passarinhos, os fructos mais abundantes e melhores, que em nenhum outro paiz do mundo.

Encosta-se no chão, que está cahindo,

A cidreira co'os pesos amarellas;

Os formosos limões alli cheirando

Estão virgineas tetas imitando;

e tão doces, tão saborosas são as peras piramidaes, que os passaros as comem; e tantas e tamanhas, que grande beneficio he para ellas, que os mesmos pas-

saros com os bicos lhes diminuaõ o peso ; porque de outra sorte não poderião conservar-se nas pereiras. E por isso o poeta lhes diz :

E vós, se na vossa árvore fecunda,  
Peras piramidaes, viver quizerdes,  
Entregai-vos ao damno que co'os bicos  
Em vós fazem os passaros inicos.

Hum dos commentadores antigos, Manoel Correa, se bem nos lembramos, explicou este lugar de hum modo que se approximava hum pouco desta nossa intelligencia. Manoel de Faria e Sousa julgou que o poeta fallava aqui por ironia. Entre as duas interpretações escolherá o leitor a que lhe mais agradar. Mas, segundo nós a entendemos, he esta expressão do poeta summamente engenhosa e delicada, e segundo a entende Faria, vem a ser a maior das puerilidades.

E, pois entramos em explicações de texto, permittase-nos fazer mais huma, que poderia escapar aos mais dos leitores, para que melhor se entenda e aprecie a allegoria desta admiravel ficção ; e he : Que para significar a immensa distancia, que separa os heroes do vulgo, collocou o nosso poeta o seu templo da Glória n'huma ilha remota e apartada de todo o commercio humano, figurando nos procellosos mares que a circundão, quão trabalhoso e arriscado he o caminho da virtude.

Este prodigioso quadro, com que o poeta quiz alegrar a severidade do seu assumpto, digão embora que he lascivo, com tanto que confessem, que não tem igual em toda a poesia descriptiva.

Esr. 81. V. 5. *Lhe mudarás*]. 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> ed. *Se lhe*

*mudará*: lição vulgar. A primeira he viciosa, porque não he possível que o poeta dissesse que a *Nympha* havia de mudar a estrella de Leonardo na virtude do seu gesto lindo. A segunda lição não deixa nada a desejar, e o mesmo poeta a confirma dizendo logo depois: *E se se lhe mudar*.

### CANTO X.

EST. 10. V. 4. *Cantando*]. Erro da 1.<sup>a</sup> edição, emendado na 2.<sup>a</sup>. Dom J. M. de Sousa, sem crítica nenhuma reproduzio a primeira lição.

EST. 86. V. 6. *Turbulento*]. Todas as edições. Mas he vício, porque não he possível que o poeta rimasse *turbulento* com *horrendo*. Emendamos *tremendo*, como se lê no 2.<sup>o</sup> manuscrito achado por Faria, que he a verdadeira lição.

EST. 105. V. 4. *Da natura e dos dons*]. Ambas as ed. orig. *Da natureza e dons*: lição vulgar; mas não ha razão para se rejeitar a primeira, que he a do poeta.



Estes são os mais notaveis erros typographicos das edições anteriores, emendados na presente. Mas além destes, corrigimos ainda outros, de que julgamos ocioso dar a razão, por ser obvia a todo o leitor.

FIM.

# DICCIONARIO

DE TODOS OS NOMES PROPRIOS.



# DICCIONARIO

## DE TODOS OS NOMES PROPRIOS

QUE SE CONTÉM EM ESTE POEMA,

ESCOLHIDOS E ORDENADOS

POR JOÃO FRANCO BARRETO.

### A.

**ABASSIA**, parte de Africa, dividida de Arabia com as portas do mar Roxo: cujos povos se chamão Abyxins, ou Abassis, sujeitos ao Preste João, hum dos grandes reis do Oriente, e dos mais poderosos de Africa, porque tem debaixo de seu mando mais de quarenta reinos.

**ABRAHÃO**, primeiro patriarca: he a saber, o primeiro dos pais: do qual, e de Agar sua escrava, dizem os Mouros que procede Mafamede.

**AERANCHES**, lugar, e condado de França.

**ABRANTES**, villa de Portugal, junto do rio Tejo.

**ABYLA**, monte de Africa, sobre o qual está a cidade Ceita, pertencente aos reis de Portugal. Chamão os autores a este monte Columna de Hercules.

**ACCIA**s guerras, as que houve entre Augusto e Marco Antonio, na cabo Figalo, que os antigos chamavão Accio: em as quaes Marco Antonio e Cleopatra, rainha de Egypto, forão desbaratados.

**ACHEMENIA**, região da Persia, onde se fazem as melhores alcatifas e tapeçarias do mundo.

- ACHERONTE**, rio infernal, segundo fingem os poetas.
- ACHILLES**, príncipe Grego fortissimo, filho de Peleo, rei de Thessalia, e de Thetys, filha de Chyron. Matou-o Páris enganosamente em Troia, no templo de Apollo, onde havia ido sobre o concerto de casar com Policena, filha de Priamo.
- ACIDALIA**, sobrenome de Venus, dita assi por huma fonte deste nome, que está em Beocia, aonde se lavão as Graças, dedicadas a Venus.
- ACRISIO**, rei dos Argivos, filho de Abante; o qual, querendo ter a Danae sua filha recolhida e guardada, a meteo n'huma torre, que alguns querem fosse de metal; porém nem isto lhe valeo, porque **Jupiter**, convertido em chuva de ouro, entrou na sua camara, e houve della a **Perseo**.
- ACROCERAUNIOS**, montes de Epyro, a que hoje chamamos Albania. Os poetas os chamão infames pelos naufragios que alli acontecem.
- ACTEON**, filho do Aristeo, e Autonoe; do qual contão os poetas, que chegando a beber em huma fonte, vio a Diana, que os antigos têm por Deosa da caça, a qual se estava lavando com suas companheiras; e sentida de Acteon a ver em aquelle estado, o converteo em cervo; e logo visto de seus cães, foi por elles mesmos despedaçado.
- ADAMASTOR**, hum dos gigantes filhos da terra; os quaes, tendo guerra com Jupiter, forão vencidos, e sepultados debaixo de diversos montes, como Adamastor transformado no cabo, commummente chamado da Esperança. Do nome deste gigante se lembrou Sidonio, e Carlos Estephano em seu Diccionario, aindaque Claudiano, e outros, o chamão Damastor.

- ADÃO, primeiro homem, e primeira figura de Deos; viveo 930 annos.
- ADEM, cidade na Arabia Feliz, situada ao pé de huma serra, a quem os naturaes chamão de Arzira, que he toda de pedra viva, sem arvore, nem herva alguma.
- ADONIS, bellissimo mancebo, filho de Cinyra, e de sua filha Myrrha, a qual foi convertida em huma arvore de seu nome. Foi este muito amado de Venus.
- ADRIATICA Veneza: chama-se assi esta cidade por estar fundada no mar Adriatico, o qual se chama assi de huma cidade por nome Adria, que antiguamente esteve entre as bocas do Rio Pó, do que agora não ha rasto.
- AFFONSO. Cinco reis teve Portugal deste nome, e todos de muito valor: o primeiro, filho do conde Dom Henrique: o segundo, filho d'el-rei D. Sancho I, o terceiro, filho do mesmo rei D. Affonso II: o quarto, filho d'el-rei D. Diniz: o quinto, filho d'el-rei D. Duarte.
- AFRICA, nome da terceira parte do mundo, e de huma cidade principal della.
- AFRICO: he o vento que os marinheiros chamão Oes-Sudoeste.
- AGANIPPE, fonte de Beocia, dedicada ás Musas.
- AGAR, escrava de Abrahão, da qual dizem os Mouros que procedem, e assi se chamão netos de Agar, e Agarenos.
- AGRIPPINA, mãe do imperador Nero.
- AIACE, filho de Telamon, e de Hesione, filha de Laomedonte. Foi o mais valeroso e esforçado de todos os Gregos, depois de Achilles. Do qual se diz,

que como (Achilles morto) pedisse suas armas, e Ulysses com sua eloquencia movesse os animos dos juizes gregos, para que á elle lhas dessem, endoudeceo de paixão: e entendendo que matava a Ulysses, e seus companheiros, matou muito gado, até que se matou a si mesmo: de cujo sangue, dizem os poetas, sahio a flor Hiacintho.

**AINÃO**, ilha sita em huma ponta da terra da China, e na boca da enseada Cauchichina, em a qual se pesca aljofar, e pérolas.

**ALBIS**, hum rio de Germania, chamado vulgarmente Elva, ou Elba: o qual nasce em os montes que dividem a Bohemia e Moravia, de Suevia, e penetrando a Saxonia, entra no Oceano.

**ALBUQUERQUE**: he o grande Affonso de Albuquerque, que succedeo a D. Francisco de Almeida na governança da India.

**ALÇAÇAR do Sal**, villa de Alemtejo.

**ALCIDES**, cognome de Hercules, de Alceo seu avô, ou de *alky*, dicção grega, que significa vigor, ou força.

**ALCINO**, rei dos Pheacos, na ilha Coreyra, diligente cultivador de hortos, e pomares, o qual recebeu em sua casa a Ulysses affligido, humanissimamente.

**ALCMENA**, mãe de Hercules.

**ALCORÃO**: he entre os Mouros o livro de sua scita, composto por Sergio Mónaco, em o qual poz algumas cousas da Lei Mosaica, algumas da Evangelica, e muitas falsas.

**ALECTO**, huma das tres furias infernaes.

**ALEMQUER**, villa de Portugal.

**ALENCASTRO**: foi este duque sogro d'el-rei D. João I, e irmão d'el-rei Duarte de Inglaterra.

- ALEXANDRO**, cognominado o Magno, foi liberalissimo.
- ALGARVES**, reino annexo ao Portugal.
- ALLEMANHA**, provincia de Europa, bem conhecida, cheia de principados potentissimos, de cidades grossissimas, povos, e mantimento infinito. Primeiro foi chamada Germania.
- ALMEIDAS**: estes forão D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da India, e D. Lourenço de Almeida, seu filho.
- ALOE**, genero de pao, muito pezado, semelhante ao de Aquila.
- ALPHEO**, rio que nasce junto a Helis, cidade de Arcadia, e corre até Achaia, e sumindo-se alli na terra, corre por baixo do chão, e do mar, larguissimo espaço, e vai sahir á fonte Arethusa de Sicilia: diz-se agora vulgarmente Rosea.
- ALVARO**. De dous faz o poeta menção: hum he Dom Alvaro de Castro, filho de Dom João de Castro, o qual, deixando seu pai em Goa, foi no meio do inverno a soccorrer Dio: e o outro, Alvaro de Braga, ou Alvaro Dias, (que no sobrenome discordão Barros e Goes,) o qual com Diogo Dias, (em que tambem os sobreditos varião,) ficárão em Calcut por feitores, em quanto a fazenda se vendia.
- AMALTHEA**, filha de Melisso, rei de Grecia, foi amada de Jupiter, a qual tinha hum corno, chamado communmente Cornucopia, que tudo o que querião achavão nelle.
- AMASIS**, rio de Allemanha, grande, e navegavel: corre entre o Rheno e o Albis, entra no Oceano junto a Emden, metropoli da Phrysia Oriental.
- AMBROSIA**, especie de herva, semelhante ao Apio; manjar (segundo os Gentios) dos Deoses.

- AMPAZA**, cidade da Persia, nos confins de Ormuz.
- AMPELUSA**, promontorio entre Ceuta e Tanger: chama-se hoje a ponta de Alcaçar.
- AMPHÍONEAS** Thebas: contão os poetas, que foi Amphion hum musico tão excellente, que em tocando a sua viola, e cantando, o seguíão as cousas insensíveis, como pedras, paos, e outras cousas semelhantes, e que desta maneira ajuntou a pedra com que fez os muros a Thebas, cidade de Beocia, que hoje se diz Estibes; e por esta razão os poetas a chamão Amphíonea; na qual dizem nasceo Baccho.
- ANCHISES**, filho de Capis, e pai de Enéas, ao qual houve da deosa Venus.
- ANDALUSIA**: segundo el-rei D. Affonso o Sabio, he toda aquella terra que está desde o rio Guadiana, até o mar Mediterraneo, e desde o Oceano, até o rio Xucar, assi como cahé no mar Mediterraneo.
- ANDROMEDA**, filha de Cepheo, rei de Ethiopia, e de Cassiope; e tambem hum Signo celeste.
- ANNIBAL**, capitão valerosissimo, natural de Carthago, cidade antiga de Africa.
- ANTÃO** Vasques de Almada, Portuguez valerosissimo, e hum dos doze cavalleiros que forão a Inglaterra pedidos pelas damas daquelle reino, para as desaggravar de certos cavalleiros inglezes que as havião publicamente affrontado.
- ANTARCTICO** pólo: he o sul.
- ANTENOR**, hum dos principaes Troianos, que entregarão por traição Troia aos Gregos; queimada a qual, se acolheo a Italia, e edificou no territorio de Veneza huma cidade, que de seu nome se chamou Antenoria, e hoje Padua.

**ANTEO**, gigante filho da terra, e primeiro fundador de Tinge, que agora se diz Tanager.

**ANTONIO**: hum he Antonio da Sylveira, capitão de Dio, a qual elle defendeo valerosamente de Solimão Baxá, rei do Cairo, que foi sobre ella com 63 vélas e 1200 Turcos, aos quaes desbaratou com muito pouco poder. O outro, Marco Antonio, cidadão romano principal, o qual em companhia de Marco Lepido, e de Cesar Octaviano, teve o governo do romano imperio. Delle se conta, que era tão affeccionado á musica, que por ouvir trovinhas, e chistes de glaphira, deixava a sua mulher Fulvia.

**ANUBIS**: em lingua egypcia significa cão, em cuja fórma os Egypcios honrãrão ao deos Mercurio.

**AONIA**, parte montuosa de Beocia, em a qual havia huma fonte, que todos os que bebião della ficavão poetas.

**APELLES**, pintor eximio.

**APENINO**, monte altissimo, situado justamente no meio da Italia. Começa nos Alpes, e acaba no extremo de Calabria.

**APIO**, foi governador de Roma, o qual por querer attentar contra a honra de huma virgem de nome Virginia foi preso e se matou na prisão para escapar ao supplicio.

**APOLLO**, filho de Jupiter, e de Latona, tido entre os antigos por deos de Sabedoria, dos Poetas, das Musas, e se toma ordinariamente pelo Sol.

**APULIA**, região da Italia, visinha ao mar Adriatico.

**AQUILO**, vento septentrional.

**ARA**, constellação celeste.

**ARABIA**, provincia entre Judéa, e Egypto.

**ARABICA** lingua, a lingua dos Arabes, se falla, não

- só em Africa, mas na Persia, e muitas partes de Asia.
- ARABIO**, o natural de Arabia, donde dizem que era Mafamede.
- ARAGÃO**, reino de Hespanha, cuja metropoli he Saragoça.
- ARASPAS**, hum certo Medo, a quem Cyro, rei dos Persas, deo a guardar Panthea, mulher de Abradatas, rei dos Susos, que captivára no arraial dos Assyrios: e se houvera perder com ella, se o mesmo Cyro o não remediára, tirando-lha das mãos.
- ARCADIA**, provincia da Moréa, dita assi de Arcade, filho de Jupiter; sujeita hoje ao Grão Khan.
- ARCHETIPO**; he o traslado primeiro, ou principal fórma de qualquer cousa: e o poeta toma por Deos Nosso Senhor, Creator de todas as cousas.
- ARCTURO**, he huma estrella, na parte septentrional, que he o Norte.
- ARETHUSA**, fonte de Sicilia, junto a Syracusa, em a qual foi convertida Arethusa, nympha de Diana, amada de Alpheo.
- ARGO**, cidade insigne de Grecia, dedicada á deosa Juno, dita assi do nome d'el-rei Argos, que reinou nella.
- ARGONAUTAS**, forão huns cavalleiros gregos, que em a não Argos forão na conquista do Vellofino de Colchos.
- ARGOS**, a primeira não que (segundo á *Philosophia Ethnica*) houve no mundo, em a qual Jason e seus companheiros passárão a Colchos a roubar o Vellofino de ouro: aindaque, segundo as Divinas Letras, primeiro foi a arca de Noe. Houve tambem hum pastor deste nome, filho de Aristeo, que dizem tinha

- cem olhos, e foi morto por Mercurio, andando por mandado de Juno em guarda de Io, amada de Jupiter. E he tambem Argos huma constellação celeste.
- ARIES, constellação na zona torrida, a qual he hum dos doze signos celestes.
- ARMENIA, região de Asia, entre os montes Tauro, e Caucaso, a qual se divide em maior, e menor.
- ARMUSA, cidade antiga na terra de Magostão, visinha de Ormuz, da qual hoje não apparecem mais que as ruínas.
- AROMATA, he o cabo Guardafú, no fim da terra de Africa, e no principio de Asia.
- ARQUICO, lugar de Ethiopia, sujeito ao Preste João, e unico porto de toda aquella costa.
- ARRAÇÃO, reino que confina com o de Bengala nas partes da India.
- ARRONCHES, lugar de Alemtejo.
- ARSINARIO cabo, he o que nós agora chamamos Verde.
- ARSINOE, filha ou irmã de Ptolomeo, rei de Egypto, a qual fundou hum lugar, que de seu nome se chamou Arsinoe, e agora Suez, na costa do mar Roxo.
- ARTABRO, he o monte, a que hoje chamamos Cabo de *Finis Terra*.
- AZZIRA, he huma serra na Arabia Feliz, toda de pedra viva, sem arvore, nem herva alguma.
- ASABORO, he hum cabo, a que os nossos chamão Moçandão, no reino de Ormuz.
- ASIA, a terceira parte da terra em número, aindaque a metade em quantidade.
- ASSYRIA, provincia de Asia, dita vulgarmente Soria, ou Suria.

- ASTRÉA**, filha de Astreo Gigante, e da Aurora; ou segundo outros, de Jupiter, e Themis.
- ASTIANAX**, filho unico de Heitor, e Andromacha, ao qual Ulysses lançou de huma torre abaixo, quando os Gregos entrárão na cidade de Troia.
- ASTURIAS**, provincia de Hespanha, cuja metropoli he Oviedo, aonde se salvárão, na inundação dos Arabes, aquelles poucos Godos que escapárão, e com muitas reliquias de Santos.
- ATHAMANTE**, foi conduzido por Juno a tanta furia, que, sahindo-lhe ao encontro seu filho Learco, o matou; do que espantada e atemorizada Ino sua mulher, com outro filho Melicerta, se lançou no mar: e forão convertidos em Deoses marinhos.
- ATHENAS**, Cidade na Grecia, domicilio antiguamente de todas as doutrinas, aindaque hoje quasi de todo destruida.
- ATILA**, Rei dos Hunnos, e de Dacia, chamado açoute de Deos.
- ATLANTE**, filho de Japeto, e Clymene, ou Asia Nympa, e irmão de Prometheo, foi Rei de Mauritania, Provincia de Africa, do qual se diz que tem o Mundo em os hombros. Este, avisado do Oraculo que se precatasse de hum filho de Jupiter, não dava hospicio a pessoa alguma, o que soffrendo mal Perseo, filho de Jupiter, lhe mostrou a cabeça de Medusa, e logo foi convertido em hum monte de seu nome, o qual he na Mauritania, onde reinou, e hoje se chama Carena, tão alto, que seu cume nunca se mostra descoberto de nuvens.
- ATROPOS**, huma das tres Parcas. Vê Parcas.
- AUGUSTO**, significa venerando, e sagrado, com alguma cerimonia: donde veio, que todos os successores

de Cesar em o Imperio até estes tempos, são chamados Augustos; e o de quem o Poeta faz menção foi Octaviano.

AUREA CHERSONESO, he Malaca.

AURORA, filha do Sol, e da Terra, mulher de Titam, e mãe de Memnon, Rei de Ethiopia. He propriamente aquella claridade, que no Ceo apparece antes que o Sol saia. E neste Poema havemos de entender por reinos, terras, ou portos da Aurora, a India, por estar no Oriente.

AUSONIA, foi antiguamente parte de Italia, hoje se toma por toda a Italia.

AUSTRO, vento da parte do Sul, chamado vulgarmente Vendaval.

AVAS, Povos do Oriente, sujeitos ao Rei de Sião.

AXIO, rio, chamado hoje Brade, ou Varadi, o qual atravessa Macedonia.

AZENEGUES, Povos de Africa, dos quaes se começa a terra de Guiné: he terra muito falta de agua, e mantimentos.

## B.

BABEL, em vez de Babylonia.

BABYLONIA, Cidade dita a grande, onde foi a grande torre de Nembroth, pela qual forão divididas as linguas. Edificou-a, segundo alguns, Semiramis Rainha de Egypto, com tão admiraveis edificios, que com razão foi contada entre as sete maravilhas do Mundo. Passa-lhe pelo meio o rio Euphrates, e antiguamente foi dita Memphis.

BAÇAIM, Lugar entre Chaul, e Dio, em cuja Fortaleza havia 400 peças de artilheria, quando o grande Nuno da Cunha a tomou no anno de 1533.

- BACANOR**, Lugar da India, na costa do Malabar, em cujo porto Lopo Vaz de Sampaio destruiu huma grande armada d'ElRei de Calecut.
- BACCHO**, filho de Jupiter, e de Semele: foi o primeiro que achou o uso do vinho, do qual os antigos o fingirão Deos.
- BACTRO**, rio na Região Bactriana de Asia, o qual nasce no monte Tauro, e querem alguns que hoje se chame Bachara.
- BADAJOZ**, Cidade da Estremadura espanhola, fronteira a Elvas.
- BALDUINO**, hum esforçado Cavalleiro no tempo de Carlos II, Imperador dos Romanos, a quem furtou huma filha, por nome Juditta; e o Imperador não sómente dissimulou a afronta, mas com ella lhe deu a terra de Flandres, que naquelle tempo era deserta, e elle a aproveitou, e povoou.
- BANDA**, são cinco ilhas d'este nome, habitadas de Mourós, e Gentios, entre Jaoa, e Maluco, em as quaes ha muita noz moscada, cujas arvores são como o loureiro.
- BARBARIA**, terra de Africa, onde antigamente foi Rei Anteo, hum dos filhos da Terra.
- BARBORA**, lugar em Africa, muito abundante, em o qual o Capitão Antonio de Saldanha queimou muitas náos a Mouros.
- BAREM**, huma Ilha de Ormuz, onde se pesca o aljofar.
- BATICALA**, Fortaleza na costa do Malabar, algumas 30 leguas de Goa.
- READALA**, cidade junto ao Comori, destruida por Martin Affenso de Sousa, Capitão môr do mar da India, em tempo do Governador Nuno da Cunha.

BEATRIZ , foi filha d'ElRei Dom Fernando de Portugal , casada com ElRei Dom João de Castella.

BEJA , Cidade de Portugal , na Provincia de Alentejo.

BELÉM , acerca do nosso Poeta he a casa de Nossa Senhora de Belém , a que deu principio o Infante Dom Henrique , ennobrecida depois por ElRei Dom Manoel , sita no Lugar chamado antigualmente Restello , donde partem neste Reino todas as armadas para fóra.

BELIZARIO , valerosissimo Capitão de Justiniano Imperador , o qual houve grandes victórias em Persia , e em Italia , e pagou-lhe Justiniano com o prender , e desterrar.

BELLONA , Deosa das batalhas , irmã e cocheira de Marte.

BENGALA , Reino Oriental , abundante , e rico ; pelo meio do qual passa o rio Ganges.

BENJAMIN , Tribu entre os Hebreos , a qual por forcarem huma mulher da Tribu de Levi , acabou de todo , e a terra foi assolada.

BENOMOTAPA , ou Menomotapa , he o mesmo que entre nós Imperador , he o nome do Senhor do grande Reino de Sofala.

BETIS , he o mesmo que Guadalquivir , rio de Hespanha.

BIBLIS , fonte de Mesopotamia , em a qual foi convertida Bibli , filha de Mileto , a qual amava muito ao irmão Cauno , de quem não era amada.

BINTÃO , Reino da India.

BIPUR , Lugar na costa do Malabar.

BISCAINHO , o natural de Biscaia , Provincia de Hespanha , abundantissima de ferro.

- BOHEMIOS**, são os de Bohemia, Provincia da Europa, a qual fez Reino o Imperador Frederico.
- BOLONHEZ**: este Conde de que o Poeta faz menção foi Dom Affonso, irmão d'ElRei Dom Sancho de Portugal.
- BOOTES**, constellação celeste septentrional, e se toma pelas partes do Norte.
- BOREAS**, he o vento que commumente chamão Nordeste, e assim pelas partes Boreaes entenderemos as do Norte.
- BORNEO**, Ilha muito grande, e muito fertil, e abundante de todas as cousas, principalmente de canfora.
- BRACHMANES**: assim chamão os Malabares aos seus Religiosos, os quaes seguem a seita do Philosopho Pythagoras.
- BRAMA's**, Nação sujeita ao Rei de Sião.
- BRASIL**, Provincia na America, chamada por outro nome Santa Cruz, o qual lhe deo Pedralves Cabral, que a descobrio no anno de 1500.
- BRAVA**, Cidade na costa de Melinde.
- BRETANHA**, he Inglaterra.
- BRIAREO**, Gigante célebre, filho da Terra, do qual dizem, tinha cincoenta corpos, e cem braços.
- BRIGO**, segundo alguns, Rei de Hespanha.
- BRUSSIOS**, ou BORUSSIOS, Povos de Brussia, Provincia de Sarmacia.
- BUSIRIS**, foi hum grande tyranno de Egypto, o qual sacrificava os hospedes a seus Idolos.
- BYZANCIO**, he Constantinopla, Côte agora do grão Turco.

## C.

CADMO, filho de Agenor, Rei de Phenicia, o qual indo por mandado de seu pai buscar a Europa sua irmã, que Jupiter havia furtado, como a não achasse, nem se atrevesse tornar a seu pai sem ella, fundou em Beocia a Cidade de Thebas; e como seus companheiros fossem já todos mortos por huma grande serpente, que sahio de huma fonte, onde havião ido por agua, Cadmo em vingança delles a matou, e semeando seus dentes nascêrão delles homens armados; os quaes pelejando entre si, se matárão; excepto cinco, com que edificou a Cidade.

CAIRO, grandissima e admiravel Cidade, edificada no coração de Egypto, a qual dizem tem de circuito 22 milhas, sem comprehender muitos e grandissimos arrabaldes. He terra de grande trato, e commercio de toda Asia, Africa, e Europa.

CALATRAVA, o Mestre de que o Poeta faz menção.

CALAYATE, Lugar de Socotorá para Ormuz.

CALECUT, Cidade do Malabar, e a mais rica de toda a India; da qual se chama Calecut toda a terra de Malabar.

CALISTO, filha de Lycaon, Rei de Arcadia, mudada em Ursa por Juno, e depois em estrella por Jupiter, a qual se toma pelo Norte.

CALLIOPE, huma das nove Musas, e a principal; e assi invocada dos Poetas nos versos heroicos.

CALPE, hum monte de Gibraltar, chamado Herculano do Poeta, por se dizer huma das columnas de Hercules.

CALYPSO, filha de Thetys, e Oceano, grande esper-

- diçada de Ulysses, o qual a não largára nunca, se Jupiter, a requerimento de Pallas, o não obrigára.
- CAMBAIA, Reino muito rico, e abastado, pelo qual entra o rio Indo.
- CAMBALO, he huma pequena Ilha junto a Cochim, onde Duarte Pacheco desbaratou tres vezes ao Samorim.
- CAMBOJA, Reino maritimo, sujeito ao Reino de Sião, pelo qual passa hum grandissimo rio, chamado Mecom, que quer dizer Capitão das aguas, cujo nascimento he na China.
- CAMENAS, nome das Musas.
- CAMPASPE, huma das principaes concubinas de Alexandre Magno, o qual mandando-a retratar por Apelles, vio-o ao pintar tão namorado, que lha deo por mulher.
- CANACE, filha de Eolo, Rei dos ventos, a qual secretamente concebeo, e pario de Macareo seu irmão: e entendendo isto seu pai, mandou deitar os meninos aos cães, para que os despedaçassem: e tomando Canace huma espada n'humã mão, e a penna n'outra, escreveo a seu irmão aquella carta, que Ovidio refere entre as Heroidas.
- CANANOR, Reino da India, na costa de Malabar.
- CANARA, são os moradores do Reino Bisnagá.
- CANAREAS, são doze Ilhas no Oceano, as quaes os Escriptores antigos chamavão Afortunadas.
- CANCRO, Signo celeste.
- CANDACE, Rainha de Ethiopia, no tempo de Augusto; de tão grande animo, e de tal merecimento entre os seus, que dalli por diante todas as Rainhas de Ethiopia forão chamadas Candaces.

- CANNAS, Lugar de Apulia, junto ao qual Annibal desbaratou os Consules Paulo Emilio, e Terencio Varrão, com morte de 40,000 Romanos; e foi tão grande o numero dos Cavalleiros mortos, que se tomárão tres alqueires de anneis, os quaes só a gente nobre podia trazer.
- CANUSIO, Lugar de Apulia, visinho de Cannas.
- CAPPADOCES, os moradores de Cappadocia, parte de Natolia, que hoje chamamos Turquia.
- CARLOS, de dous faz o Poeta menção. O primeiro chamado Magno, Rei de França, e Imperador Christianissimo, filho de Pipino, e de Berta, filha de Heraclio Imperador de Constantinopla. O segundo foi Carlos segundo, Imperador dos Romanos, pai de Juditta, que casou com Balduino. Vide Balduino.
- CARMANIA, Região da India.
- CARPELLA, he o cabo Jasque, fóra da garganta do estreito Persico.
- CARTHAGO, Cidade celebre de Africa, infesta aos Romanos, e em fim, vencida: da qual era natural e Rei hum dos musicos que o Poeta diz; he a saber, Iopas, hum dos competidores da Rainha Dido.
- CASPIA SERRA, Caspios montes, e Caspios aposentos, tudo vem a ser huma mesma cousa, e finalmente huma Região de Scythia.
- CASSIOPEA, ou CASSIOPE, mulher de Cepheo, Rei de Ethiopia, a qual (contão) se quiz preferir em formosura ás Nymphas; pelo que ellas indignadas atárão sua filha Andrómada a hum penhasco, para que huma besta marinha a comesse; mas Perseo a livrou, e casou com ella; e Cassiopéa,

pelos merecimentos do genro , foi trasladada ao Ceo , e agora he huma imagem , ou constellação delle.

CASSIO SCEVA , Capitão de huma companhia de Cesar , o qual estando á porta de hum Lugar de Macedonia , foi comettido por muitos inimigos , e tendo já hum olho quebrado , muito mal ferida huma coxa , e o braço , e o escudo despedaçado , com muitas feridas por todo o corpo , nunca se quiz render.

CASTELBRANCO , foi Dom Pedro de Castelbranco , Capitão de Ormuz , em cujos mares houve grandes victórias dos Turcos.

CASTELLA , são duas Provincias de Hespanha , com este nome , e dividindo-se com huma montanha , que começa nos confins de Navarra , e atravessa quasi toda Hespanha até o mar : se distingue tambem com os nomes de Velha , e Nova. Da Nova he a cabeça Toledo , e da Velha Burgos.

CASTRO , foi Dom João de Castro , Vice-Rei da India , o qual teve muitas victórias contra ElRei de Cambaia , e contra o Hidalção , e fez outras muitas cousas dignas de memória.

CATHARINA , Virgem , e Martyr , sepultada no monte Sinai.

CATILINA , Lucio Sergio Catilina , Consul Romano , o qual determinou , com outros de sua parcialidade , apoderar-se de Roma.

CAUCHICHINA , he Reino Oriental junto a Cambaia , ao qual os naturaes chamão Cacho.

CAUDINAS FORCAS , aquellas , por onde os Samnites , Povos de huma Região de Italia , obrigárão passar sem armas aos Romanos , capitaneados pelo Consul

Sp. Posthumo ; affronta de que os Romanos se vingarão bem.

CEILÃO , Ilha que está para o Sul do Cabo de Comori : chamava-se antigamente Taprobana.

CEPHISIO , flor , he o lirio , em que Narciso , filho da Nympha Liriope , e do rio Cephiso , foi convertido.

CEZIMBRA , lugar maritimo de Portugal.

CHAUL , Cidade no Reino Adecão , que corruptamente chamamos Daquem , distante da Cidade de Dio 50 leguas.

CHERSONESO AUREA , he Malaca , cabeça de todo o Reino assi chamado , cujo porto he muito bom , e frequentado de todas as Nações do Mundo , por ser muito abundante de todas as cousas.

CHIAMAI , lago donde nasce o Rio Menão , que fende de alto abaixo todo o Reino de Sião.

CHIMERA , monte de Lycia , o qual lança fogo pelo mais alto , e no tempo passado era muito povoado de leões , cabras montezes , serpes , e outros bichos venenosos ; donde os Antigos fingirão ser hum monstro de tres cabeças , de leão , cabra , e dragão , por cujas bocas sahia muito fogo.

CHINA , Imperio grande , e rico do Oriente , dividido em 15 Provincias , em as quaes se contém 245 Cidades notaveis , além de outras Terras , Castellos , Villas , e Lugares infinitos.

CHLORIS : assi se chamava Flora , Rainha das flores , antes que se casasse com Zephyro.

CHRISTOVÃO (Dom) , entende da Gama , o qual indo por mandado de Dom Estevão da Gama , Governador da India , em favor do Preste João , contra ElRei de Zeilá , desbaratou duas vezes os Mouros com 500 Portuguezes que levava.

**CICERO**, he M. Tullio, filho de hum Tullio, e de Elbia sua mulher, Consul Romano, e per si assaz conhecido, e louvado.

**CICONES**, Povos de Thracia, os quaes tiveram muita guerra com Ulysses, depois da destruição de Troia.

**CILICIOS**, são os de Cilicia, que hoje se chama Carmania, Região da Asia menor.

**CINGAPURA**, he hum Cabo de terra, defronte da Ilha Samatra.

**CINTRA**, ou **SINTRA**, Lugar de Portugal, na costa do Oceano, a cuja serra chama Varrão monte Tagro, e outros, serra da Lua. Vide Sintra.

**CINYRAS**, Rei de Chypre, o qual de huma sua filha chamado Myrrha, teve Adonis, por onde o Poeta o chama filho e neto de Cinyras.

**CINYREA**, he Myrrha, filha de Cinyras, a qual foi convertida em huma arvore de seu nome.

**CIRCÉS**, são as feiticeiras, porque Circe filha do Sol, e de Perse Nymphea, o foi tão famosa, que com seus encantos e feitiçarias transformou (segundo conta a fabula) os companheiros de Ulysses em porcos.

**CLAUDINAS FORCAS**, vide Caudinas forcas, que de hum modo, e outro, se pôde lêr este lugar, alludindo a Claudio Pencio, Imperador dos Samnites, ou ao Lugar, chamado Cauda, onde foi o successo que o Poeta aponta, e atraz explicamos.

**CLEONEO LEÃO**, he o que Hercules matou junto a huma Aldêa chamada Cleoneo, entre Argos, e Corintho: e he o que por outro nome se chama Nemeo.

- CLICIE, Nympha, a quem Apollo foi muito afeiçoado.
- CLOTO, huma das tres Parcas.
- CLYMNE, filha de Thetys, e do Oceano, a qual foi mãe de Phaetonte, que he o Sol.
- COCHIM, Cabeça de hum Reino assi chamado, 30 leguas de Calecut, na costa do Malabar, com cujos Reis tiveram sempre os Portuguezes muita amisade.
- COCLES, foi Horacio Cocles, nobre Romano; o qual na guerra que Porsenna, Rei de Etruria, teve com os Romanos, pela restituição dos Tarquinos, sosteve o impeto dos inimigos com dous companheiros sómente, querendo passar a ponte Sublicia sobre o Tibre, com tanto esforço, que os Romanos tiveram lugar de derribar a ponte, e estando já seus companheiros em salvo, armado como estava, se lançou ao rio, e a nado passou sem perigo algum aos seus, pelo que os Romanos lhe levantárão huma estatua.
- COCYTO, rio do Inferno, significa choro.
- COBRO, Rei dos Athenienses, o qual por salvar sua patria, se entregou á morte.
- COELHO, he Nicoláo Coelho, Capitão de hum dos cinco navios, com que Vasco da Gama foi em descobrimento da India.
- COLCHOS, Região de Asia, que hoje se chama Mingrelia, sujeita ao Grão Khan, Senhor dos Tartaros, em a qual dizião estava hum vello de ouro, chamado commummente o Vellofino.
- COLOSSO, estatua de metal em Rhodes, dedicada ao Sol; a qual era de muito grande altura, e por este respeito tida por huma das sete maravilhas do Mundo.

- COLUMBO , Lugar pequeno , mas o principal porto da Ilha de Ceilão.
- COMORIM : he este Cabo defronte de Ceilão.
- CONCA , Cidade de Castella a Velha , donde nasce o rio Tejo.
- CONGO , Reino antiquissimo de Africa.
- CONSTANTINO : hum foi Constantino Magno , filho de Santa Helena , o qual fez Constantinopla Cabeça do Imperio : o outro foi por alcunha chamado Paleologo , o qual perdeu a Cidade de Constantinopla.
- CONSTANTINOPLA. Veja-se Byzancio.
- CORDOVA , Cidade clarissima de Hespanha Bethica , Cabeça do Reino do mesmo nome , e patria dos dous Senecas , e Lucano.
- CORI , he o mesmo que Comorim.
- CORIOLANO , Varão illustre Romano , a que Cicero em muitos lugares compára com Themistocles ; o qual sendo em humas dissensões lançado fóra de Roma , por vingar sua injuria , lhe fez depois muita guerra.
- CORVINO. Valerio Messala , Tribuno de soldados , sahindo a desafio com hum Francez , teve em sua ajuda hum corvo ; o qual pondo-se-lhe em cima do capacete , de quando em quando fazia dalli suas arremettidas contra o Francez , afferrando-lhe no rosto , e nos olhos , com que o Romano ficou vencedor , e dalli por diante com o appellido Corvino.
- COULÃO , terra da Provincia do Malabar.
- COULETE , outro Lugar na costa do Malabar , seis leguas de Calecut.
- CRANGANOR , terra da mesma Provincia.
- CRÓCODILO , animal grandissimo , da feição de lagarto.
- CUAMA , rio que nasce na alagôa do Nilo.

- CUNHA: hum he o grande Nuno da Cunha, e o outro Tristão da Cunha, o qual descobrio as Ilhas que hoje se chamão de seu nome.
- CUPIDO OU AMOR, filho de Marte e de Venus.
- CURCIO: este he Marco Curcio, tão affeçoado á sua patria, que não receou perder a vida por amor della.
- CUTIALE, nome de hum Mouro, que viera de Meca á India, e tendo cento e trinta vélas muito bem artilhadas, Lopo Vaz de Sampaio o desbaratou com onze sómente.
- CYBELE, mãe dos Deoses Gentilicos, e mulher de Saturno, á qual dedicavão o pinho: por quanto Atis, a que foi muito affeçoada, foi convertido em esta arvore.
- CYCLOPES, forão tres, Brontes, Steropes, e Pyracmon, filhos de Neptuno; os quaes fingem os poetas obreiros de Vulcano, ferreiro de Jupiter seu pai, em a Ilha Lipara, huma das Eolidas, que estão entre Italia, e Sicilia.
- CYLLENEO, he Mercurio, chamado assi de Cyllene, monte de Arcadia, onde nasceo, e era venerado.
- CYNIPHIO, rio de Africa.
- CYNOSURA, constellação celeste, chamada por outro nome Ursa maior.
- CYPARISSO, filho de Telepho, matando por desastre hum cervo, a que elle amava muito, ficou tão sentido, que Apollo, de quem foi muito amado tendo piedade delle o converteo em cypreste.
- CYPRIA, Deosa: he Venus, chamada assi de Cypro, onde era venerada.
- CYPRO, he a Ilha de Chypre, no mar Mediterraneo, sujeita ao Grão Turco.

CYRO, Rei dos Persas: veja-se Araspes, para entendimento do Poeta.

CYTHÉRA, Ilha no Peloponeso, chamada hoje Cetige, dedicada a Venus, a quem por essa razão chamão Cytheréa.

### D.

DABUL, Lugar de Cambaia, que Dom Francisco de Almeida, Viso-Rei da India, entrou á força de armas, e o destruiu, sem ficar pedra sobre pedra, nem pessoa viva.

DALMATAS, os de Dalmacia, que agora commumente se chama Esclavonia.

DAMÃO, Cidade no Guzarate, Reino da India.

DAMASCENO, de Damasco, em cujo campo Deos Nosso Senhor creou o primeiro homem.

DANO, he o morador de Dania, que agora chamamos Dinamarca.

DANUBIO, o maior e mais celebrado rio de toda Europa.

DAPHNE, Nympha, filha do rio Peneo, convertida em louro por causa de Apollo.

DARDANIA, assi se chamou Troia, de Dardano Rei della.

DARIO, Rei dos Persas.

DAVID, Rei sanctissimo, e Propheta, cheio de Espirito Santo: de quem disse Deos, que achára hum homem conforme o seu coração: com tudo, namorado de Bethsabé mulher de Urias seu Cavalleiro, veio a commetter hum adulterio, hum homicidio, e huma traição: de que depois arrependido cantou o Psalmo Miserere. Por filho de David entenderemos a Christo Senhor Nosso,

phrasede , e termo da lingua Hebraica , por ser da geração de David. Vide Saul.

DECANIS , são os do Reino do Hidalção , em o qual estão Chaul , Dabul , Goa , e outros muitos Lugares , conhecidos já por fama.

DECIOS , Romanos fortissimos , os quaes amárão tanto sua patria , que se sacrificárão por ella ; o pai na guerra Latina , o filho na Etrusca , e o neto em a guerra que Pyrrho fez pelos Tarentinos.

DEDALEA FACULDADE , obra e artificio de Dedalo , architecto famoso.

DELI , Reino muito grande no Oriente , e , ainda que hoje muito menor do que já foi.

DELIO , he o Sol , chamado assi da Ilha Delos , onde dizem que nasceo.

DELOS , Ilha no mar Egêo , ou Myrteo , aonde Latona pario a Apollo , e a Diana , e desde então ficou firme , sendo de antes instavel , e que andava vagando pelo mar : por outro nome se chama Ortygia.

DEMODOCO , Musico e tangedor excellentissimo da Ilha dos Pheaces , que he o que hoje chamamos Corfú , e outros Corcyra.

DIANA , filha de Jupiter , e Latona , Deosa de castidade , e da caça. He a mesma que Lua no Ceo , e Proserpina no Inferno , e assi a pintavão os Antigos com tres rostos.

DINA , filha de Jacob , a quem a furtou Sichem , filho de Hemor , por cuja causa foi morto , e todos os seus , e a terra destruida.

DINIS , he Dom Dinis , Rei de Portugal , filho d'ElRei D. Affonso o Terceiro.

DIO ou DIU , Cidade maritima , em o Reino de Cambaia , fertil , abundante , sadia , e de muito trato.

**DIAGO DIAS**, hum dos dous feitores que Vasco da Gama em Calecut mandou a terra para vender as fazendas, aos quaes João de Barros chama Alvaro Dias, e Diogo Correia; e Goes, Diogo Dias, e Alvaro de Braga.

**DIOMEDES**, Tyranno cruelissimo de Thracia, o qual sustentava os cavallos com a carne e sangue dos hospedes que agasalhava.

**DIONE**, mãe de Venus, e filha do Oceano, e de Thetys. Algumas vezes se toma pela mesma Venus.

**DITE**, irmão de Jupiter, e Neptuno, Deos dos Infernos (segundo os Poetas) chamado por outro nome Plutão.

**DOFAR**, Cidade insigne em a costa de Arabia Feliz, donde vem o melhor incenso.

**DORCADAS**, chamadas por outro nome Gorgonas, querem alguns que sejam as Ilhas de S. Thomé, e Principe, junto a Manicongo.

**DORIS**, Nympha do mar, filha do Oceano, e de Thetys, e mãe de todas as Nymphas marinhas. Toma-se algumas vezes pelo mesmo mar.

**DOURO**, o maior rio de Hespanha.

**DUARTE**, primeiro do nome, e undecimo Rei de Portugal: foi filho d'ElRei Dom João o Primeiro.

### E.

**EBORENSES CAMPOS**, os de Evora Cidade.

**EGAS**, foi Egas Muniz, aio d'ElRei Dom Affonso Henriques.

**EGÊO**, nome de hum Gigante, filho de Titano, e da Terra.

**EGYPCIA TERRA**, he o Egypto, Região junto de Africa, e parte de Asia; abundante pela inundaçào do

- rio Nilo , da qual era Rainha Cleópatra , famosa , mas pouco honesta.
- ELVAS , Cidade na arraia de Portugal , e Praça fronteira a Badajoz.
- ELYSIOS , os campos Elysios , onde os bemaventurados , depois de passar desta vida ( conforme a opinião dos Ethnicos ) hião descançar e gozar de perpetua felicidade : huns os põe nas partes de Andaluzia , e outros em Beocia , junto da Cidade de Thebas.
- EMATHIO , campo de Emathia , Região da Grecia , chamada por outro nome Thessalia , e Emonia , onde Pompeio foi vencido de Julio Cesar seu sogro.
- EMODIO , he hum esgalho do monte Tauro , o qual serve de termino pela parte do Norte , á terra a que chamamos India , e os naturaes e visinhos Indostan.
- ENCÉLADO , Gigante grandissimo , filho de Titano , e da Terra.
- ENÉAS , varão Troiano filho de Anchises , e da Deosa Venus , bem conhecido pelos versos de Virgilio.
- ENIOCOS , povos de Sarmacia Asiatica , que hoje chamamos Moscovia.
- EOLO , filho de Jupiter , e de Sergesta , Rei das Ilhas Eolias , dito Rei dos ventos , e das tempestades.
- Eoo , he o mesmo que do Oriente.
- EPHYRE , Nympha filha do Oceano , e de Thetys.
- EPICUREA SEITA , a de Epicuro Philosopho de Athenas , ou Samos , o qual tinha por opinião , que a nossa alma era mortal , e corruptivel ; e entre outros erros : dizia mais , que toda a felicidade

- da vida estava nos deleites della, e que não havia outro bem, mais que comer, e beber, e levar boa vida.
- EROSTRATO, hum louco, e perdido, o qual queimou o Templo de Diana em Epheso, só por adquirir fama immortal no mundo.
- ERYCINA, he Venus, assi chamada de Eryx, ou Eryce, monte de Sicilia, que hoje se diz de S. Julião, onde antiguamente era venerada.
- ERYMANTHO, Rio de Arcadia, que nasce de hum monte do mesmo nome, em o qual Hercules tomou hum javali, que destruia toda a terra, e o levou vivo a ElRei Eurisitheo, por cujo mandado foi aquella empreza, crendo que morresse nella.
- ERYTHEAS ONDAS, as do mar Roxo, pelo qual o Povo de Israel passou a pé enxuto, fugindo de Pharaó, que com toda sua gente se affogou nelle.
- ERYTHREO SEIO, aquelle espaço de mar que fica das portas do dito mar Roxo para dentro.
- ESCAN DINAVIA, he huma Peninsula, onde está o Reino de Suevia, e outros.
- ESPAÑIA. Vide Hespanha.
- ESTEVÃO, he Dom Estevão da Gama, o qual succedeo em o governo da India a Dom Garcia de Noronha, e a quem succedeo Martim Affonso de Sousa.
- ESTRABO, Philosopho Cretense, e Geographo insigne nos tempos de Augusto.
- ESTYGIO LAGO, o que os Poetas fingem haver no Inferno: o qual dizem haver sido tão venerado dos proprios Deoses, que quando juravão por elle, não ousavão quebrar o juramento.

ETHYOPIA , Região de Africa, entre Arabia, e Egypto.

ETNA , monte altissimo de Sicilia , chamado hoje Mongibello , o qual deita de si chammas de fogo.

EUPHRATES , Rio celebre de Asia, que corre por hum lado de Mesopotamia : he hum dos quatro Rios que nascem no Paraiso Terreal , como parece no Genesis , cap. 2.

EUROPA , huma das cinco partes da terra.

EURIDICE , mulher de Orpheo , musico , e tangedor excellentissimo , o qual com sua viola attrahia a si homens , pedras , arvores e outras cousas insensiveis , e fazia que os rios se delivesssem a ouvir sua musica.

EURYSTEO , Rei de Grecia ; o qual á instancia de Juno , mandava Hercules a varias emprezas , todas muito perigosas , a fim de que em alguma percesse.

EUXINO MAR , he o que hoje chamão Mar maior , onde está a grande Cidade de Constantinopla , pelo qual navegou a não Argo , da qual tratamos já em seu lugar.

EVORA , Cidade célebre de Portugal.

## F.

FALERNO , monte de Campania , em o qual se dão vinhos excellentissimos.

FARTAQUE , Cidade principal na costa de Arabia Feliz , em a qual ha hum Cabo do mesmo nome.

FAVONIO , vento Occidental , que por outro nome se diz Zéphiro , que quer dizer dador da vida , porque he brando , e amigo da natureza.

FERNANDO , e FERNÃO , he o mesmo quanto ao nome : porém quanto ás pessoas , hum delles foi ElRei

D. Fernando, filho d'ElRei D. Pedro. Outro ElRei

D. Fernando, filho d'ElRei D. João de Aragão.

Outro Fernando Martins, a quem Goes chama

Martim Affonso, e diz que era marinheiro, interprete de Vasco da Gama para a lingua Arabica. E

outro finalmente foi D. Fernando de Castro, irmão de D. Alvaro de Castro, Viso-Rei da India.

FLORA, tida entre os Antigos por Deosa das flores.

FRANCISCO, foi o Viso-Rei D. Francisco de Almeida.

FRANDES, Região da Belgica.

FUAS, D. Fuas Roupinho, Cavalleiro Portuguez, e esforçadissimo.

FULVIA, mulher de Marco Antonio.

### G.

GABELO, certo morador de Rages na Média, de que hindo Tobias por mandado de seu pai arrecadar hum pouco de dinheiro, e não se atrevendo hir sem companheiro, lhe appareceo o Archanjo São Raphael, e o acompanhou até o lugar onde hia.

GADITANO MAR, he o Occidental, dito assi de Gades, que he a Ilha de Cadis, sita no Poente.

GALATÉA, Nyimpha do Mar, filha de Nereo, e Doris, a qual foi muito amada do Gigante Polyphemo.

GALERNO, he o mesmo que Favonio vento, ou Zephyro.

GALLEGOS, povos de Hespanha.

GALLIA, he França.

GALLO, quer dizer Francez.

GAMBEA, rio de Africa, que alguns querem seja o Niger.

GANGES, rio da India, por outro nome Phison, hum dos quatro que nascem no Paraiso Terreal.

- GANGETICO , cousa do Ganges.
- GARUMNA , rio da França , o qual nasce nos montes Pyreneos , e entra no Oceano.
- GATE , monte do Reino de Narsinga , o qual serve aos Malabares de muro , contra os moradores de Bisnagá visinhos.
- GEDROSIA , Provincia de Africa , na costa de Guiné.
- GEORGIANOS , povos de Asia menor , sujeita hoje ao Turco.
- GERMANO , quer dizer Allemão.
- GERUM , he huma pequena Ilha , onde está situada a Cidade de Ormuz.
- GIDA' , a que outros chamão Judá , Cidade na costa de Arabia , e porto da Cidade de Meca.
- GIGANTEA , cousa de Gigante.
- GIGANTES , forão , segundo os Poetas , filhos de Titano , e da Terra , os quaes determinarão subir ao Ceo , e lançar a Jupiter fóra delle.
- GIL FERNANDES , por alcunha , ou sobrenome , de Elvas , foi falsamente preso por Paio Rodrigues Marinho , que era Alcaide mór de Campo Maior , o qual tinha a voz de Castella , mas resgatado se encontrou depois com elle , entre Elvas , e Campo Maior , onde Paio Rodrigues foi preso , e morto.
- GIRALDO , foi hum Cavalleiro Portuguez de muito esforço , e sem medo algum ; pelo que era chamado , sem pavor , em tempo d'ElRei D. Affonso Henriques , em cuja desgraça andava lançado com os Mouros ; e por se reconciliar com Deos , e com ElRei , deo traça com que Evora se tomasse aos Mouros.
- GLAPHYRA , por cujos ditos , chiste , e trovinhas , Marco Antonio deixava a sua mulher Fulvia.

- GNIDO**, ou **CNIDO**, Ilha do mar Carpathio.
- GOA**, Cidade Metropoli Archiepiscopal da India.
- GOFREDO** ou **GODIFREDO**, que communmente chamamos Godofre de Bulhão, foi filho de Eustachio, e de Ida, o qual ganhou a Corbana Persa a santa Cidade de Hierusalem, onde foi acclamado Rei, anno de 1098.
- GOLIATH**, he o Gigante Philisteo, a quem o santo David matou com huma funda.
- GONÇALO RIBEIRO**, chamava-se Gonçalo Rodrigues Ribeiro; o qual, com Vasco Anes, colação da Rainha Dona Maria de Castella, e Fernão Martins de Santarem, fizerão grandes cousas em França, onde passárão a ganhar fama, por sua cavallaria, como então se costumava; e vindo Gonçalo Rodrigues ter a Castella, matou em desafio a hum Castelhana, e em humas justas reaes, que ElRei de Castella fez á sua instancia, tiverão todos tres muitas vantagens.
- GONÇALO**: este foi o Beato Gonçalo da Sylveira, da Companhia de Jesus.
- GOTTHICA GENTE**, os Godos, povos de Scythia, espanto antiguamente de toda Italia, aonde fizerão grandes crueldades, seguindo a Attila seu Rei, e seu Capitão.
- GRANADA**, Reino de Hespanha, e huma Cidade assi chamada, na Província de Andaluzia.
- GRANADIL**, o de Granada.
- GRECIA**, Região de Europa, em todas as disciplinas antiguamente celeberrima, hoje parte sujeita ao Turco.
- GREGO SABIO**, he Ulysses, natural de Grecia.
- GUADALQUIVIR**, he o Betis rio, que passa por Sevilha.

GUADIANA , rio de Hespanha , que nasce junto à serra de Alcarraz ; e junto de hum Lugar que chamão Puebla de Alcaçar , se mete debaixo do chão , e vai sair dahi nove ou dez leguas.

GUARDAFU , o Cabo a que os Antigos chamão Aromata , no fim da terra de Africa , e principio de Asia.

GUEOS , povos sujeitos ao Rei de Sião.

GUIDO , cognominava-se Lusigniano , e foi ultimo Rei de Hierusalem.

GUZARATES , são os moradores do Reino de Cambaia , onde está Dio.

## H.

HARPIAS , forão tres : Elo , Ocypite , e Celeno , que tambem se chama Podarge , das quaes contão os Poetas , que quando Phineo , Rei de Thracia , por conselho de sua segunda mulher , tirou os olhos aos filhos da primeira , os Deoses enojados disso lhe vasárão os seus , e para maior tormento , tudo quando lhe punhão diante para comer lhe tiravão as Harpias , que erão humas aves muito çujas , e golosas.

HEBREA a Mãe , entende Emina mãe de Mafamede , cujo pai foi o gentio Abdelá.

HECTOR , hum foi Hector de Sylveira , que desbaratou a Halixa Capitão mór da Armada de Dio : e o outro , a quem o Poeta o compára , Hector Troiano , filho de Priamo Rei de Troia , e de Hecuba sua mulher , o qual por muitas vezes desbaratou os Gregos no cerco de Troia.

HELICON , monte de Beocia , não longe de Parnasso , dedicado a Apollo , e ás Musas.

**HELIOGABALO**, Imperador Romano, o mais vicioso, e affeminado homem, que houve no Mundo.

**HELLE**, filha de Athamante Rei de Thebas, e de Nepheles, a qual fugindo com seu irmão Phrixo, do odio e traições de sua madrasta Ino, e hindo para passar o Ponto em o carneiro de ouro que seu pai lhe dera, cahio no mar; o qual por esta occasião se ficou dalli chamando Hellesponto.

**HELLESPONTO**, he hum braço de mar, que divide Asia de Europa, chamado hoje o estreito de Galipoli, ou braço de S. Jorge.

**HEMISPHERIO**, quer dizer meia esphera, que significa redondeza; e assi chamão os Gregos ao Mundo, como os Latinos, Orbe.

**HEMO**, monte de Thracia altissimo, em o qual se diz estar o domicilio de Marte: hoje toda esta terra he sujeita ao Turco.

**HENRIQUE**. O primeiro de que o Poeta faz menção, foi o Conde Dom Henrique, pai d'ElRei Dom Affonso Henriques, primeiro de Portugal. O segundo, o Infante Dom Henrique, filho terceiro d'ElRei Dom João o primeiro, com que se achou na tomada de Ceita, e foi primeiro que entrou as portas della, como o Poeta adiante diz no Canto VIII estancia 37. O terceiro, foi hum Cavalleiro Allemão, o qual morreo na Cidade de Lisboa, quando foi tomada aos Mouros: ao longo de sua sepultura se conta que nasceo huma palmeira, com a qual, pela virtude deste santo Varão, se obravão muitas maravilhas. E o quarto, Dom Henrique de Menezes, por alcunha o roxo, que succedeo no governo da India a Dom Vasco da Gama, e foi muito virtuoso, e esforçado Cavalleiro.

HERCULES, filho de Jupiter, e de Alcmena, do qual se escrevem grandes feitos, e se contão principalmente doze trabalhos; dos quaes se explicão alguns, por diversos lugares deste Indice, onde convem para entender os do Poeta.

HERCYNIA MONTANHA, dizem ser hum bosque muito grande, e muito espesso, entre o qual, e a terra de Sarmacia, está Allemanha.

HERMO, rio de Lydia, que divide a Eolia da Ionia, com o qual se mistura o Pactolo: ambos levão aréas de ouro.

HEROAS, e HEROES, chamavão os Antigos aos Varões illustres, e de grande valor, que por suas façanhas, e virtudes, merecêrão ser tidos por iguaes aos Deoses; e de ahi, cousa heroica.

HESPAÑHA OU ESPANHA, por outro nome dita Hesperia, Provincia de Europa, bem conhecida.

HESPERIA: a ultima, ou menor, he Hespanha; a primeira, ou maior, Italia.

HESPERIDES, forão tres, Egle, Arethusa, e Hesperethusa, filhas de Hespero Rei de Africa, as quaes se diz tinham hum pomar que dava frutos de ouro, e era guardado por hum dragão, que nunca dormia; mas Hercules o matou e levou os ditos pomos. Habitavão as Hesperides em humas Ilhas, que de seu nome, ou de Hespero seu pai, se chamavão Hesperides, e conforme a opinião de alguns, são as que hoje dizemos do Cabo Verde.

HESPERIO, he o mesmo que Hespero.

HIDALCÃO, Principe poderosissimo da India, em o Reino Decan, onde está a Cidade de Goa, a quem o dito Hidalcão cercou no anno de 1572 com

- 7000 infantes, 3500 cavallos, 200 elephantes, e 250 peças de artilheria, sem lhe aproveitar nada.
- HIEROSOLYMA**, Cidade de Hierusalem.
- HIERUSALEM**, Cidade principal, não só de Judéa, mas de todo o Mundo, e onde foi obrado o mysterio principal de nossa Redempção.
- HIPPOCRENE**, fonte de Beocia, nascida, como os Poetas dizem, da ferida que o cavallo Pégaso alli fez com o pé; a qual he dedicada ás Musas.
- HIPPOTADES**, he Eolo Rei dos ventos: por ser casado com Sergesta, filha de Hippotas Troiano.
- HOMERO**, Poeta Grego, e Principe dos Poetas: depois de morto, contendêrão muitas Cidades de Grecia sobre qual dellas era sua verdadeira Patria.
- HORIZONTE**, no sentido do Poeta he aquella parte do Ceo onde o Sol começa a mostrar seus raios.
- HUNNO**, o Hunno fero, foi Attila.
- HYACINTHINAS FLORES**, de Hyacintho, mancebo amado de Apollo, o qual se matou a si mesmo; e não podendo Apollo remediar sua morte, o converteo em huma flor, com as letras A. I. que vem a dizer ai, em lembrança do que Hyacintho deo quando cahio morto.
- HYDASPE**, ou **IDASPE**, rio da India, celebrado por sua grandeza.
- HYMENEO**, filho do Deos Baccho, e da Deosa Venus, honrado por Deos das bodas, entre os Ethnicos, e assi se toma pelas mesmas bodas, e casamentos.
- HYPERBOREOS MONTES**, são huns que ficão na parte Septentrional de Europa.
- HYPERIONIO**, he o mesmo Sol, do qual se finge, que depois de ter dado luz neste Hemispherio, se recolhe ao mar, e com Thetys senhora delle, passa a noite, descansando do trabalho do dia.

## I.

IBERO, he o Ebro, rio de Hespanha; e assi terras Iberinas, terras de Hespanha.

IDALIO, monte, bosque, e castello na Ilha de Chypre, dedicada a Venus.

IDASPE, vê Hydaspe.

IDÉA SELVA, huma do monte Ida, junto a Troia em a qual deo Páris o juizo das tres Deosas, Juno, Pallas, e Venus.

IGNEZ, foi Dona Ignez de Castro, Senhora muito affamada, cuja historia com ElRei Dom Pedro he mui sabida.

ILLYRICOS, de Illyrico, ou Illyris, Região na costa de mar Adriatico.

INDIA, fica entre o Meio-dia, e o Oriente, Região saluberrima, e bem conhecida.

INDO, hum dos maiores rios do Mundo, que rega, e dá nome á India.

INGLATERRA, Ilha no Oceano bem conhecida, cujos Reis, entre outros titulos, tem o de Hierusalem.

IOPAS, hum grande musico de Africa, e tangedor excellentissimo.

IOS, ou CHIOS, Ilha no mar Mirtoo, em a qual dizem estar sepultado o Poeta Homero.

ISMAEL, filho de Abrão, e de Agar escrava sua, do qual os Mouros são chamados Ismaelitas.

ISMAR, hum dos cinco Reis Mouros, a quem ElRei Dom Affonso Henriques venceu no campo de Ourique.

ISRAEL, nome que o Anjo poz a Jacob.

ISTRO, Rio grandissimo de Europa, o qual por outro nome se diz Danubio.

ITALIA , nobilissima Região de Europa.

ITHACO , he Ulysses , chamado assi de Ithaca sua patria , Ilha do mar Egeo , muito montuosa , e de pouco valor.

### J.

JANO , Rei antiquissimo de Italia , ao qual pintavão com dous rostos.

JAOS , gente de Jaoa , Provincia do Oriente.

JAPÃO , Ilha do Oriente , que dizem terá 600 leguas de comprido , e 300 de largo , sujeita toda a hum só Rei.

JAPETO , Gigante , filho de Titanoe da Terra , e pai de Prometheo , do qual contão os Poetas , que fazia homens de barro , com tanto engenho , que parecião vivos ; e vendo a caso Minerva a sua obra , lhe deo ajuda para subir ao Ceo , donde trouxe fogo , que tirou do carro do Sol , com que deo vida aos homens , que de barro fazia ; e daqui vem que alguns hoje presumem ser filhos do mesmo Sol. Mas querendo Jupiter castigar este atrevimento , o mandou amarrar no monte Caucasos com huma aguia , a qual de continuo estivesse comendo-lhe as entranhas.

JAQUETE , Lugar do Reino de Cambaia , ao longo da costa , junto ao qual faz o mar huma enseada muito metida pela terra dentro , em a qual o mar enche e vasa com tanta pressa , que transforma todo o navio , que não acha com a prôa para a corrente da agua.

JASQUE , hum Cabo nas partes da India , chamado antiguamente Carpella , cujo sertão he muito estéril , e foi dito Carmania.

JOÃO , ou JOANNE : hum foi ElRei Dom João o primeiro , chamado de boa memória , filho d'ElRei Dom Pedro : o outro foi ElRei Dom João o Segundo , filho d'ElRei D. Affonso Quinto : e o ultimo ElRei Dom João o Terceiro , filho d'ElRei Dom Manoel : e todos tres forão muito valerosos.

JORDÃO RIO , que nasce ao pé do monte Libano , e o primeiro do Mundo pelas maravilhas que nelle forão feitas , e por haver sido baptisado nelle Christo Nosso Salvador , por S. João Baptista. A agua deste rio , escreve o Senhor de Vallemont, Francez , em o livro que fez de suas viagens , que não se corrompe , nem se gasta jámais : o que experimentou por huma redoma , que cheia della trouxe desde Hierusalem até Veneza , distante mais de 700 leguas huma da outra , segundo o caminho que fez.

JUBA , Rei antigo de Mauritania.

JUDAICO REI , entende Ezechias , o qual estando já sentenciado por Deos á morte , foi milagrosamente por suas lagrimas remediado.

JUDÉA , Região de Syria na Asia maior , a qual he parte de Palestina , chamada na Escriptura terra de Promissão , em a qual está a Cidade santa de Hierusalem ; e he toda sujeita ao Turco.

JEDITTA , vê Balduino.

JULIANA MANHA , a que o Conde Julião teve para perder Hespanha , metendo por Ceita os Mouros nella.

JUNO , filha de Saturno , e de Opis , irmã , e mulher de Jupiter , Deosa dos Reinos , e riquezas , a qual se diz presidir tambem nos casamentos , e

partos, por cuja causa a chamárão Pronuba, e Lucina.

JUPITER, filha de Opis, e de Saturno, nascido de hum parto com Juno, ao qual os antigos veneravão pelo maior de todos os Deoses.

## L.

LACTEA VIA, ou LACTEO CAMINHO, he o que chamamos commummente caminho de Sanct-Iago.

LAGEIA, he Cleopatra, Rainha de Egypto.

LAMO, Cidade na Costa de Melinde.

LAMPECIA, irmã de Phaetonte, filho do Sol.

LAMPETHUSA, outra irmã do mesmo Phaetonte, a qual com suas irmãs fizeram tão grande pranto pela cahida de seu irmão Phaetonte, que movidos os Deoses a piedade as convertêrão em álamos.

LAOS, povos sujeitos ao Rei de Sião.

LAPPIA, Provincia de Europa Septentrional.

LABA, Cidade da Persia, nos confins de Ormuz.

LARISSEA, entende-se Coronis Nympha, filha de Leucippo, chamada por outro nome Arsinoe, a quem matou Apollo pelo adulterio que contra elle commetteo.

LATONA, mãe de Apollo, que he o Sol, e de Diana, que he a Lua.

LEAO, Reino de Hespanha, sujeito á Corôa de Castella.

LEIRIA, Cidade de Portugal.

LEOA, serra asperrima na costa de Africa.

LEONARDO, chamava-se Leonardo Ribeiro, soldado de Vasco da Gama, o qual, dizem, era muito gracioso, e namorado.

LEONOR, foi Dona Leonor Telles de Menezes, mulher

de João Lourenço da Cunha, a quem ElRei D. Fernando a tomou, e se casou com ella.

LEPIDO, foi Marco Lepido, o qual com Cesar Octaviano, e Marco Antonio, sendo Consules, e inimigos capitaes, vierão a dividir o Imperio Romano, que juntos governarão doze annos, e fizerão huma liga, e concerto, em que cada hum delles entregasse seus inimigos: e assi Marco Antonio entregou a Lucio Antonio seu tio, irmão de seu pai: Marco Lepido, a Paulo seu irmão: Cesar Octaviano a Marco Tullio Cicero, a quem sempre chamára pai, e de quem fôra sempre tratado como filho.

LEUCATE, promontorio no Epiro, que hoje se chama Albania, e perto de outro Cabo chamado Accio, entre os quaes foi aquella memoravel batalha entre Octaviano Augusto, e Marco Antonio, em a qual Marco Antonio, e Cleopatra Rainha do Egypto, forão desbaratados.

LEUCOTHOE, Nympha, filha de Orchamo, Rei de Babilonia, pela qual Apollo fez muitos extremos, que não custarão menos que a vida a sua amada. E assi Apollo a converteo depois em a arvore que dá o incenso.

LEVANTE, he onde o Sol nasce.

LIBITINA, Deosa dos Sepulcros, e se toma pela mesma Morte, segundo Raviso Textor.

LIBYA, he o mesmo que Africa, terceira parte da terra, dita assi de Libya, filha de Epapho, e mãe de Busiris.

LIPUSCUA, ou GUIPUZCOA, Provincia de Biscaia.

LISBOA, celeberrimo Emporio de Portugal, e Cabeça de todo elle.

- LIVONIOS, povos de huma Provincia de Sarmacia, chamada agora Livonia.
- LONDRES, Cidade antiquissima de Inglaterra, e cabeça de todo o Reino.
- LOTHARINGIA, Provincia de Europa, a qual antigamente se dizia a Austria, e Austrasia.
- LOTO, arvore, em que foi convertida huma Nympha deste nome: cujo fructo he tão saboroso, segundo os Poetas, que dizem que os que comem delle se esquecem de suas terras, mulheres, e filhos, como succedeo aos companheiros de Ulysses.
- LOURENÇO: este he Dom Lourenço de Almeida, o qual defronte de Cananor, com onze vélas, em que hião sómente 800 homens, desbaratou huma armada do Samori, composta de 80 náos grossas, e 170 menores, em que havia gente sem conta.
- LOURENÇO (S.), Ilha famosa na costa da Ethiopia, a que os da terra chamão Madagascar. Ha nella diferentes Reis, huns Mouros, outros Gentios.
- LUIS, foi nono do nome em França, e dos Reis 45, filho de Luis oitavo, canonizado por Santo na Igreja de Deos, pelo Papa Bonifacio VIII, anno de 1197.
- LUSIADAS, o mesmo que Lusitanos, Portuguezes.
- LUSITANIA, he Portugal.
- LUSO, ou LYSO, companheiro, ou filho de Baccho; de cujo nome Portugal se disse Lusitania.
- LYCIA, Região da Asia menor, celebre pelo Oraculo de Apollo: cujos moradores, dizem os Poetas, forão convertidos em rans, por negarem agua a Latona, passando por alli, em tempo de grande calma, apertada da sede.
- LYEO, hum dos nomes que os Poetas dão a Baccho,

que os antigos tinham por inventor do vinho ,  
havendo-o sido o Patriarcha Noé.

LYNCES , animaes que tem a vista muito aguda.

## M.

MACEDONIA , Provincia de Europa , dita assi de Macedon filho de Osiris , célebre pelos dous Reis Philippe , e Alexandro. Tambem se disse Emathia , e agora Turquesia.

MAÇUA' , Cidade posta em huma Ilha do mesmo nome na costa de Africa.

MADAGASCAR , he a Ilha de S. Lourenço , de que atraz fica dito.

MAFOMA , OU MAFAMEDE , Arabe , Inventor e Principe da seita Mahometana. O qual dizem os Mouros proceder de Abrahão , e de Agar sua escrava ; foi filho de Abdelá Gentio , e de Emina , Hebreia de Nação.

MAFRA , Villa no termo de Cintra.

MAJALHÃES , foi Fernão de Magalhães Portuguez : o qual aggravado d'ElRei Dom Manoel , se passou a Castella , donde partio com cinco vélas para as Ilhas de Maluco , em cuja viagem descobrio o Estreito , que de seu nome se chama de Magalhães.

MAGOS : em a lingua de Persia , Mago he o mesmo que na Grega Philosopho , e na nossa Sabio. Commummente se toma por qualquer feiticeiro , e assi

MAGICA SCIENCIA , a feitiçaria.

MAGRIÇO : assi se chamava de alcunha Alvaro Gonçalves Coutinho , filho do Marechal Gonçalo Vasques Coutinho , e irmão de Dom Vasco Coutinho , pri-

- meiro Conde de Marialva. O qual foi hum dos doze Portuguezes, que passarão a Inglaterra, em favor das doze Damas, cuja historia com tanta elegancia o Poeta conta.
- MAHOMETA**, cousa de Mouros, os quaes se chamão Mahometanos.
- MALACA**, Cidade nobilissima do Oriente, chamada Aurea, assi pelo muito ouro que nella ha, como por sua formosura, e abundancia de todas as boas cousas do Mundo. Diz-se por outro nome Chersoneso.
- MALAIOS**, os moradores e povos de Malaca.
- MALAVAR**, Reino do Oriente, onde está situada a Cidade de Calecut.
- MALDIVA**, huma das Ilhas deste nome, e principal de todas ellas, sitas defronte da costa da India: debaixo da agua tem arvores que dão o coco, que chamamos de Maldiva.
- MALUCO**, são cinco Ilhas deste nome, em as quaes se dá o cravo.
- MANDINGA**, Provincia grandissima de Negros, em a costa de Africa, a qual he muito abundante de ouro.
- MANOEL**, foi ElRei D<sup>o</sup>m Manoel, primeiro do nome, e 15. dos Reis de Portugal, e filho do Infante D<sup>o</sup>m Fernando, em cujo felicissimo Reinado se descobrio e conquistou a India.
- MARATHONIOS CAMPOS**, estão na Região Attica de Grecia, em os quaes Milciades, valerosissimo Capitão dos Athenienses, desbaratou a Date, Capitão de Dario Rei dos Persas.
- MARCELLO**, he Marcó Marcello, Capitão Romano valerosissimo, o primeiro que venceu a Anibal, Capitão dos Carthaginenses.

- MARCIO JOGO, he a guerra de Marte, a quem os Antigos tinham por Deos della.
- MARCOMANOS, povos de Allemanha, chamados hoje Moravos.
- MARIA, foi a Rainha Dona Maria, filha d'ElRei Dom Affonso, o quarto do nome em Portugal, a qual foi casada com ElRei Dom Affonso, segundo do nome em Castella.
- MARIO, Capitão valeroso entre os Romanos, mas tão cruel, e inhumano, que se matou com suas proprias mãos.
- MARROCOS, Cidade de Barbaria, e cabeça de hum Reino assi chamado.
- MARTE, filho de Jupiter, e de Juno, a que os antigos tinham por Deos da guerra, e de ordinario se toma pela mesma guerra.
- MARTIM LOPES, foi hum Fidalgo Portuguez muito esforçado, o qual na entrada que em Portugal fez Dom Pedro Fernandes de Castro, pessoa principal de Castella, o qual por amor dos Condes de Lara se havia lançado com os Mouros, e chegou a tomar Abrantes, com pouca gente o desbaratou, e prendeo.
- MARTINHO, foi este Martim Affonso de Sousa, excellentissimo Capitão, e sabio Governador na India a quem succedeo Dom João de Castro, semelhante ao succedido.
- MASCARENHAS : de dous faz o Poeta menção. Hum foi Pedro Mascarenhas Capitão de Malaca, que por segunda via succedia a Dom Henrique de Menezes em o governo da India, mas por estar ausente, lhe não foi possível. Este Fidalgo foi muito valeroso, e tomou a Ilha Bintão, sujeita aos Reis de Malaca, sendo que havia nella 300 peças de artilheria, e outros

com muitos petrechos, e invenções de guerra, além de huma armada d'ElRei de Pam. O outro, Dom João de Mascarenhas, Capitão de Dio, no tempo de Dom João de Castro, o qual defendeo aquella fortaleza de mais de 30 mil homens, com menos de 600 Portuguezes, por espaço de seis mezes, até que foi soccorrido, com que depois ganhou huma grande victoria em batalha campal.

**MASCATE**, lugar, que está de Socotorá para Ormuz.

**MASSYLIA**, he a que por outro nome chamamos Mauritania, e commummente Barbaria.

**MATTHEUS** (Dom), Bispo de Lisboa, dando batalha a quatro Reis Mouros, a saber, ao de Cordova, ao de Sevilha, ao de Badajoz, e ao de Jaem, que vinhão a socorrer os Mouros de Alcaçar, com muito menos gente os venceo, e os quatro Reis forão mortos, e muita de sua gente.

**MAVORCIOS PERIGOS**, os da guerra.

**MAVORTE**, he o mesmo que Marte Deos da guerra.

**MECA**, Cidade de Arabia, em a qual ha hum poço, com cuja agua, dizem os Mouros, se lavava Mafamede, e por isso vão tantos a ella de diferentes partes em romarias, porque cuidão que este lavatorio sómente basta para sua salvação.

**MECOM**, rio grandissimo, o qual nasce na China, e corre pelo Reino de Camboja. Interpreta-se Capitão das aguas.

**MEDÉA**, filha de Eta, Rei de Colchos, grande feiticeira, e mui esperdiçada por Jason, por cujo amor matou a seu irmão, e fugindo de seu pai, lho hia lançando pelo caminho em pedaços, porque assi tivesse tempo para fugir, em quanto seu pai se detinha em os recolher.

MEDINA , lugar pequeno de Arabia , em o qual , dizem , está o Çançarrão , ou calcanhar de Mafamede.

MEDITERRANEO MAR , he aquelle que divide a Africa da Europa.

MEDUSA , filha de Phorceo , e de hum monstro marinho , cujo rosto mudava , a quem o via , em pedra , como succedeo a Atlante , Rei de Africa , o qual foi convertido em hum monte do mesmo nome.

MEGERA , filha de Acheronte , e da Noite , huma das tres Furiás que os Poetas fingem haver no Inferno.

MELIAPOR , ou MELIAPUR , Cidade no Reino de Narsinga , em a qual padeceo martyrio o Apostolo S. Thomé , que hoje está nella sepultado.

MELINDE , Cidade na costa de Africa , cujo Rei foi sempre grande amigo dos Portuguezes.

MELIQUE YAZ , hum Mouro , que de captivo de hum Mercador , veio a ser Senhor de Dio , Cidade rica , e bella da India.

MEM MONIZ , filho de Egas Moniz , aio e amo d'ElRei Dom Affonso Henriques , foi esforçadissimo Cavalleiro.

MEM RODRIGUES DE VASCONCELLOS , foi fidalgo mui valeroso no tempo d'ElRei Dom João o Primeiro.

MEMNON , filho de Titam , e da Aurora , de quem morto por Achilles , foi convertido em ave.

MEMNONIO , he o mesmo que Memnon.

MEMPHIS , he hoje a grã Cidade do Cairo no Egypto.

MEMPHITICO , quer dizer cousa do Egypto , onde Anubis Idolo era adorado em figura de cão.

MENÃO , rio , (cujo nome na lingua dos naturaes quer dizer Mãe das aguas ) divide de alto abaixo o Reino de Sião , e dizem que tem de comprimento mais de 300 leguas.

- MENEZES** : o primeiro foi Dom Duarte de Menezes filho herdeiro de Dom João de Menezes Conde de Tarouca, Prior do Crato, da Ordem de S. João, Capitão de Tangere, e Mordomo mór da casa d'ElRei Dom Manoel, e seu Alferes mór, pessoa notavel em Portugal, por seu sangue, e cavallaria. O segundo foi Dom Henrique de Menezes, o roxo de alcunha, de que atraz fica feita menção, na palavra Henrique.
- MEOTIS**, lagôa de Scythia na Região Septentrional, a que os Scythas chamárão Temerinda, que quer dizer, Mãe do mar. Outros lhe chamão mar delle Zabaccho, mar della Tana, mar branco, e ultimamente Carpaloe.
- MERCURIO**, filho de Jupiter, e de Maia, a quem os Poetas fazem nuncio dos Deoses.
- MEROE**, Ilha grandissima do Nilo, em a qual ha huma Cidade do mesmo nome, que, dizem, foi edificada por Caribiz, e lhe poz o nome de huma sua irmã alli sepultada: hoje se chama Neba.
- MILCIADES**, famoso Capitão Atheniense, o qual com muito pouco poder desbaratou junto a hum lugar chamado Marathona, Date General d'ElRei Dario.
- MINCIO**, rio que passa junto a Mantua, patria do grande Poeta Virgilio.
- MINERVA**, filha de Jupiter, e Deosa da Sabedoria, e de todas as Artes.
- MINHO**, rio em Portugal.
- MINYAS**, povos de Thessalia, os que passarão a Colchos em conquista do Vello de ouro, na náao Argos, a qual, dizem os Poetas, foi a primeira que no mundo houve.
- MIRAMUMINIM**, na lingua Arabica, quer dizer Prin-

cipe dos Grentes, e assi se intitulava hum Abdramon, Imperador dos Mouros, que, dizem, fundou a Cidade de Marrocós para Metropoli, e cabeça de seu estado.

MIRHOCEM, foi hum Capitão do Soldão do Egypto.

MOÇAMBIQUE, huma povoação pequena em a costa de Ethiopia: a qual he hoje a principal escala que as nossas náos tem na viagem da India.

MOÇANDÃO, he hum Cabo chamado por outro nome Asaboro, entre Arabia, e Persia.

MOGOR, he o que commummente chamamos Tartaro.

MOLOSO, he o lebreo, chamado assi de Molosia, Provincia de Epiro, que hoje se diz Albania, donde vem os cães melhores d'aquella raça.

MOMBAÇA, lugar na costá de Melinde, em o qual he todo o mató de laranjaes.

MONÇAIDE, foi hum Mouro natural de Tunes, o qual estava em Calecut quando Vasco da Gamá alli chegou: e se fez tão familiar dos Portuguezes, com que havia communicado em Orão, que se veio com elles a Portugal, onde recebeu a Fé de Nosso Senhor Jesu Christo, em a qual morreo.

MONDEGO, rio que nasce e morre em Portugal.

MORPHÉO, fingirão os Poetas ministro ou filho do Somno.

MOÇOS, os de Moscovia.

MOSCOVIA, por outro nome a Russia, he hoje o Imperio do Grão Duque: em o qual ha o animal Zebello, cujas pelles são tão prezadas como as marilhas, e se dizem commummente arminhos.

MOURA, Villa de Portugal, na Provincia de Alemtejo.

MOYSÉS, primeiro Legislador, e Doutor da Lei Divina.

MULUCA, rio do Reino de Fez, em Africa.

**MURICE**, certo marisco, do qual se tira a côr vermelha, que chamão purpura.

**MUSAS**, forão nove filhas de Jupiter, e Mnemosyne, as quaes, se diz, forão inventoras dos versos, e por taes invocadas dos Poetas.

**MYRRA**, filha de Cinyra, Rei de Chypre, e mãe de Adonis, tão luxuriosa, que se deitou occultamente com seu proprio pai, e finalmente, dizem, foi convertida em a arvore de seu nome.

### N.

**NABATHEOS MONTES**, ou **NABATHEAS SERRAS**, são as terras do Oriente, onde he a Região Nabathea, chamada assi de Nabath, primogenito de Ismael, que nella reinou, cuja Metropoli he Petra.

**NAIADES**, ou **NAIDES**, são as Nymphas das fontes, e dos rios.

**NAIRES**, sobrenome dos nobres entre os Malabares, gente da India.

**NAPOLES**, chamada Parthenope, de huma Sirena deste nome, he huma illustre e formosa cidade na Campania, região de Italia, e cabeça do reino do mesmo nome.

**NARSINGA**, reino grande e rico do Oriente, o qual por outro nome se chama Bisnagá, da grandissima cidade Bisnagá, cabeça e metropoli do reino.

**NAVARRA**, parte e reino septentrional de Hespanha.

**NAVARRO**, o de Navarra.

**NECTAR**, dizem os Poetas, que he o beber dos Deoses, como a Ambrosia, o comer.

**NEMÉO**, animal, he o leão, que Hercules matou no bosque Neméio em Achaia.

**NEMESIS**, chamada por outro nome Rhamnusia, foi

filha do Oceano, e da Noite, e tida dos antigos por Deosa da Justiça.

NEPTUNO, filho de Saturno, e de Opis, foi entre os antigos tido por Deos do mar, e o principal de todos os Deoses marinhos. Toma-se algumas vezes pelo mesmo mar.

NEREIDAS, as Nymphas filhas de Nereo, e de Doris.

NEREO, Deos do mar, filho do Oceano, e Thetys, o qual da Deosa Doris sua mulher teve grande numero de filhas, as quaes se dizem Nereides; figuradamente se toma tambem pelo mesmo mar.

NERO, cruellissimo Imperador dos Romanos.

NHAIA, he Pero da Nhaia, Castelhana, mas casado em Portugal, e morador em Santarem, o qual fez a Fortaleza de Sofala, e matou o Rei Mouro da terra, que lho queria impedir.

NICOLA' O SACRO, pelo bemaaventurado São Nicoláo, grande advogado dos navegantes.

NICOLA' O COELHO, Capitão de hum dos quatro navios (tres de guerra, e hum de mantimentos) com que Vasco da Gama foi em descobrimento da India.

NILO, rio grandissimo do Egypto, e hum dos maiores do mundo, o qual nasce em hum monte da inferior Mauritania; e dividindo Africa de Asia, entra no mar por sete bocas.

NILOTICAS ENCHENTES, as do Nilo.

NINO, fill'o de Belo, que foi o primeiro Rei de Assyria, e de Semiramis, a qual se diz que foi criada pelas pombas.

NIOBE, filha de Tantaló, irmã de Pelope, e mulher de Amphion, Rei de Thebas, a qual por se querer preferir a Latona, foi convertida em pedra.

NISA, cidade da India, em a qual nasceo Baccho.

- NISE**, Nympha do mar, filha de Nereo.
- NOBA**, Vide Meroe.
- NOCTURNO DEOS**, he Erebo, que os Poetas fazem casado com a noite, e dizem ser o porteiro do Sol.
- NOÉ**, pai de Sem, Cham, e Japhet: foi o primeiro Patriarcha da segunda idade, o qual depois do diluvio ensinou o modo de plantar as vinhas.
- NOROEGA**, Provincia da Europa Septentrional.
- NORONHA**, he Dom Garcia de Noronha, Viso-Rei que foi da India.
- NOTO**, he o vento Sul, ou Vendaual.
- NUNO**, ALVARES PEREIRA, Condestavel de Portugal no tempo de D. João primeiro.
- NYMPHAS**, Deosas que os Poetas fingem; das quaes as que presidem nas aguas se chamão Naiades, as que nos montes, Oreadas; as que nas arvores e bosques, Dryades, Hamadryades, e Napéas.
- 
- OBI**, rio do Oriente.
- OBIDOS**, Villa de Portugal.
- OCEANO**, filho de Celo, e Vesta, Deos do mar, casado com Thetys, e pai de todos os rios, e fontes. Os Poetas o tomão por qualquer mar.
- OCTAVIANO**, Cesar Octaviano, Imperador de Roma.
- OCTAVIO**, he o mesmo que Octaviano.
- OGYIA**, Ilha no mar Ionio.
- OJA**, Cidade na costa de Melinde.
- OLYMPICA MORADA**, he o Ceo.
- OLYMPO**, monte de Macedonia, chamado hoje de Santa Cruz, pelo successo que alli teve Santa Helena vinda de Hierusalem. Diz que he tão alto, que

passa a Região do ar , e ordinariamente se toma pelo mesmo Ceo.

OMPHALE , Rainha de Lydia , por quem Hercules fez grandes extremos , até fiar e lavar como mulher.

OPHIR , Região célebre na sagrada Escripura , abundantissima de ouro , pelo que alguns suppoem ser a Ilha Samatra , junto a Malaca.

ORIA's , povos ao longo do rio Ganges.

ORIENTE , onde o Sol nasce , e assi se toma pela India.

ORIONTE , constellação , junto ao signo de Tauro : os Poetas o fazem filho de Neptuno e de Mercurio , gerado da ourina de ambos.

ORTHYA , nome de huma das Nymphas do mar , amada do vento Boreas.

ORIXA : Reino do Oriente , o qual começa da terra de Narsinga , e acaba no cabo Segogosa.

ORLANDO , por opinião de Marco Antonio Sabellico foi verdadeiramente hum daquelles Paladinos valerosos e esforçados nas armas , as quaes em muitas empresas tiverão singulares e gloriosas victórias.

ORMUZ , Cidade inclita da India , situada em huma pequena Ilha , chamada Gerum , em a garganta do mar Parseo.

ORPHÉO , filho de Apollo , e de Musa Calliope , Poeta excellentissimo , e amante de Eurydice.

OTTOMANO , nome dos Imperadores de Turquia.

OURIQUE , lugar no Reino do Algarve.

## P.

PACHECO , he Duarte Pacheco Pereira , que venceu sete vezes o Imperador do Malabar , chamado entre elles Samori , vindo de todas com grande poder. Em

- satisfação do que , depois de muitas perseguições , veio a morrer pelos hospitaes.
- PACTOLO**, rio de Lydia, que dizem levar aréas de ouro.
- PADO**, o mais famoso rio de toda Italia : os Gregos lhe chamão Eridano , e nós vulgarmente o Pó.
- PAIO**, he Dom Paio Correa, Portuguez de nação, mestre de Calatrava em Castella, grande Cavalleiro, e perseguidor de Infieis.
- PALLAS**, he Minerva.
- PALMELLA**, Villa de Portugal, e cabeça dos cavalleiros da Ordem de Sant-Iago.
- PAM**, neste Poema não he o Deos dos Pastores, mas hum Reino do Oriente.
- PANANE**, huma das principaes povoações d'ElRei de Calecut.
- PANCHAIA**, Região de Arabia, em a qual ha muitas arvores de incenso.
- PANNONIOS**, os de Pannonia, Região vastissima de Europa, agora dita Hungria.
- PANOPEÁ**, Nympha do mar, filha de Nereo e Doris.
- PANTHEA**, mulher de Abradatas, Rei dos Susos, formosa e casta. Vide Araspas.
- PAPHIA DEOSA**, he Venus, de Paphos.
- PAPHOS**, Cidade da Ilha de Chypre, dedicada a Venus, donde foi chamada Paphia.
- PARCAS** : são tres, Cloto, Lachesis, e Atropos, filhas de Erebo e da Noite, as quaes dizem os Poetas, que desde o nascimento de huma creatura dispõe de sua vida, como lhes parece, fiando; e assi pintão Cloto com a roca, Lachesis fiando, Atropos cortando o fio.
- PARES**, erão doze pessoas, seis Ecclesiasticos, e seis Seculares, que Carlos Magno, Rei de França, esco-

lheo entre os principaes do Reino , para os levar comsigo á guerra ; e chamou-os Pares , que foi tanto como se os chamára iguaes. Por outro nome se dizem Paladinos.

**PARNASO** , monte de Phocis , dedicado ás Musas ; ao pé do qual está a fonte Castalia , cuja agua tinha tal virtude , que os que bebião della ficavão logo Poetas.

**PARSEOS** , he o mesmo que Persas.

**PARTHENOPE**. Vide Napoles.

**PATANES**, povos da India , poderosos em gente , e terras.

**PAULO** : hum foi o bemaventurado São Paulo , Apostolo de Christo ; o qual hindo preso para Roma , teve no mar huma grandissima tormenta. O outro , Paulo da Gama , irmão de Vasco da Gama , descobridor da India.

**PEDRO** : de muitos faz o Poeta menção. Seja o primeiro S. Pedro , Principe dos Apostolos. O segundo , D. Pedro , Rei de Portugal , filho d'ElRei D. Affonso o Quarto. O terceiro , o Infante D. Pedro , filho d'El-Rei D. João o Primeiro , o qual foi Duque de Coimbra , e Governador de Portugal em tempo d'ElRei D. Affonso o Terceiro , seu sobrinho ; o qual Infante esteve em Allemanha , onde fez muitas cousas memoraveis. O quarto , o Conde D. Pedro , filho de D. João Affonso de Menezes , Conde de Vianna ; foi o primeiro Capitão e Governador de Ceita , a qual defendeo de dous cercos valerosissimamente contra toda a Barbaria. O quinto , D. Pedro de Sousa , Capitão de Ormuz , muito esforçado cavalleiro. E o Sexto , Pedro Rodrigues , chamado do Alandroal , por ser Alcaide mór desta villa , cavalleiro de muito valor , em tempo d'ElRei Dom João o Primeiro.

**PEGU'**, Reino Oriental, em o qual ha muito ouro, pedras preciosas, e abundancia de mantimentos.

**PELEO**, Rei de Thessalia, o qual foi casado com Thetys, senhora do mar.

**PENATES**, os Deoses, a que honravão os Gentios dentro de suas casas.

**PENO ASPERRIMO**, he Annibal.

**PERILLO**, hum homem de grande engenho, natural de Athenas, o qual inventou a Phalaris Tyranno hum genero de tormento para matar os homens; que foi hum touro de metal, em o qual mettidos os homens, e posto debaixo fogo, bramião como touros; e o primeiro que padeceo esta cruel morte, foi o mesmo artifice.

**PERSAS**, são os moradores de Persia.

**PERSIA**, Região de Asia.

**PHAETON**, OU **PHAETONTE**, filho do Sol e de Climene, querendo governar o carro de seu pai, abrazou o mundo, até que Jupiter o matou com hum raio.

**PHALARIS**, Tyranno de Sicilia, o qual não passava o tempo mais que em inventar generos de tormentos, com que matar os vassallos, depois de lhes tirar as fazendas.

**PHARAÓ**, Rei do Egypto, o qual foi castigado de Deos, por mandar lhe levassem á casa Sara, mulher de Abrahão.

**PHASIS**, rio grandissimo, que nasce no monte Caucasus, e passa por Colchos, Provincia de Asia, chamada hoje Mingrelia, sujeita ao Grão Khan, senhor de Tartaria.

**PHEACES**, Ilha, a que hoje chamamos Corfú, e outros Corcyra, da qual era natural Demodoco, musico excellente.

**PHOBO**, e **Apollo**, são nomes do Sol: o qual, e a **Lua**, dizem os Poetas ser filhos de **Jupiter** e de **Latona**, nascidos ambos na Ilha **Delos**.

**PHENIX**, ave fabulosa, da qual os **Egyptios** fizeram huma divindade.

**PHILAUCIA**, he o amor próprio.

**PHILIPPE DE MENEZES** (Dom), Capitão de **Ormuz**, o qual houve grandes victórias na **India**.

**PHILIPPICOS CAMPOS**, chamados assi da cidade **Philippos**, em os quaes foi aquella batalha de **Cesar** e **Pompeio**, e a de **Octaviano** e **Marco Antonio**, contra **Bruto**, **Cassio**, e outros conjurados.

**PHILIPPO**, Rei de **Macedonia**, pai do grande **Alexandre**.

**PHILOMELA**, he o rouxinol, em que foi convertida huma filha de **Pandion** deste nome.

**PHILEGON**, hum dos cavallos do **Sol**.

**PHOCAS**, lobos marinhos.

**PHORMIÃO**, Philosopho da seita dos **Peripateticos**, o qual, hindo hum dia **Annibal** ouvi-lo á sua escola, lhe fez huma larga oração sobre o officio do bom Capitão, e cousas tocantes ao exercicio da guerra, com tanta eloquencia, que os circumstantes ficárão todos admirados, excepto **Annibal**, que só o teve por doudo.

**PHRYGIOS**, he o mesmo que **Troianos**.

**PINDO**, monte de **Macedonia**, dedicado a **Apollo** e ás **Musas**.

**PIRITHOO**, filho de **Ixião**, intimo amigo de **Theseo**.

**PLINIO**, dito **Caio Plinio segundo**, natural de **Verona**, viveo nos tempos de **Vespasiano**, cujos negocios administrava. Escreveo huma obra da **Natureza das cousas**, e morreo em huma irrupção do monte **Vesuvio**, querendo observa-la de perto.

- PLUTÃO**, Rei dos Infernos, segundo os Poetas.
- POLEA'S**, são pela maior parte escravos dos Naires, em a India, e tão vis entre elles, que o Naire que trata com Poleá, tem pena de morte: e o Poleá nunca póde medrar, nem ser mais, nem ter outro gráo de honra.
- POLICENA**, filha de Priamo, Rei de Troia. Vide Pyrrho.
- POLIDORO**, filho de Priamo, Rei de Troia, ao qual matou Polimnestor, Rei de Thracia, por avareza.
- POLIMNESTOR**, Rei de Thracia.
- POLONIOS**, os de Polonia, provincia vastissima de Europa.
- POLOS**, são dous pontos astrologicos, que communmente chamamos Norte e Sul, e de ordinario este nome Polo se toma pelo Ceo.
- POLYPHEMO**, Cyclope, filho de Neptuno e da Terra, o qual dizem os Poetas tinha hum só olho na testa, tão grande como humã rodella. Este era fero, cruel, e comia carne humana.
- POMONA**, tinhão-na os antigos por Deosa da fructa.
- POMPEIO**, chamado Magno por suas victórias e triumphos, foi vencido de Cesar, mas só nisto seu inferior.
- POMPILIO**, foi Numa Pompilio, Rei dos Romanos, o qual depois de se aquietar com seus inimigos, se deo todo ao culto dos Deoses.
- PONDA**, fortaleza do Hidalcão, tres leguas de Goa pelo sertão dentro.
- PONENTE**, onde o Sol se põe.
- PORO**, antigo Rei de Guzarate, grande cavalleiro, muito esforçado e bellicoso.
- PRASSO PROMONTORIO**, he o que communmente chamamos Cabo das Correntes.
- PROGNE**, filha de Pandião, Rei de Athenas, e irmã de

Philomela, a qual matou a seu filho, e o deo a comer a Tereo seu pai, convertida depois em andorinha.

PROMETHEO. Vide Japeto.

PROTHEO, monstro marinho, do qual contão os Poetas, que se transformava em varias fórmas. Este tem euidado dos peixes do mar, que he o seu gado, e he grande adivinhador.

PTOLOMEO, Astrologo insigne, natural do Egypto. Vide Arsinoe.

PYRENE, filha d'ElRei Bebryce, a qual morta pelas fêras, foi sepultada em os montes, que de seu nome se chamárão Pyreneos, os quaes dividem a França de Hespanha.

PYRENEO, Vide Pyrene.

PYROIS, nome de hum dos cavallos do Sol.

PYRRHO, filho de Achilles e de Deidamia, o qual por vingar a morte de seu pai, sacrificou em seu sepulcro a Policena, filha de Priamo, Rei de Troia.

## Q.

QUEDA, Cidade do Reino de Sião.

QUILMANCE, lugar situado na boca do rio Rapto, chamado por outro nome Oli, junto ao Reino de Melinde.

QUILOA, Cidade na costa de Melinde, toda cercada de mar, a qual tem muitos palmares, e muitas arvores, e hortaliças, como as de Hespanha.

QUINTO FABIO, cognominado Maximo, Dictator Romano, o qual com cautelas, e ardis, destruiu a Annibal sem lhe dar batalha.

QUIRINO, he Romulo, primeiro fundador de Roma.

## R.

- REGULO , foi Marco Attilio Regulo , Consul Romano , o qual preferio sacrificar a vida, a ver sua patria perdida.
- REPELIM, Cidade no Malabar.
- RHAMNUSIA, he o mesimo que Nemesis , Deosa da Justica , inimiga dos soberbos , e grande sopeadora dos presumidos.
- RHENO, grande rio, que nasce nos Alpes, e divide a Franca da Allemanha.
- RHENO, pequeno rio, que nasce do Apenino para Pistoia, e passa junto a Bolonha.
- RHODAMONTE, hum famoso Paladino, em as poesias de Orlando.
- RHODANO, chamado por outro nome Rhône, Rio que nasce nos Alpes, e entra no mar Mediterraneo.
- RHODAS, Ilha no mar Carpathio, antiguamente assento dos cavalleiros de S. João, hoje possuida dos Turcos.
- RHODOPE, monte de Thracia.
- RIPHEOS, montes septentrionaes de Scythia.
- ROÇALGATE, cabo insigne na Arabia Feliz, onde começa o Reino de Ormuz.
- RODRIGO, entende-se Bivar, chamado commummente o Cid Rui Dias, que foi valeroso nas armas, e ganhou muitas terras aos Mouros, havendo muitas victórias delles.
- ROGEIRO, hum dos Paladinos, de que tratei na dicção Orlando.
- ROMA, Cidade a mais célebre e nomeada de todo o mundo, por haver n'outro tempo subjogado e mettido debaixo de sua obediencia quasi todas as nações e provincias que estão debaixo do Ceo, e

por ser ao presente a cidade metropolitana de toda a christandade.

ROMANOS , os de Roma.

ROMULO , primeiro fundador e primeiro Rei de Roma.

RUI PEREIRA , cavalleiro esforçado , e leal Portuguez.

RUMES , são os Turcos , chamados assi por virem (como o poeta diz) da casta dos Romanos.

RUTHENOS , chamados por outro nome Roxolanos , ou Russios , são os do Reino de Polonia.

### S.

SABA' , muito nomeada na Escriptura sagrada , foi Rainha do grande Imperio do Preste João na Ethiopia.

SABEAS COSTAS , as de Arabia , onde está a cidade Sabá: he terra abundante de incenso , e de especies odoríferas.

SALACIA , Deosa do mar , mulher de Neptuno.

SALADINO , Soldão de Egypto , que ganhou a santa cidade de Hierusalem , anno 1187.

SALAMINA , Ilha no mar Euboico , defronte de Athenas , onde Xerxes , por valor de Themistocles , foi desbaratado: nesta terra querem os naturaes que nascesse o poeta Homero.

SAMARIA , Cidade de Syria , entre Judéa e Galiléa.

SAMATRA , Ilha grandissima , e muito formosa , no Oriente , a qual dizem que antiguamente foi huma mesma cousa com Malaca.

SAMNITICO JUGO. Vide Caudinas forcas.

SAMORI , he o nome appellativo do Senhor do Reino de Calecut , o qual soa tanto como Imperador , por elle ser o maior Rei de toda aquella costa.

SAMPAIO , foi Lopo Vaz de Sampaio , cavalleiro muito

- esforçado , Governador na India , onde fez cousas maravilhosas.
- SANAGA', rio que divide a terra dos Mouros Azenegues em Africa, dos primeiros negros de Guiné, chamados Gelofos.
- SANCHO : o primeiro ElRei D. Sancho , filho d'ElRei D. Affonso Henriques , muito esforçado e valeroso ; e o segundo, ElRei Dom Sancho Segundo , chamado Capello, filho d'ElRei Dom Affonso o Segundo , remisso e descuidado.
- SANSÃO, Hebreo de nação , filho de Manué, da Tribu de Dan, foi milagrosamente dado por Deos a Manué, sendo esteril sua mulher , para destruição dos Philistheos inimigos de seu povo. Tinha a fortaleza nos cabellos da cabeça.
- SANTAREM, Villa nobre de Portugal , junto ao Tejo , quatorze leguas de Lisboa.
- SANT-IAGO , Apostolo sagrado ; Padroeiro dos Hespanhoes.
- SARA , mulher de Abrahão. Vide Pharaó.
- SARAMA PERIMAL , o derradeiro Rei de todo o Malabar ; que ao tempo que alli chegou Vasco da Gama , haveria seiscentos annos era fallecido.
- SARDANAPALO , ultimo Rei dos Assyrios, monstro de sensualidade e luxuria.
- SARMATAS , os de Sarmacia , provincia antiga , chamada agora Livonia.
- SARMACIO OCEANO , mar de Sarmacia.
- SARRACENOS , nome de que os Mouros se jactão muito, dizendo que procedem de Sara, mulher de Abrahão.
- SATURNO , filho de Celo e Vesta , do qual fingem os poetas que comia todos os filhos que Opis, sua mulher paria, e assi he figura do tempo que tudo gasta.

SAUL , primeiro Rei d'Israel , em cujo tempo o Santo David matou aquelle soberbo Gigante Goliath , ou Goliath.

SAXONES , povos de Allemanha.

SCABELICASTRO , he Santarem.

SCEVA : este foi Cassio Sceva , Capitão valerosissimo de huma companhia de Cesar.

SCINIS , ladrão consumado , o qual costumava matar todos seus hospedes com hum grande genero de tormento.

SCIPIÃO , foi Publio Cornelio Scipião , chamado o Africano , pelas grandes façanhas que em Africa praticou, principalmente na destruição de Cartago.

SCYLLA : de duas faz o poeta menção. Huma foi filha de Phorco , amante e amada de Glauco , a qual foi convertida em hum cachopo , que está no estreito de Messina , entre Italia , e Sicilia , por arte e industria da ciosa Circe : a outra foi filha de Niso , Rei dos Magarenses , a qual foi occasião da morte de seu pai , por amor d'ElRei Minos , a quem ella muito queria.

SCYTHAS , os de Scythia , vastissima Região Septentrional : os quaes tiverão antigamente grandes contendas com os Egepcios , sobre a antiguidade de suas patrias e nações.

SEMELE , mãe de Baccho.

SEMICAPRO PEIXE , he o que vulgarmente dizemos Capricornio , signo celeste , o qual se pinta meio peixe , meio cabra.

SEMIAMIS , Rainha dos Assyrios , infame por sua luxuria , ainda que bella e valerosa.

SÉQUANA , he o rio Sena , que passa por meio da grã cidade de Pariz em França.

- SERPA , villa de Portugal, na comarca do Alemtejo.
- SEPTENTRIONAL META, he o Norte.
- SERTORIO , natural de Nursia ( que hoje chamamos Nezza em Italia ), o qual recolhendo-se a Hespanha, fez grandes guerras aos Romanos , e lhes venceu muitos capitães. Este fez seu assento em Evora , a que ennobreceo muito , e fez trazer a ella a agua da prata para seu ornato e provimento.
- SEVILHA , cidade célebre em Hespanha, pela qual passa o rio Bethis.
- SIÃO , Reino poderoso da India.
- SICHEM , filho de Hemor, foi morto , e todos os seus , e a terra destruida, por tomar Dina a Jacob seu pai.
- SICILIA , Ilha famosa , e assaz conhecida , a qual foi antiguamente junta com Calabria , e a dividio hum terremoto , pondo em meio aquelle mar chamado Estreito de Messina. Foi mãe dos maiores tyrannos do mundo.
- SICULO MAR , o de Sicilia.
- SIENE , cidade de Egypto , em a qual dizem , que em certo tempo do anno são nella tão perpendiculares a hora de meio dia os raios do Sol, que em nenhuma parte ha sombra.
- SINAÏ , monte altissimo de Arabia , em o qual Deos deo a Lei a Moysés ; e está hoje hum mosteiro de Religiosos da vocação da Virgem e Martyr Santa Catharina, que nelle tem sua sepultura.
- SINON , Grego , traidor , celebrado de Virgilio em a destruição de Troia.
- SINTRA , terra de Portugal , tão fresca , que no mesmo tempo em que muitos lugares ao redor della estão ardendo em fogo , tem grandes orvalhados, e rocios.

**SIQUEIRA**, foi Diogo Lopes de Siqueira, que succedeo na governança da India a Lopo Soares de Albergaria; o qual entrou pelo estreito do mar Roxo com huma frota de 24 vélas.

**SIRACUSA**, cidade de Sicilia.

**SMIRNA**, cidade na Asia menor; a qual, segundo a mais celebrada opinião, foi patria de Homero, principe dos Poetas.

**SOARES**, foi Lopo Soares de Albergaria, Governador da India; o qual passou ao estreito do mar Roxo com 36 vélas, em que levava tres mil Portuguezes, com que meteo em grande temor e confusão os habitantes daquellas paragens.

**SOCOTORA'**, Ilha entre o Cabo de Fartaque, e o de Guardafú, em a qual se dá o páo Aloe, que he, como o páo de Aguila, muito prezado.

**SOFALA**, povoação na costa de Mombaça.

**SOLDÃO**, titulo dos Reis de Egypto, sujeito hoje ao grão Turco.

**SOPHENOS**, os de Sopheno, provincia de Suria, gente molle e effeminada.

**STRABO**. Vide Estrabo.

**SUA'QUEM**, cidade, e porto, o melhor de todo o estreito do mar Roxo, cercado do mar á maneira de ilha; a qual não occupa mais terra que a cidade: cujas casas são ao modo de Hespanha.

**SUECIO**, o de Suecia, provincia de Escandinavia.

**SUEZ**, lugar pequeno e nobre, na costa do mar Roxo, antigamente dito Arsinoe, de huma filha ou irmã de Ptolomeo, Rei do Egypto, que o fundou.

**SUMANO**, he o mesmo que Plutão, a que os antigos chamarão Deos do Inferno.

**SUNDA**, Ilha do Oriente, além de Samatra, em a qual

- ha pimenta muito boa, e hum rio, que não soffre sobre si cousa alguma por levê que seja.
- SYLLA**, nobre Romano, da antiga familia dos Scipiões, mas cruel e facinoroso: morreo coberto e comido de piolhos.
- SYLVES**, cidade no Reino do Algarve.
- T.**
- TAGIDES**, as Nymphas do rio Tejo, chamado antigamente Tago.
- TANAIS**, dito commummente Tana, rio que nasce nos montes Tiphéos, e divide a Asia da Europa.
- TANOR**, lugar na costa de Melinde.
- TAPROBANA**. Vide Ceilão.
- TARIFA**, cidade de Andalusia, dita antigamente Tarteso.
- TARPEIA**, huma donzella, filha de Tarpeo Romano, Alcaide mór da fortaleza de Roma, a qual com cobiça de humas manilhas que os Sabinos, inimigos dos Romanos, lhe promettêrão, deo ordem para entrarem no castello, e em lugar de manilhas lhe derão a morte.
- TARQUINO**, foi Sexto Tarquino, filho de Tarquino o soberbo de alcunha, por commetter adulterio com Lucrecia, mulher de Collatino, acabou mal fóra de Roma, e seu pai perdeu o Reino.
- TARRAGONEZ**, o da provincia Tarragonense, huma das tres em que Hespanha foi dividida, a qual se chamou assi da cidade Tarragona, sua metropoli.
- TARTESIOS**, são os Andaluzes, de Tarteso, que he Tarifa, cidade de Andalusia.
- TAURO**, hum dos maiores montes do mundo, o qual

abrange toda Asia, desde o Oceano Oriental até o Septentrional; mas com diferentes nomes, conforme as várias nações por onde passa.

TAVAI, cidade antigamente do Reino de Sião, hoje a ultima do Reino de Pegú.

TAVIRA, lugar no Reino do Algarve.

TEJO, rio mui celebrado dos antigos por suas áreas de ouro: nasce nas serras de Conca, cidade de Castella a velha, e entra no Oceano, quatro leguas de Lisboa.

TEMISTITÃO, he nome da cidade Mexico, na Nova Hespanha.

TENESSARI, cidade do Reino de Sião, no Oriente, em aqual se dá a melhor pimenta do mundo, como tambem em Quedá, cidade do mesmo Reino.

TERESA, mulher do Conde Dom Henrique, pai d'ElRei Dom Affonso Henriques, o Primeiro de Portugal, a qual foi filha d'ElRei Dom Affonso o Sexto, Imperador de Hespanha.

TERNATE, hum das ilhas do Malaco, da qual sahem chamma de fogo.

THAUMANTE, pai de Iris, mensageira dos deoses, e principalmente de Juno: toma-se pelo arco celeste que communmente dizemos da velha.

THEBANO, he Baccho, porque sua mãe Semele foi de Thebas.

THEMISTOCLES, Capitão Atheniense de grande nome.

THEOTÔNIO, foi Dom Theotônio, prior de Santa-Cruz de Coimbra.

THERMODOONTE, rio de Themiscyra, pequena Região, visinha de Cappadocia, junto ao qual vivião antigamente as Amazonas.

THERMOPYLAS, passo aspero e estreito, que ao longo

- da praia faz o monte Oeta de Macedonia , região da Grecia. O qual, Leonidas Rei de Sparta, com pouca gente , defendeo de hum grandissimo exercito de Xerxes, Rei dos Persas.
- THESEO**, filho de Egeo, Rei de Athenas, Heroe clarissimo, emulo de Hercules, e amigo grande de Pirithoo.
- THESIPHONIO**, ou **CTESIPHONIO**, artifice famoso, que fez o Templo de Diana em Epheso.
- THETYS**, filha de Celo e Vesta, deosa do mar; e de ordinario se toma pelo mesmo mar.
- THOMÉ**, S. Thomé, Apostolo de Jesu-Christo, o qual esteve e padeceo martyrio na cidade de Meliapor, onde está sepultado.
- THRACES**, os de Thracia, Região de Grecia, chamada hoje Romania.
- THYNEO**, he Baccho.
- TIBRE**, celeberrimo rio de Italia, o qual aparta o Janiculo da cidade Roma.
- TIDORE**, huma das ilhas de Maluco, na India.
- TIGRIS**, rio famoso na Armenia menor, o qual entra no mar da Persia.
- TIMAVO**, rio dos Venezianos, ao qual os antigos chamavão mar, por ter a agua salgada: entra no mar Adriatico com sete, ou nove bocas, e huma dellas de agua doce.
- TIMOR**, Ilha do Archipelago, onde estão as Malucas.
- TINGE**, Cidade na Mauritania, e edificada por Anteo, Rei da ultima parte de Mauritania; hoje se diz Tanger.
- TINGITANA TERRA**, quer dizer terra de Barbaria.
- TIRYNTHIO**, he Hercules, chamado assi de Tirynthia, sua patria, em Grecia.

- TITAM**, fingem os poetas pai da Aurora, que he a manhã.
- TITO**, filho de Vespasiano, o qual tomou a Hierusalem, e a assolou, e queimou, não deixando pedra sobre pedra.
- TITYRO**, pastor celebrado de Virgilio.
- TOBIAS**, nome proprio, celebrado nas sagradas letras: pelo seu guiador se entende o Archanjo S. Raphael.
- TOLEDO**, Reino de Hespanha, chamada assi de huma Cidade deste nome, sua metropoli.
- TONANTE**, he Jupiter.
- TORMENTORIO CABO**, he o que commumente chamamos de Boa Esperança.
- TORO**, lugar que fica dezoito leguas do Monte Sinai, muito falto de agua.
- TORQUATO**, chamava-se Tito Manlio, homem excellente, e tão observador da disciplina militar, que fez morrer hum proprio filho, ainda que vencedor, por haver combatido sem sua ordem.
- TORRES VEDRAS**, Villa de Portugal.
- TRAJANO**, Imperador dos Romanos, Hespanhol de nação, o qual sujeitando várias Nações por mar e por terra, conquistou até á India, mas não entrou nella.
- TRANCOSO**, Villa famosa de Portugal.
- TRITÃO**, filho de Neptuno e de Salacia, senhores do mar, e seu trombeta.
- TROIA**, cidade antiguamente célebre em a Phrygia, provincia de Asia menor, junto do Hellesponto, a qual foi destruida pelos Gregos, sem ficar pedra sobre pedra.
- TROPICO**, ou **TROPICOS**, certos pontos astronomicos, entre os quaes o Sol faz o seu giro annual. Hum

- se chama de Cancro, da banda do Norte: hum de Capricornio, da banda do Sul.
- TRUDANTE**, cidade populosa de Bárbaria.
- TURCOS**, os povos de Turquia.
- TUSCOS**, os mesmos que Toscanos, de Toscana, região de Italia.
- TUTUÃO**, lugar fronteiro de Africa.
- TUY**, cidade no Reino de Galliza.
- TYPHEAS ARMAS**, são os raios de que Jupiter usava.
- TYPHEO**, Gigante, filho de Titano, e da Terra, inimigo capital de Jupiter e dos outros deoses.
- TYRIA CÔR**, he a gram, chamada alli de Tyro, cidade de Phenicia, que hoje se chama Suria, onde se faz excellentissima.
- TYRIOS**, os da cidade de Tyro, de quem se diz foi fundada a cidade de Cadiz.
- U.**
- ULCINDE**, reino no Oriente, entre Persia e Cambaia.
- ULYSSES**, o mais astuto e sábio de todos os Gregos que forão á guerra Troiana: foi filho de Laertes, Rei de Ithaca, Ilha; e fundador de Lisboa.
- ULYSSEOS MUROS**, os de Lisboa.
- UNGARO**, ou HUNGARO, o de Hungria, donde alguns dizem o nosso Conde D. Henrique.
- URSAS**, he a constellação que chamamos guardas do Norte.
- V.**
- VANDALIA**, he Andaluzia, chamada assi dos Vandalos, povos de Allemanha, que nesta parte fizeram assento.

VENEREO, cousa de Venus.

VENEZA, cidade formosa e rica, e de grandissimo trato e commercio, edificada no mar, de que está cercada, e se anda toda por mar.

VENUS, entre os antigos tida por Deosa da formosura, e dos amores lascivos.

VESPERO, ou HESPERO, he o Planeta Venus, que nas partes Occidentaes, em se pondo o Sol, apparece primeiro que todas as Estrellas, e Planetas, e antes que o Sol saia, se vê tambem no Ceo depois de escondidas as outras Estrellas.

VESTA, filha de Saturno, e de Opis, mãe de Thetys, senhora do mar.

VIRIATO, Portuguez valerosissimo, o qual de pastor, e depois de salteador, veio a levantar-se com toda Lusitania, por cuja defensão deo muito que entender aos Romanos, por espaço de 14 annos.

VULCANO, filho de Jupiter e Juno, entre os antigos venerado por Deos do fogo, esse toma pelo mesmo fogo: e os poetas dizem que elle fazia os raios a Jupiter seu pai. Foi casado com Venus, e fez tambem as armas a Enéas seu enteado.

## X.

XEQUE, quer dizer Governador na lingua Arabica.

XEREZ, lugar de Castella.

XERXES, filho de Dario, o mais poderoso Rei dos Persas.

## Z.

ZAIRE, rio grandissimo de Africa, cuja fonte está no sertão do Reino de Congo.

ZEBELLINOS ANIMAES, são os que communmente chamamos arminhos.

ZEILA, lugar na costa de Africa.

ZELANDA, terra do norte.

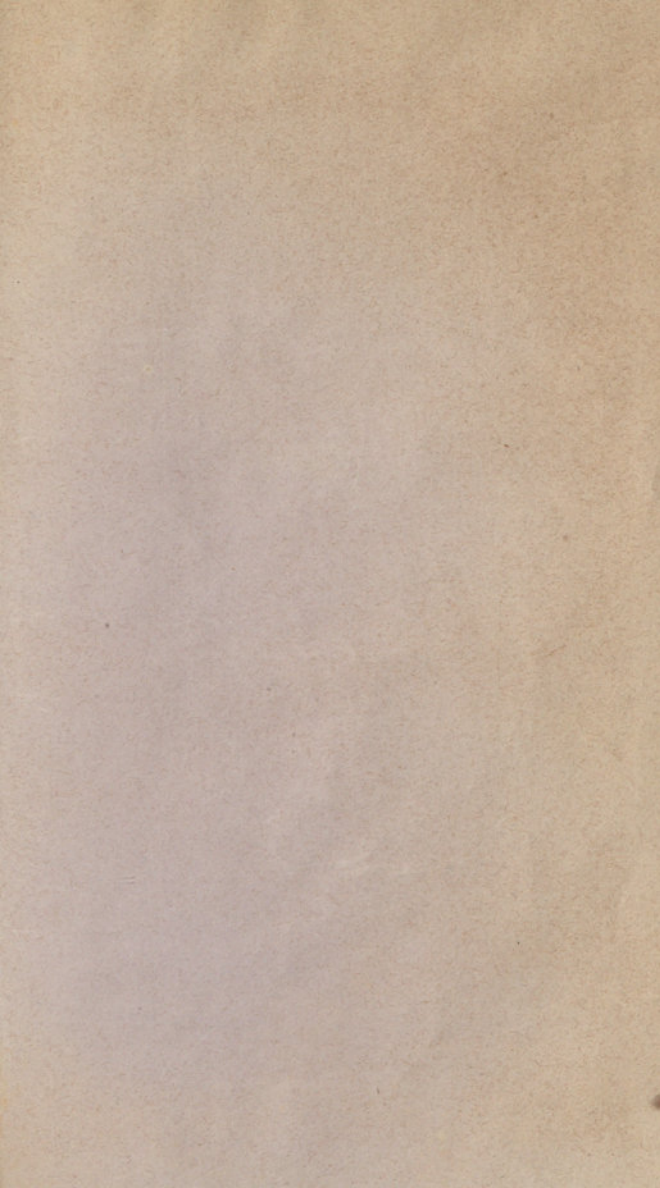
ZÉPHYRO, vento, que por outro nome chamamos Favonio, e viração, que corre no verão. Os poetas o fazem casado com Flora, Deosa das flores.

ZONA, circulo com que os Geographos dividem a terra, os quaes são cinco.

ZOPYRO, vassallo de Dario Rei dos Persas.

FIM DO DICIONARIO.







CAMONEANA

133

B. N. L.

